

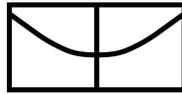
UnB

Universidade de Brasília
Centro de Excelência em Turismo

“Formação de Professores em Turismo”



Brasília, 2009



UnB

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Centro de Excelência em Turismo

Pós-graduação Lato Sensu

“Formação de Professores em Turismo”

**PATRIMÔNIO E PAISAGEM CULTURAL:
CONTRIBUIÇÃO AO RETRATO MEMORIALÍSTICO PARA O
DESENVOLVIMENTO DO TURISMO NO MUNICÍPIO DE CERQUILHO/SP**

MARIA ALICE GAIOTTO

Orientadora: Prof.a. PhD Cléria Botelho da Costa

Monografia apresentada ao Centro de Excelência em Turismo - CET, da Universidade de Brasília – UNB, como requisito parcial à obtenção do grau de Especialista em Formação de Professores na área de Turismo.

Brasília, 2009

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Centro de Excelência em Turismo

Pós-graduação *Lato Sensu*

Formação de Professores em Turismo

MARIA ALICE GAIOTTO

Aprovado por:

Orientadora: PhD Cléria Botelho da Costa

Dra. Nancy Aléssio Magalhães

Brasília, 22 de Junho de 2009.

DEDICATÓRIA

**À FORÇA MAIOR
AO UNIVERSO
À VIDA**

AGRADECIMENTOS

Ao *Verdadeiro MESTRE*, que me permite valorizar cada momento de VIDA;

Aos meus *Pais, Ivone e Elpidio*, que me proporcionaram mais essa oportunidade;

À PHD *Cléria Botelho da Costa*, pela presteza da orientação nesse trabalho;

À *Dra. Maria de Fátima Guerra*, pelas atitudes de coragem, humildade e verdadeira Amizade durante o Curso, *principalmente* pela sua honrosa presença na defesa desse trabalho; um eterno presente;

Aos Professores e Tutores das Disciplinas, que jamais pouparam esforços na difícil tarefa de ensinar para a desafiadora maestria na área de Turismo;

Aos amistosos funcionários do CET: Gleison Carvalho e Thiago Ritter;

Aos Colegas da Turma, que na virtualidade dos Fóruns me facilitaram o aprendizado.

Especial agradecimento à Alba Araújo Dantas, Antonio Emilio da Costa e Cássio Aoqui, pelas inúmeras mensagens trocadas e honrosas presenças na defesa desse trabalho;

Aos ilustres convidados, que não pouparam esforços para colaborar com essa pesquisa: a

Poeta e PHD *Cristiane Grando*, atual Diretora do Centro Cultural Brasil-República Dominicana, da Embaixada do Brasil, em São Domingos; a Artista Plástica *Meire Cristina Citroni de Almeida* - Coordenadora da Cultura, na Prefeitura Municipal de Cerquilha; a Poeta e Aposentada Servidora Pública Estadual *Isabel Pakes Ferraz*; o Artista Plástico *Valdemar Grando*, e o Engenheiro-Arquiteto *Jorge Rugardo Bercht*;

À *Tatiana Mussato*, ex-aluna da Arquitetura UNIVAP - São José dos Campos/SP, que tanto me incentivou para esse EAD, e a sua filha, *Luana*, linda criança, que fala por si.

Ambas, que me proporcionam a alegria de um teto amigo, em Brasília.

Aos amigos Wagner e Thais (pais da “Tati”), na gentileza e alegria dos abraços.

À *Beatriz Santiago Barros*, ex-aluna da Arquitetura UNIVAP e parceira nos diversos trabalhos científicos, que na sua amizade Joseense, mesmo à distância, jamais mediu esforços nas valiosas considerações nos meus escritos, entre eles, nessa Monografia;

A todos, que direta ou indiretamente colaboraram para a elaboração de mais esse trabalho científico, no carinho e na Amizade pelo “propósito” de Vida,

Muitíssimo obrigada!

EPÍGRAFE

“Ver a Cidade” - III

Para ver a cidade
Há que se ter saudade
Da idade
Em que a veracidade
Nos conduza nus,
Despidos de ganância, hipocrisia, maldade.

Para ver a cidade
Há que se ter coragem
E capacidade
De se enxergar muito além
Da velha imagem que se tem
De progresso, desenvolvimento e ordem.

Para ver a cidade
Com veracidade
Há que ter estilo zen...

Para ver a cidade
Há que se ter um tempo
Que corre lento, sem velocidade.
Bons tempos
Em que até tempestade
Era tempo bom, de verdade.

Para ver a cidade
Há que se ter serenidade
À noite, no sereno,
Sentir-se pleno como a mocidade
Que vê e vive e ama a cidade.
Amo a cidade como a mocidade.

Autoria: André Munhoz de Argollo Ferrão

“Ver a Cidade”
Campinas: Edição do Autor, 2008: 11

RESUMO

Neste trabalho, identificar o Patrimônio e Paisagem Cultural de Cerquilha/SP significa apreender e contribuir com o diagnóstico do seu retrato memorialístico para o desenvolvimento de propostas planejadas de Turismo. Para tal finalidade, foram escolhidos cinco nomes relacionados à gestão e/ou produção cultural que, de alguma maneira, possuam ligação com o lugar. A pesquisa exploratória, num primeiro momento, lastrou-se no levantamento e análise da documentação bibliográfica e iconográfica. Com a intenção de direcionar o assunto de forma mais específica ao objeto do estudo, justificativa primeira para a realização de pesquisas dessa natureza, num segundo momento, as visitas de campo seguiram o método da entrevista qualitativa, cuja metodologia interativa se baseia na interpretação da realidade das teorias do Patrimônio e Paisagem Cultural do lugar, que pretende embasar as propostas de turismo cerquilhense. A avaliação dos resultados da pesquisa serve como pano de fundo às interações sobre a construção histórico-cultural da memória e identidade cerquilhense enquanto legado dos seus antecessores, sem esquecer as manifestações do momento presente. Tal abordagem pretende entender e explicitar os benefícios trazidos por uma proposta sustentável de resgate da memória e do patrimônio histórico-cultural para esse município, localizado no interior paulista. O foco da pesquisa é a relação desse patrimônio com a comunidade representada pelos entrevistados. Panorama instigante, ainda dar novos desenhos para essa localidade, cuja população, em torno de quarenta mil habitantes, intensifica usos e ocupações do território, muitas vezes desordenados, que mesclam às atividades urbanas as campesinas da produção canavieira da cachaça, açúcar e álcool.

Palavras-Chaves: Patrimônio e Paisagem Cultural; Turismo; Cerquilha

ABSTRACT

Cultural Landscape of Cerquillo's City, located in the central east of Sao Paulo State, means seize and contribute with the diagnostic of the memory portrait for the development of proposal planned for tourism. For this work, were selected five names related to the management and/or cultural production which, somehow, have a connection with the place. The exploratory research, in the first moment, ballasts in the survey and in analysis of the bibliographic and iconography searches. With the intention to direct the issues more specifically for the object of study, first justification for the implementation of this kind of research, in a second moment, visits in the field follow the method of qualitative interview. This interactive methodology is based on interpretation of the reality of the heritage and cultural landscape of the place, with intends to give base for the tourism of Cerquillo city. The evaluation of the search results serves as a background to the interactions of the historical-cultural construction of the memory and identity in Cerquillo while the legacy of their predecessors, without forgetting the events of the present moment. This approach seeks to understand and explain the benefits of a proposal for sustainable recovery of memory and the historical-cultural heritage of this city, located in Sao Paulo. The focus of this research is the relationship between heritage and community represented in the interviewees. Panorama instigating even make new designs for this town, with population is around forty thousand habitants, increases uses and occupations of the territory, often disorderly, with merge the activities of the urban rural the sugar cane brandy, called *cachaça*, sugar and alcohol production.

Keywords: Heritage and Cultural Landscape; Tourism; Cerquillo.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Foto 01 - Ocupação desordenada no urbano-rural	16
Foto 02 – Esgoto, <i>in natura</i> (Rio Sorocaba, em Cerquilha/SP)	17
Foto 03 – “Lixo” no Rio Sorocaba (Cerquilha/SP)	17
Foto 04 - Porto de Areia (Rio Sorocaba, em Cerquilha/SP).....	17
Foto 05 – Mata Ciliar Devastada (erosão nas margens do Rio Sorocaba, em Cerquilha-SP)	17
Foto 06 – Queimada da Palha da Cana	18
Foto 07 - Chácaras: Bairro Represa do Rio Sorocaba	18
Foto 08 - Condomínios Fechados: Eixo da “Castelo Branco”	19
Foto 09 – Campeonato de “Slalon” – Cerquilha/SP	24
Foto 10 – Pesca Esportiva: Bairro da Represa	24
Foto 11 - Cristiane Grando (entrevistada)	54
Foto 12 - Meire Cristina Citroni de Almeida (entrevistada)	54
Foto 13 - Valdemar Grando (entrevistado).....	55
Foto 14 - Isabel Pakes Ferraz (entrevistada)	55
Foto 15 - Jorge Rugardo Bercht (entrevistado).....	55
Foto 16 – Praça “Pres. Kennedy”	62
Foto 17 – Matriz de “São José”	62
Foto 18 – Teatro Municipal (Frente: Entrada Principal)	62
Foto 19 – Teatro (Fundos: Vista da linha do trem)	62
Foto 20 – Estação Ferroviária (Frente: Rua “Soares Hungria”)	62
Foto 21 – Estação Ferroviária (Vista da linha do trem)	62
Foto 22 – “Restaurante Kantor”	63
Foto 23 – Rua “João Audi” (esquina c/ a rua “Dr. Campos”)	63
Foto 24 – Casa do saudoso “Sr. José Paes”	63
Foto 25 – Rua “Soares Hungria” (casario do centro de Cerquilha)	63
Foto 26 – Casa e Capela da “ <i>Família Grando</i> ”	64
Foto 27 – Capela “Na. Sra. do Rosário” (Propriedade da “Família Grando”)	64
Foto 28 – Propriedade da “Família João Grando”	64
Foto 29 – Trem de Carga, que passa em Cerquilha.....	64
Foto 30 – “Convívio”	65
Foto 31 - “Convívio” (ao fundo: antiga Estação de Trem)	65
Foto 32 - “Convívio” (à direita: Cabine de Força da Ferrovia)	65
Foto 33 – “Convívio” (Rua “Dr. Soares Hungria”)	65

Foto 34 – “Convívio” (ao fundo: Túnel e Cabine da Ferrovia)	65
Foto 35 – Hidrelétrica “São João”	66
Foto 36 – Represa “São João” (divisa de Municípios: Cerquilha e Jumirim)	66
Foto 37 – Antigo Prédio, na “Soares Hungria” (No térreo: Cine “São Francisco”. No superior: Câmara Municipal	73
Foto 38 – O mesmo Prédio, antes da demolição	74
Foto 39 – Casa do Saudoso “Nenzinho Corradi” (em demolição, no dia 10/Jun./2008)	74
Foto 40 – A mesma Casa, em Demolição (Ao fundo: Prédio do Antigo Cine e Câmara Municipal)	74
Foto 41 – O vazio no Tapume, após a Demolição	74
Foto 42 – Casa da “Família Rosa” (demolido)	74
Foto 43 – Antiga casa do saudoso “Luis Doriguello”	74
Foto 44 – Antigo Armazém da Ferrovia (Atual Biblioteca Municipal)	75
Foto 45 – Prefeitura de Cerquilha	75
Foto 46 - Praça “José Orestes Corradi”	75
Foto 47 - Igreja de “São José” e Coreto, (demolidos)	75
Foto 48 – O Paralelepípedo nas Ruas (Atualmente, recoberto com Asfalto)	76
Foto 49 – Pastagens, na área urbana de Cerquilha (Propriedade da Família Denardi)	76
Foto 50 - Usina “Santa Maria” – Cerquilha/SP	80
Foto 51 – Usina “Santa Maria” (Detalhe das Instalações)	81
Foto 52 - O corte da Cana	81
Foto 53 – Pessoas chupando Cana.....	81
Foto 54 – A Garapa em Família	81
Foto 55 – Seção de Vendas da Cachaça Artesanal (Alambique Familiar - Cerquilha/SP)	81
Foto 56 – Placa de Localização (Alambique de Cachaça Artesanal – Cerquilha/SP)	81
Foto 57 – Auto-Retrato (autora do trabalho)	93
Foto 58 – Mata Ciliar ao Córrego “Segundinho”	94
Foto 59 - <i>Quiosques</i> : ao longo da Ferrovia	96
Foto 60 – <i>Quiosques</i> , em dia de Festa (Praça “Pres. Kennedy”)	96
Foto 61 – A Barreira Física e Visual, pela Ferrovia e <i>Quiosques</i>	96
Foto 62 – A Cadeira de Barbeiro, o Espelho e a Estação do Trem	97
Foto 63 – <i>Footing</i> , na Soares Hungria (década de 1950)	98
Foto 64 – Rua “João Audi”	98
Foto 65 – Rua “Dr. Campos” (lado ímpar).....	99
Foto 66 – Rua “Dr. Campos” (vista geral).....	99
Foto 67 - Capela de “Nossa Senhora Aparecida”, no “Barreiro Rico”	100
Foto 68 – Capelas Rurais de Cerquilha/SP	100

LISTA DE MAPAS

Mapa 01 – UGRHI no Estado de São Paulo	20
Mapa 02 – UGRHI 10 e Sub-Bacias Hidrográficas	20
Mapa 03 – Cerquilho na UGRHI 10	21
Mapa 04 – Cerquilho e as Rodovias	22

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CBH-SMT: Comitê de Bacia Hidrográfica do Sorocaba/Médio Tietê

CESP: Companhia Energética de São Paulo

CET: Centro de Estudos do Turismo

CETESB: Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental (ligada à Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo)

CIAM:- Congresso Internacional de Arquitetura Moderna

CONFEA: Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia.

CREA-SP: Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia-Estado de São Paulo

DEPRN: Departamento do Estado de Proteção aos Recursos Naturais - Estado de São Paulo

EAD: Ensino à Distância

ELEKTRO: Eletricidade e Serviços S.A.

FAU: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

FEPASA: Ferrovia Paulista S.A.

IBAMA: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
(autarquia Federal vinculada ao Ministério do Meio Ambiente)

ICOMOS: Conselho Internacional de Monumentos e Sítios

ICTR: Instituto de Ciências e Tecnologia em Resíduos e Desenvolvimento Sustentável

IMESP: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

INEPAC: Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (Estado do Rio de Janeiro)

IPHAN: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (antigo SPHAN)

NISAM: Núcleo de Informações em Saúde Ambiental da USP

OMT: Organização Mundial do Turismo

ONU: Organização das Nações Unidas

SPHAN: Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (atual IPHAN)

UGRHI: Unidade de Gerenciamento de Recursos Hídricos

UNB: Universidade de Brasília

UNESCO: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

UNESP: Universidade Estadual Paulista

UNICAMP: Universidade de Campinas

USP: Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
1.1 Delimitação e Caracterização da Área do Estudo	20
2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	25
2.1 - Patrimônio Cultural: em busca da definição	25
2.2 - A Legislação Brasileira para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural	30
2.3 - Paisagem Cultural: em busca do conceito	33
2.4 - Patrimônio Histórico-Cultural como ordenador da Paisagem	35
2.5 - O Turismo na Sociedade Pós-Moderna	38
2.6 - Memória e Turismo para o desenvolvimento Sócio-Cultural	46
2.7 - Comunidades Turísticas: Patrimônio e Paisagem Cultural	48
2.8 - Experiências nos Lugares Turísticos	51
3. DA PESQUISA AOS PROCEDIMENTOS NA COLETA DOS DADOS	53
3.1 Definição de Nomes para as Entrevistas	54
3.2 Características dos Entrevistados	56
3.3 A Pesquisa de Campo	57
3.4 Instrumentos de Pesquisa	58
4. DO RESULTADO DA PESQUISA	60
4.1 Análise dos Resultados das Entrevistas	86
4.2 Rumo aos Pontos Finais, que jamais pretendem ser o final	92
4.3 Cerquilho: Memória e Patrimônio Cultural	93
4.4 Patrimônio e Paisagem Cultural: por um Turismo Cerquilhense	102
4.5 Considerações acerca do Tema e dos Resultados do Estudo	106
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	113
8. CRÉDITOS	117

1. INTRODUÇÃO

Patrimônio Cultural de um povo compreende as obras de seus artistas, arquitetos, músicos, escritores e sábios, assim como as criações anônimas surgidas da alma popular e o conjunto de valores que dão sentido à vida. Ou seja, as obras materiais e não materiais que expressam a criatividade desse povo: a língua, os ritos, as crenças, os lugares e monumentos históricos, a cultura, as obras de arte e os arquivos e bibliotecas (ICOMOS, 1985: 4).

A análise dos resultados da pesquisa relacionada ao Patrimônio Cultural de Cerquillo/SP considera os saberes e os fazeres através do fenômeno social na atualidade do sistema capitalista, importante para a definição do seu panorama físico-territorial e econômico. Considera também os fenômenos migratórios recorrentes, principalmente a partir da produção cafeeira do final do Século XIX, sem deixar de valorizar o presente da agroindústria canavieira, tão comum na região, onde se localiza esse Município (GAIOTTO, 2006a; GAIOTTO e ARGOLLO FERRÃO, 2008).

À medida que o presente manifesta as recorrências do passado, a história serve ao planejamento das atividades futuras. Afirmativa que, nesse primeiro item, demonstra a preocupação central desta proposta de pesquisa, principalmente no apreender os sentidos de Patrimônio e Paisagem Cultural para a comunidade cerquilhense e relacioná-los ao futuro das suas atividades planejadas de Turismo.

Isto posto, ancorado em pesquisas bibliográficas, o Item 2 – “Pressupostos Teóricos” - desmembrado em oito subitens (pág. 25-52), inicia com alguns questionamentos e renomadas manifestações referentes ao Patrimônio histórico-cultural (subitem 2.1 – pág. 25-29) e à Paisagem Cultural (2.3 – pág. 33-34). Conceitos que se entende relacionados às interações sociais na construção histórico-cultural da memória e identidade enquanto legado dos antecessores de um lugar, sem menosprezar as manifestações do presente.

Ao verificar a evolução para o reconhecimento do patrimônio no mundo, o segundo subitem (pág. 30-32) destaca a legislação brasileira para a salvaguarda do Patrimônio Cultural nacional.

A partir de tais inferências, ao estudo das relações do patrimônio histórico-cultural como ordenador da paisagem (subitem 2.4 – pág. 35-37); seguem-se os conceitos fundamentais do Turismo na Pós-modernidade (2.5 – pág. 38-45).

As breves considerações com relação à memória e identidade de um povo visam entender como essa “memória” pode contribuir para a oferta do turismo, principalmente quanto ao resgate e/ou preservação dos valores sócio-culturais estabelecidos pela comunidade envolvida, encontram-se no subitem 2.6 – “Memória e Turismo para o desenvolvimento sócio-cultural” (pág. 46-47).

Além desses assuntos, no subitem 2.7 – “Comunidades Turísticas: Patrimônio e Paisagem Cultural” (pág. 48-50) - importa saber de que forma o resgate memorialístico dessas comunidades pode colaborar com a qualidade de vida da população local e dos turistas.

Na busca de respostas: “do que, e para quem preservar?”, ao finalizar tal fundamentação teórica, mas sem a pretensão de esgotar o assunto, o subitem 2.8 – “Experiências nos Lugares Turísticos” (pág. 51-52) - trás a baila essa discussão e destaca a importância das possibilidades de investimentos na preservação do patrimônio histórico-cultural, também para a sustentação das atividades de turismo de um determinado lugar.

A partir desses enfoques conceituais, na condição de ser no lugar, ou mesmo do lugar, o Item 3 – “Da Pesquisa aos Procedimentos na Coleta de Dados” - dividido em quatro subitens (pág. 53-59), tenta explicar, no contexto do turismo, até que ponto o estudo do binômio “Patrimônio Paisagem” e da “memória” pode contribuir para o conhecimento da história do lugar; ao mesmo tempo, sustentar a identidade e a qualidade de vida dos seus moradores.

Na perspectiva de contribuir com o diagnóstico do retrato memorialístico cerquilhense enquanto bem cultural a ser explorado, conhecido, valorizado, ou mesmo resgatado, por isso a ser preservado para essa e gerações futuras; o foco desta pesquisa busca as relações desse patrimônio com a comunidade, aqui representada pelos cinco entrevistados (subitem 3.1 – pág. 54-55).

Assim, depois de caracterizar o perfil dos entrevistados (3.2 – pág. 56), seguem-se as explicações referentes à pesquisa de campo (3.3 – pág. 57) e seus instrumentos de análises (3.4 – pág. 58-59)

A abordagem desse trabalho pretende explicitar os benefícios trazidos por uma proposta de resgate e/ou valorização da memória e identidade do patrimônio histórico-cultural para um município de pequeno porte, a exemplo de Cerquillo, localizado no interior paulista. Tanto que, o Item 4, dividido em cinco subitens (pág. 60-109), apresenta os

resultados da pesquisa ancorados em questionário aberto aos entrevistados, por hora, escolhidos entre os gestores e/ou produtores culturais que, de alguma maneira, possuem vínculos com a comunidade cerquilhense.

Esses resultados apresentam-se analisados no subitem 4.1 (pág. 86-91). E, aqui, ressalta-se o cuidado com o bem estar dessa comunidade, por isso, na busca do entendimento de “como e para que preservar?”, em 4.2 - “Rumo aos pontos finais, que jamais pretendem ser o final” (pág. 92) – tenta-se evidenciar esse lugar, chamado Cerquilha, sua memória e identidade, pautado no que se avaliou do seu Patrimônio Cultural.

Já, no subitem 4.3 - “Cerquilha: Memória e Patrimônio Cultural” (pág. 93-101) – no afã de interpretar o lugar de acordo com as premissas teóricas e os resultados das pesquisas, levantados até o momento, esta pesquisadora enquanto cidadã cerquilhense arrisca-se à “*flânerie*” (Walter Benjamin, apud FERRARA, 1991 e SILVA, 2000) e, mais uma vez, ressalta a importância de se valorizar o patrimônio cultural dessa comunidade.

Ao considerar os municípios vizinhos, principalmente os limítrofes ao objeto deste estudo, o subitem 4.4 (pág. 102-105) pretende o ponta pé inicial na busca de soluções planejadas das atividades de turismo local.

No último subitem (4.5 – pág. 106-109) apresentam-se outros questionamentos acerca do tema e dos resultados deste estudo, cujo panorama instigante permitiu algumas considerações, destacadas no item 5 (pág. 110-111).

Quiçá, num futuro bem próximo, todas as inquietações e resultados apresentados possam dar novos desenhos para essa pequena localidade (área total = 126 km²), cuja população gira em torno de quarenta mil habitantes, onde o urbano-rural, visivelmente, intensifica usos e ocupações, muitas vezes desordenados, que se mesclam às atividades campesinas dos canaviais, para a produção da cachaça, açúcar e álcool.

O movimento das pessoas corresponde à etapa da produção que esta se dando naquele momento. Todos são produtores - o operário, o artista de teatro, o vendedor ... etc., mesmo quem não está diretamente no processo de produção, já que também consome. É a maneira com que se dá a produção, e o intercâmbio entre os homens que dá um aspecto à paisagem. (SANTOS, 1988: 72)

Segundo Silveira (1993: 205) “*o todo se nega, mas também se afirma cada vez mais, porque o lugar não é parte, é todo mesmo concretado no local*”. Dessa maneira, a responsabilidade pessoal enquanto fator de cidadania soma-se ao político, sócio-econômico e cultural, na tentativa de resgatar, valorizar e preservar tamanha riqueza, tão bem representada pela memória e identidade da comunidade, objeto deste estudo.

Aqui, “*a pesquisa exploratória*” (BORTONE, 2007: 14), num primeiro momento pautou-se no levantamento e análise da documentação bibliográfica e iconográfica, encontrada no acervo particular da autora; na Biblioteca Municipal “Guilherme de Almeida”, em Cerquilha; na Biblioteca Central da UNICAMP, em Campinas, e da Setorial, no CET-UNB, em Brasília.

Na intenção de direcionar o assunto de forma mais específica ao objeto do estudo, representado no território cerquilhense, a necessidade das visitas de campo tornou-se justificativa, para uma segunda etapa, a partir da realização das pesquisas exploratórias.

Patrimônio Cultural é o conjunto de bens, de natureza material e imaterial, que guarda em si referências à identidade, a ação e a memória dos diferentes grupos sociais. É um elemento importante para o desenvolvimento sustentado, a promoção do bem estar social, a participação e a cidadania (CREA-SP, 2008: 13).

Nessa base conceitual, a *entrevista qualitativa*, cuja *metodologia interativa* se baseia na interpretação da realidade a luz das teorias (OLIVEIRA, 2007), aqui, do Patrimônio e Paisagem Cultural do lugar, pretende embasar as propostas planejadas das atividades de turismo cerquilhense, descritas no subitem 4.4 (pág. 102).

A participação dos entrevistados, representantes da gestão e produção cultural do setor público-privado, buscou os principais pontos de avaliação dos procedimentos, no sentido de resgatar e/ou valorizar o patrimônio histórico, localizado no território urbano e rural cerquilhense. Assim, entre tantas pessoas da comunidade, evidenciaram-se cinco nomes dos atuantes agentes culturais, que possuem algum vínculo com o lugar da pesquisa.

A importância do resultado da entrevista encontra-se ancorada na história de vida, memória e identidade desses entrevistados com o lugar, objeto dessa proposta, cujos principais problemas, principalmente ambientais, a exemplo de outros Municípios dessa região do rio Sorocaba, no Médio Tietê, muitas vezes, evidenciam-se na ocupação desordenada dos solos, conforme imagem ao lado.



Foto 01 - Ocupação desordenada no urbano-rural

Fonte: GAIOTTO, 2002: 116.

Na franja urbano-rural, o progresso econômico caminha a passos largos aos ambientais graças à poluição orgânica e inorgânica do “lixo”, na maioria dos Municípios dessa região, ainda depositado a “céu aberto” ou em valas controladas (GAIOTTO, 2002).

Aterros sanitários são poucos, tanto que, em Cerquilha, há menos de uma década, foi construído um deles, que somado à deficiência no tratamento do esgoto sanitário (aproximados 60% da cidade é tratada), ainda pressionam os mananciais de água doce, ali, existentes (GAIOTTO, 2006a; GAIOTTO e ARGOLLO FERRÃO, 2008).

Sem contar os dejetos, principalmente os gerados pelo esgoto e “lixo” domésticos (**Foto 02 e 03**, abaixo), *in natura*, despejados no rio Sorocaba e afluentes, que se somam aos industriais, pois, alguns ainda deixam a desejar com relação ao tratamento e disposição final dos seus resíduos e efluentes, contribuindo para a poluição dos mananciais de água potável. Além disso, ali, os portos de retirada de areia (**Foto 04**) para a construção civil (clandestinos ou não) degradam a natureza e assoreia as margens dos rios, a exemplo do Sorocaba. Situação que influencia na diminuição da calha de vazão, qualidade e quantidade dos mananciais de água dessa região (GAIOTTO, 2004).



**Foto 02 – Esgoto,
*in natura***



Foto 03 - “Lixo” no Rio

(Rio Sorocaba, em Cerquilha/SP)

Fonte: GAIOTTO, 2002: 137, 175 e 136, respectivamente.



Foto 04 - Porto de Areia.

Outros problemas não faltam devido à alarmante situação da maioria dos Municípios dessa região. No entanto, a maior gravidade ainda fica por conta da poluição gerada pelo setor agroindustrial, principalmente o canavieiro, na produção da cachaça, do açúcar e álcool, predominante na região. A partir de processos altamente destruidores do ecossistema regional, tais como devastação da mata ciliar (**Foto 04**, ao lado), uso desenfreado de agrotóxicos, processos promovedores de erosão e queimadas, que destroem os nutrientes do solo e poluem o ar atmosférico (GAIOTTO, 2002, 2004; 2006a; 2006b, e GAIOTTO e ARGOLLO FERRÃO, 2008).



Foto 05 – Mata Ciliar Devastada

(erosão nas margens do Rio Sorocaba, em Cerquilha/SP)

Fonte: GAIOTTO, 2002: 80

Graças à diversificação e rentabilidade do rural, destaca-se a produção intensiva da cachaça, muitas vezes artesanais e clandestinas, visivelmente sem qualquer controle sanitário, cujos dados reais e/ou oficiais são considerados importantes. No entanto, em nada colaborariam aos objetivos primeiros desta proposta, por isso, foram descartados.

Ainda cabe destacar as insustentáveis queimadas, até hoje utilizadas em Cerquilha e região, cujas paisagens, durante as safras da cana, apresentam-se semelhantes à imagem, abaixo representada.



Foto 06 – Queimada da Palha da Cana

Fonte: Queiroz, apud GAIOTTO, 2002: 121

A consagrada relação entre a produção de bens à utilização e conservação de energia, que comprova a degradação ambiental, também questionada devido os empreendimentos rurais que, nas suas diversas modalidades, desde as chácaras de recreio (**Foto 07**, ao lado) às atividades chamadas urbanas instaladas na área rural, interferem na paisagem, no uso e ocupação dessas terras. (Santoro e Pinheiro, apud GAIOTTO 2006a e GAIOTTO e ARGOLLO FERRÃO, 2008).



Foto 07 - Chácaras: Bairro Represa do Rio Sorocaba

Fonte: Acervo da Autora, Dez./1997.

Ressaltam-se, ainda, os núcleos e assentamentos urbanizados, cuja dispersão, principalmente na forma de condomínios fechados de moradia e/ou de lazer, ao longo dos eixos rodoviários e mananciais de água (**Foto 08**, na página seguinte), também colaboram para pressionar os recursos naturais, nessa região (GAIOTTO, 2006b).



Foto 08 - Condomínios Fechados: Eixo da “Castelo Branco”

Fonte: *Google* Imagens, apud GAIOTTO, 2006b: 05

A partir da década de 1970, marco do desenvolvimento econômico e social em detrimento da qualidade de vida e do equilíbrio ambiental devido às transformações na distribuição espacial das atividades como um todo, sem o adequado planejamento; se intensifica a pressão sobre os recursos naturais, principalmente os hídricos, em função, não somente do uso dos venenos agrícolas, também da deficiência dos serviços básicos de infra-estrutura urbana, especialmente por deixar de atender à indústria em expansão, situação que se arrasta, até os dias de hoje (GAIOTTO, 2006a).

Assim, entende-se que a proposta para o rural ambientalmente correto entraria em conflito com os atuais usos agropecuários, baseados na utilização intensiva dos produtos e defensivos químicos na agroindústria de açúcar, álcool e aguardente de cana que, há décadas, utiliza processos altamente destruidores do ecossistema local e regional. No entanto, tais manejos, devidamente planejados, ancorariam a sustentação desse sistema e das propostas do Turismo, que garantiriam renda complementar às atuais e futuras gerações.

Desafios à parte, esse estudo ainda apresenta finalidades cognitivas e práticas mais amplas a fim de contribuir para a formulação de um modelo de procedimentos de investigação e sustentação do planejamento e gestão do território dentro das novas perspectivas oferecidas pelo prisma das atividades turísticas. Além de possibilitar outras pesquisas, quiçá fomentar medidas mais sustentáveis para o ambiente, inclusive, já discutidos em trabalhos e ensaios anteriores (GAIOTTO, 2004, 2006a e ARGOLLO FERRÃO, 2008).

1.1 DELIMITAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DO ESTUDO

A Lei n.º 7663/91 estabelece as Unidades de Gerenciamento dos Recursos Hídricos (UGRHI) no Estado de São Paulo (**Mapa 01**, abaixo), cujos municípios foram agrupados de acordo com seus interesses comuns (GAIOTTO, 2002).

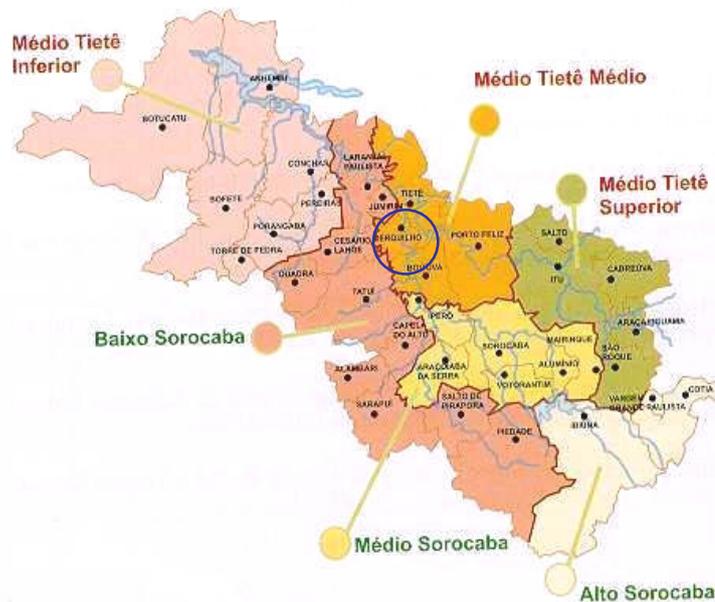
MAPA 01 – UGRHI NO ESTADO DE SÃO PAULO



Fonte: CETESB, apud GAIOTTO, 2002: 04

Para fins de gerenciamento regional, a Bacia do Tietê/Sorocaba (**UGRHI – 10**) encontra-se dividida nas Sub-Bacias do *Alto Sorocaba*; *Médio Sorocaba*, e *Baixo Sorocaba*, localizadas na Bacia do rio Sorocaba; do *Médio Tietê Superior*; *Médio Tietê Médio*, e *Médio Tietê Inferior*, na do *Médio Tietê*; conforme **Mapa 02**, abaixo.

MAPA 02 – UGRHI 10 E SUB-BACIAS HIDROGRÁFICAS



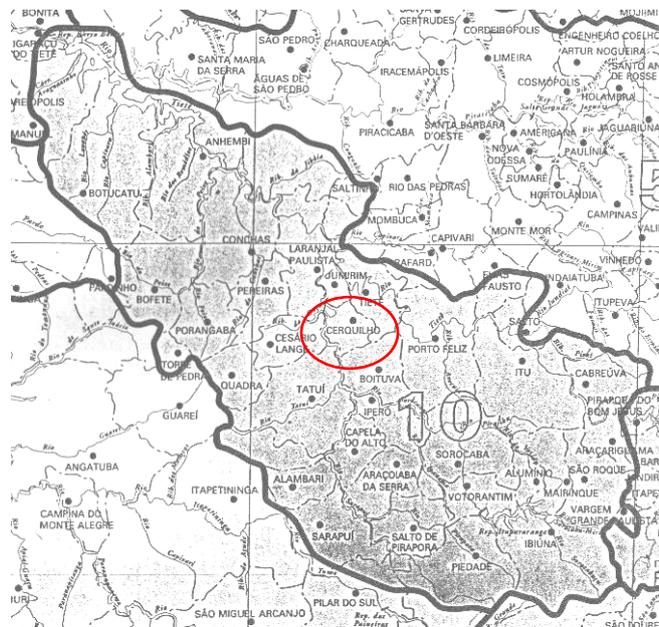
Fonte: CETESB, apud GAIOTTO, 2002: 04

A terra cerquilhense, objeto desse trabalho, localizada na região topográfica da planície centro-leste do interior paulista, encontra-se no centro da Depressão Periférica, na da Zona Fisiográfica de Piracicaba (GAIOTTO, 1997).

Essa mesma referência descreve que Cerquilho assenta-se em solos que apresentam suaves ondulações, aproximadamente a 570 metros acima do nível do mar (Latitude: 23°10'49" e Longitude: 47°44'07").

E seus limítrofes são: ao Norte, Jumirim e Tietê, do qual se emancipou em 03/04/1949; a Sudeste, Boituva; ao Sul, Tatuí; a Sudoeste, Cesário Lange, e a Noroeste, Laranjal Paulista, conforme **Mapa 03**, abaixo esquematizado.

MAPA 03 – CERQUILHO NA UGRHI 10



Fonte: CBH-SMT, apud GAIOTTO, 2002: 11

Ao considerar o patrimônio como ordenador da paisagem cultural do lugar, que, a partir de 1970, aparentemente construída devido ao processo produtivo canavieiro da cachaça, açúcar e álcool; num primeiro momento, a área escolhida para o enfoque dessa pesquisa foi a rural de Cerquilho. No entanto, ao analisar o resultado da pesquisa de campo, resolveu-se ampliar o foco dessa proposta para o Município de Cerquilho, como um todo, cuja área rural e urbana perfaz 126 Km² (cento e vinte e seis quilômetros quadrados) de extensão, uma das menores, no interior paulista, onde se localizam os vários exemplares, considerados pelos entrevistados, do patrimônio histórico e cultural cerquilhense.

agricultura, e 5% na prestação de serviços. Sendo que o último censo, de 2007 demonstrou uma população total de 34.769 habitantes (CERQUILHO, 2007).

No clima mesotérmico com verões quentes e valores de temperatura média anual de 18°C a 22°C, com amplitude térmica de 7°C, Cerquillo possui um dos menores índices pluviométricos da região do Médio Tiete/Sorocaba, ou seja, aproximadamente 1.000mm ao ano (GAIOTTO, 2006a).

Região essa, considerada área de transição entre o clima tropical com inverno seco e chuvas no verão, controlado por massas equatoriais e tropicais e o clima subtropical úmido sem estação seca, controlado por massas tropicais e polares. O período quente se estende de Setembro a Março com o trimestre mais quente entre os meses de Dezembro a Fevereiro, quando as temperaturas médias oscilam entre 29°C e 31°C. Nesse período, as temperaturas máximas podem alcançar 38 a 39°C. A partir de Março a temperatura declina para chegar, nos meses mais frios, Junho a Agosto, a aproximadamente 10°C. Geadas, também, podem acontecer nessa região, mas dependem de variações térmicas mais frias, principalmente em função de outras condicionantes climáticas, tais como umidade relativa do ar, ventilação, insolação, entre outros (GAIOTTO, 1997).

A Bacia do Sorocaba, no Médio Tietê, desde a época colonial, tem sido influenciada pelo setor agrícola e sobrevive da economia agroindustrial. Tanto que no Município de Cerquillo, objeto desta proposta, o cultivo da cana para o açúcar, álcool e cachaça ocupa terras férteis, muitas vezes, competindo com outros produtos agricultáveis, situação que colaborou na formação de uma sociedade em parte mercantil e em parte de subsistência. Entre o primeiro estágio canavieiro e o “*Ciclo do Café*” (1880-1930), essa região vivenciou o breve e próspero “*Ciclo do Algodão*” (1860-1880), que competiu com a pecuária de corte e leite, para novamente (após 1930), com a cana-de-açúcar e outros produtos agrícolas, tais como milho, feijão, hortifrutigranjeiros, definirem historicamente o seu panorama físico territorial e econômico (GAIOTTO, 2002 e GAIOTTO e ARGOLLO FERRÃO, 2008).

Aqui, cabe ressaltar o século XX, na formação de grandes plantações de cana e seu processamento industrial produzindo cachaça, açúcar e álcool. Situação essa, significa estudar a economia atual, baseada principalmente na agroindústria canavieira *versus* a poluição por queimadas e resíduos de vinhoto; indústrias urbanas *versus* esgotos químicos; serviços urbanos *versus* resíduos sólidos e esgotos orgânicos; além do turismo

de lazer com a pressão dos empreendimentos de condomínios fechados e chácaras de recreio, pesqueiros, entre outras atividades (GAIOTTO, 2006b).

Ao considerar o objeto de estudo dessa pesquisa, entende-se a necessidade de priorizar a análise dos processos influenciados pelo desenvolvimento do setor agroindustrial cerquilhense, que agrega e assegura a valorização econômica, tanto das funções baseadas na agricultura em si, como das atividades complementares provenientes de rendimentos não agrícolas, entre as quais se destaca a pesca esportiva, no Rio Sorocaba; a indústria manufatureira, principalmente as têxteis e as de confecção infanto-juvenil, além do comércio e dos serviços, entre outras, ali existentes (GAIOTTO e ARGOLLO FERRÃO, 2008).

E vale lembrar, que o rio Sorocaba, após atravessar a área mais urbanizada da bacia, representada pelas cidades de Sorocaba e Votorantin, apresenta-se mais poluído, graças à elevada descarga orgânica “*in naturas*” dos esgotos e outros resíduos, tanto nos seus afluentes, como em si próprio. No entanto, na região das terras cerquilhenses, graças ao processo de autodepuração, a salubridade do Sorocaba permite a retirada de suas águas para o abastecimento da população local, após o devido tratamento (GAIOTTO, 2002).

Nas suas exuberantes correntezas, na altura do Sitio do “Coronel Bento”, esse rio favorece a regularidade dos campeonatos de canoagem, conforme **Foto 09**, abaixo. E, nos demais pontos, famosos pelas águas mansas, principalmente de Cerquilho, até à foz com o Tietê, em Laranjal Paulista, o Sorocaba, ainda piscoso, permite a pesca amadora (**Foto 10**).



Foto 09 – Campeonato de “Slalon” – Cerquilho/SP
Fonte: GAIOTTO, 2002: 74



Foto 10 – Pesca Esportiva: Bairro da Represa
Fonte: Acervo Particular¹, 2008

Enfim, para cumprir os objetivos e os procedimentos metodológicos, expostos a seguir, na caracterização deste objeto de análise foram utilizados os dados e conclusões referentes às pesquisas anteriores, realizadas e defendidas em tese de doutorado, por Gaiotto (2002), além de outros artigos de sua autoria.

2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

2.1 - PATRIMÔNIO CULTURAL: EM BUSCA DA DEFINIÇÃO

A cultura desenvolve-se paralela ao *processo de hominização*, que se apresenta em duas fases distintas e interligadas: a primeira fase, considerada orgânica, ou seja, na luta pela procriação e sobrevivência da espécie, que também representa a luta pelo espaço; a segunda, na socialização do homem, através do processo transformador do ambiente, no qual as relações sociais se tornam cada vez mais complexas e determinam, entre outros, a urbanização das atividades humanas (GAIOTTO, 1993).

Cultura é processo pelo qual o homem acumula as experiências que vai sendo capaz de realizar. Discerne entre elas, fixa as de efeito favorável e, como resultado da ação exercida, convertem em idéias as imagens e lembranças, a principio colocada às realidades sensíveis e, depois generalizada desse contato inventivo com o mundo natural (Vieira Pinto, apud GAIOTTO, 1993: 27).

Dessa forma, entende-se que a teoria da cultura associa-se ao processo de produção, tanto do homem pelo homem, através dos bens de produção e da capacidade ideativa, como dos meios de sustentação da vida para o indivíduo e a sua prole, os chamados bens de consumo.

E falar dos bens de produção significa lembrar a maneira como a sociedade se estrutura para a produção da cultura, uma necessidade existencial; sem menosprezar os problemas sociais, resultantes desse processo. Além disso, há que se considerarem as diferentes manifestações culturais vinculadas ao processo histórico de formação e desenvolvimento de uma determinada sociedade, que se define nas expressões dos conflitos em oposição às diferenças sócio-econômicas, num determinado tempo (GAIOTTO, 1993).

Aqui, para embasar a noção de Patrimônio Cultural, ainda há que lembrar o ideário central do conceito antropológico de que “*cultura é todo o comportamento aprendido, tudo aquilo que independe de uma transmissão genética*” (Taylor, apud LARAIA, 2000: 30).

Ancorado em CHOAY (2001), o conceito de *patrimônio* vincula-se às heranças de determinadas estruturas, tais como familiar, social, econômica e jurídica de uma sociedade estável, enraizada num determinado tempo e espaço.

A transmissão dos saberes e dos fazeres ao longo do tempo e do espaço constitui-se como Patrimônio Cultural que se perpetua, permitindo um elo entre o presente, passado e futuro. Dessa maneira, patrimônio histórico nada mais é do que “*um bem destinado ao usufruto de uma comunidade que se ampliou a dimensões planetárias, constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que se congregam por seu passado comum*” (CHOAY, 2001:11).

O chamado Patrimônio Cultural na origem denota a imagem do monumento, cujo termo evoluído do latim *monumentum*, deriva de *monere* - advertir, lembrar - isto é, aquilo que traz à lembrança alguma coisa, ou seja, são as riquezas comuns herdadas, enquanto cidadãos do lugar, transmitidas de geração em geração. (ZANIRATO e RIBEIRO, 2006).

Traduzido para o inglês, “*heritage*”, e espanhol, “*herencia*”, o patrimônio, no conjunto de seu significado, exprime uma relação estreita com a idéia de herança: “*algo que é transmitido, segundo as leis, dos pais e das mães aos filhos*” (Littré, apud CHOAY, 2001: 11).

Para Funari e Pelegrini (2006), já, na antiguidade, entre os romanos, a origem latina do termo patrimônio refere-se ao que pertencia ao pai, ou ao pai de família. Época, na qual o patrimônio possuía valor aristocrático e privado referente à transmissão de bens no seio da elite patriarcal romana.

Esses autores ainda explicam que na Idade Média, com a difusão do cristianismo, o patrimônio passa a adquirir um caráter religioso. E, no final do Século XVIII, principalmente a partir da Revolução Francesa, institucionaliza-se o conceito de patrimônio de acordo com uma visão moderna de história e cidade.

Nessa época, graças à derrubada do absolutismo francês e na luta pelos ideais de liberdade, igualdade e fraternidade entre os homens, surge o Estado Nacional, que possibilita a intervenção da cidadania no compartilhamento cultural, a exemplo da soberania da língua francesa no território nacional. Essas teorias, baseadas no liberalismo francês, encantaram e influenciaram outras sociedades no mundo todo (FUNARI e PELEGRINI, 2006).

As questões ligadas à preservação cultural, também pautada na época das Luzes, eclodem normas, nas quais a idéia de patrimônio aparece calcada na valorização das obras arquitetônicas e dos registros de acontecimentos passados por uma determinada cultura, em

algum tempo da história. Esse conceito amplia-se, e a noção de patrimônio passa a designar tudo o que formasse o legado cultural de um povo. (COELHO e VALVA, 2001).

Assim, o patrimônio histórico construído na antiguidade vislumbra-se na renovação iconográfica e conceitual da época das Luzes. A idéia de um patrimônio, comum a um grupo social, definidor de sua identidade e merecedor de proteção, intensifica-se em práticas, ampliando o círculo dos colecionadores e apreciadores de antiguidades, abrindo-se às novas camadas sociais, tais como exposições, vendas públicas, edição de catálogos das grandes vendas e das coleções particulares. Por sinal, em 1789, um dos primeiros atos jurídicos da constituinte francesa insere os bens do Clero à disposição da nação. Logo em seguida, incluem-se os bens dos emigrados e da Coroa. Dessa maneira, a idéia de nação veio garantir o estatuto ideológico do patrimônio e o Estado Nacional assegurou, através de práticas específicas, a sua preservação. Os ideais dos direitos dos cidadãos, de representação e da república democrática foram de fundamental importância para a mudança conceitual do patrimônio, que se inseriu em um projeto mais amplo de construção de uma identidade nacional e passou a servir ao processo de consolidação, inclusive para a modernidade dos Estados-Nação. (Fonseca, apud SANTOS, 2001).

Após longos anos de muito trabalho e discussões, no objetivo de promover a cooperação internacional nas áreas de educação, ciências, cultura e comunicação, em 1946, foi fundada a UNESCO. A partir de 1950, ressalta-se o importante papel da ONU e sua Secretaria de Cultura na prática do reconhecimento dos patrimônios culturais, que se coloca acima dos interesses locais, estatais e nacionais, para uma dimensão maior, ou seja, dos valores mundiais de caráter universal (UNESCO, apud BLOISE, 2007).

Nos idos de 1993, a UNESCO define o Patrimônio Cultural Imaterial enquanto conjunto das manifestações culturais tradicionais e populares, pautado pelas criações coletivas emanadas de uma comunidade; fundadas sobre a tradição, transmitidas oral e gestualmente, e modificadas ao longo do tempo por um processo de recriação coletiva. Integram essa totalidade de patrimônio, as línguas e as tradições orais; os costumes; a música, a dança, os ritos e os festivais; a medicina tradicional; as artes da mesa e o saber fazer dos artesanatos e das arquiteturas tradicionais (UNESCO, 2009).

No entender dessa organização internacional, “*a natureza efêmera do patrimônio imaterial o torna vulnerável*” e, por isso, urge identificá-lo e valorizá-lo para que continue vivo. Dessa maneira, pesquisas e registros, com o objetivo do resgate e arquivamento das manifestações culturais desse patrimônio tornam-se importantes e merecem atenção e

investimentos. Além das ações e programas que privilegiem as condições de existência e transmissão dessas manifestações culturais, no sentido de assegurar a continuidade do aprendizado, principalmente dos seus detentores, para garantir as raízes do conhecimento às gerações futuras. E o *saber fazer*, revelador do lugar enquanto premissa básica da tradição cultural, tanto na identificação dos seus detentores, como no reconhecimento da sua importância para o desenvolvimento das manifestações e saberes, deve ser oficializado pela comunidade. (UNESCO, apud BLOISE, 2007: 7).

Entre tantos eventos, organizam-se os encontros internacionais, ICOMOS, que têm lançando as famosas *Cartas Patrimoniais* (UNESCO, 1995), expressão das diretrizes para a conservação, manutenção e restauro do Patrimônio Histórico, tanto local, como regional ou nacional, e até mundial.

Estas tratam da evolução conceitual e das formas de ação sobre o Patrimônio Histórico Arquitetônico. As Cartas Patrimoniais refletem o que se pensou e o que se pensa no âmbito da comunidade de especialistas e organismos nacionais e internacionais que trabalham com a preservação de patrimônios culturais (CREA-SP, 2008: 27).

Em 1931, a Sociedade das Nações publica a “*Carta de Atenas*”, importante marco dos assuntos ligados ao Patrimônio Cultural, cujo foco central é o patrimônio construído. As Cartas subsequentes são consideradas de igual valor, pois novos elementos têm sido inseridos ao conceito primeiro (COELHO e VALVA, 2001).

Ressaltam-se também, a “*Carta de Veneza*” (1964), que reconhece os sítios e conjuntos urbanos e rurais, somados as obras modestas com valor significativo enquanto Patrimônio Cultural. Além da “*Carta de Florença*” (1981), que privilegia os jardins históricos. As cidades espontâneas ou planejadas, como expressão da diversidade social, são referenciadas na “*Carta de Washington*” (1986). O patrimônio arqueológico evidencia-se como bem passível de preservação na “*Carta de Lausanne*” (1990). E o patrimônio considerado intangível aparece na “*Carta de Mar Del Plata*” (1997). Os bens etnológicos (*objetos rituais; artefatos utilitários simbólicos e instrumentos musicais autóctones*) surgem nas proposições da “*Cartagena de Índias*”, no encontro de 1999, na Colômbia (UNESCO, 2009).

Em 1972, contextualiza-se o conceito de Patrimônio Cultural:

Os monumentos: obras arquitetônicas, de escultura, ou de pintura monumentais, elementos ou estruturas de natureza arqueológica, inscrições, cavernas e grupos de elementos que tenham um valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência; os conjuntos: grupos de construções isoladas ou reunidas que, em virtude de sua arquitetura, unidade ou integração na paisagem, tenha um valor universal excepcional do ponto de vista da história,

da arte ou da ciência; os lugares: obras do homem ou obras conjugadas do homem e da natureza, bem como as áreas que incluem sítios arqueológicos, de valor universal excepcional do ponto de vista histórico, estético, etnológico ou antropológico (UNESCO, 1995: 178).

Gamarra (1998) esclarece que a noção de Patrimônio Cultural, vaga e imprecisa para ser efetiva e operativa, geraram discussões conduzidas no âmbito internacional, até que, em 1982, se conseguiu chegar a um acordo sobre a necessidade de uma definição mais abrangente para a *cultura*, que passa desde então a ser referência mundial.

Cultura é conjunto de características distintas, espirituais e materiais, intelectuais e afetivas, que caracterizam uma sociedade ou um grupo social (...) engloba, além das artes e letras, os modos de viver, os direitos fundamentais dos seres humanos, os sistemas de valor, as tradições e as crenças. (GAMARRA, 1998: 71; tradução livre)

Na tentativa de fechar esse assunto, portanto, sem esgotá-lo, Patrimônio Cultural equivale ao “*conjunto de relatos materiais e imateriais que compõem uma memória coletiva das sociedades*”, tão somente quando a coletividade os reconhece nos *signos culturais*, que representam algum valor. Na dependência do *olhar crítico*, a proteção do patrimônio está além da “*salvaguarda de resquícios do passado*”, ou seja, caracteriza “*um trabalho de reapropriação, restituição e reabilitação do próprio presente, com vistas a um futuro de relações sociais mais justas*” (INEPAC, apud LERNER, 2007: 35).

Isto posto, claro está que Patrimônio Cultural é um termo contemporâneo, que, ao longo do tempo, tem sido enriquecido e adquirido novos significados, e compete à sociedade o resgate e a valorização da sua memória e identidade.

Além disso, importante enfatizar que há algum tempo, deixou-se de valorizar tão somente as criações estéticas extraordinárias e idolatradas pelas elites. De igual modo passou-se a valorizar a cultura popular. Assim, o Patrimônio Cultural deixou de ser unicamente histórico e artístico, entendido como algo herdado do passado e merecedor de conservação. O passado há que ser interpretado a partir do presente de acordo com os critérios de seleção e valoração determinante de cada época, representando um jogo de memórias e esquecimentos, respondido em função das necessidades sociais do presente e do futuro (Riegl, apud PEREIRO, 2008).

E o mesmo acontece em solo brasileiro...

2.2 - A LEGISLAÇÃO BRASILEIRA PARA A SALVAGUARDA DO PATRIMÔNIO CULTURAL

De acordo com Coelho e Valva (2001), o reconhecimento do Patrimônio Cultural brasileiro acontece em três distintas fases. A primeira compreende os três séculos de dominação portuguesa, entre os Séculos XV e XVIII, cuja responsabilidade em documentar a história da Colônia estava a cargo do Museu Nacional.

Quanto à segunda fase, esses mesmos autores explicam que somente na década de 1920, por iniciativa dos intelectuais da Semana de Arte Moderna de 22, consegue-se uma identidade própria com relação aos bens culturais da nação.

O marco importante para a preservação do patrimônio brasileiro calca-se na disposição que declarou o impedimento à evasão de obras de arte do território nacional e, em 1934, introduziu o conceito de cidades históricas às cidades mineiras, que, sancionada pela Constituição de 1937, submeteu o instituto da propriedade privada ao interesse coletivo (ABREU e CHAGAS, 2003).

Ainda da segunda fase, cabe ressaltar a importância da *pena* de Mário de Andrade que, em 1936, redigiu o Projeto de Lei, no qual se definia o patrimônio nacional e se institucionalizava o início dos debates sobre a preservação do Patrimônio Cultural e Artístico, no Brasil. Assim, na Constituição de 1937, já se pretendia conservar os bens móveis e imóveis que se vinculassem aos importantes fatos e memória nacional. Além disso, nesse mesmo ano, após o reconhecimento da existência do patrimônio brasileiro, foi criado o SPHAN, atual IPHAN, que se tornou o responsável pelo acervo nacional. Finalmente, a terceira fase envolve o ambiente, os bens e a população, e apóia-se nas ações que buscam soluções ao resgate, valorização, preservação e conservação dos mesmos, se considerados patrimônio histórico-cultural nacional, estadual, ou do lugar (COELHO e VALVA, 2001).

Em igualdade de condição às Cartas internacionais, as Patrimoniais brasileiras inserem novos elementos ao conceito de Patrimônio Cultural. E vale citar a “*Carta de Petrópolis*” (1987), que destaca o sítio histórico como espaço dos testemunhos do fazer cultural da cidade; a “*Carta de Cabo Frio*” (1989), através da posse e usufruto de suas terras e preservação de suas línguas, discute a identidade das populações indígenas. A

diversidade cultural, tanto brasileira, como sul-americana, emerge na “*Carta de Brasília*” (1995), que aprimora o conceito de patrimônio e discute a preservação da memória através da conservação que pode alcançar valores além do material e do tangível. Essa Carta também valoriza a *Arquitetura Vernácula* e a efemeridade dos materiais usados nesse tipo de construção, a exemplo da terra e dos elementos vegetais. Já, a “*Carta do Rio*” (1992) insere o valor das comunidades locais na manutenção do conhecimento de práticas tradicionais, além da abordagem ambiental do patrimônio cultural através da discussão sobre proteção de lugares e recursos naturais dos povos submetidos à opressão, dominação e ocupação (IPHAN, 1995).

No que se refere às normas brasileiras, o Patrimônio Cultural aparece conceituado no Art. 216º, da Constituição de 1988, enquanto “*bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira*” (BRASIL, 1988: 39).

Para o IPHAN (1995) o Patrimônio Material é composto por um conjunto de bens culturais, classificados segundo a sua natureza, tais como patrimônio arqueológico, paisagístico e etnográfico; histórico; belas artes, e das artes aplicadas. No que tange ao Patrimônio Imaterial, se constitui naquele transmitido de geração em geração, assim, constantemente recriado pelas comunidades envolvidas.

O patrimônio cultural não se restringe aos imóveis oficiais isolados, igrejas ou palácios, mas a sua concepção contemporânea se estende aos imóveis particulares, trechos urbanos e até ambientes naturais de importância paisagística, passando por imagens, mobiliário, utensílios e outros bens móveis.
(IPHAN, 1995)

A amplitude e abrangência do conceito de Patrimônio Cultural, formalmente disposto na Constituição brasileira estabelecem novos paradigmas para essa área. Verdadeiro desafio na sua efetivação e valorização desse conceito, o Decreto Federal 3.551/2000 institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial e estabelece o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial, que, na atualidade do tema *versus* o reconhecido oficial, apenas reconhece as obras edificadas, o chamado “*patrimônio de pedra e cal*” (BLOISE, 2007: 7), tal como se segue, na definição:

O Patrimônio Cultural Imaterial é o patrimônio rico e diversificado, ao mesmo tempo vivo e tradicional, que se manifesta por meio de expressões e tradições orais, pelas artes performáticas, pelas práticas sociais, incluindo rituais e eventos festivos, pelos conhecimentos e práticas relacionados à natureza e pelo artesanato tradicional. (...) Em nosso mundo, a transmissão desse patrimônio de geração a geração está seriamente ameaçado, entre outros fatores, pela industrialização, pelo crescimento das cidades, pelos conflitos armados, pela

degradação do meio ambiente, pelas conseqüências do turismo de massa inconseqüente (MYANAKI, 2007: 17)

A Constituição de 1988 complementa que o Patrimônio Cultural brasileiro inclui:

As formas de expressão; os modos de criar, fazer e viver; as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. (BRASIL, 1988: 39).

Vale ainda ressaltar a dificuldade prática na realização da documentação dos saberes e manifestações culturais brasileiras. Sem contar que os “*tais registros devem ser periodicamente atualizados, para o acompanhamento da evolução e das transformações sofridas pelo bem*” (IPHAN, apud BLOISE, 2007: 8). Torna-se, portanto, indispensável uma ação integrada dos Estados e Municípios na política de preservação, também dos bens culturais imateriais, reconhecidos e valorizados pela comunidade.

O Art. 215º, da mesma Lei Federal de 1988, define que o Estado deverá garantir, a todo e qualquer cidadão, o pleno exercício dos direitos e acesso às fontes da cultura nacional, e deverá apoiar e incentivar a valorização e a difusão das manifestações culturais. Dessa maneira, expressar a cultura significa cultivar o respeito às eventuais diferenças entre os indivíduos e os grupos, para que se estabeleça um convívio harmonioso entre todas as identidades culturais existentes no território nacional (BLOISE, 2007).

De acordo com o Ministério da Cultura (MINC), à idéia de patrimônio cultural brasileiro, também se constrói por meio da adesão da nova expansão do quadro cronológico e do novo público. As novas formas, valores e disciplinas associadas aos já existentes, somam-se ao *valor de uso* e o *valor econômico* como *vetor de desenvolvimento*, principalmente através da educação e do turismo. (MINC apud BLOISE, 2007).

Isto posto, confirma-se a recente a noção de Patrimônio Cultural, que continua clamando por estudos mais aprofundados, pois esse conceito, ainda em construção, sem cair no reducionismo do objeto material e monumental, deve levar em conta também o imaterial ou intangível, além da vida social em torno do objeto de análise (COSTA, 2008).

2.3 PAISAGEM CULTURAL: EM BUSCA DO CONCEITO

De acordo com Macedo (1994: 54), *paisagem* caracteriza-se pela “*expressão morfológica de um determinado tempo, do processo constante de ação dos seres vivos sobre os diversos pontos do planeta associado ao movimento contínuo das diferentes estruturas geológicas e águas*”.

Esse autor ainda define a expressão *morfologia da paisagem*, percebida e codificada pela dimensão visual de cada um, tal e qual a realidade palpável e concreta na materialização de um momento qualquer de determinada sociedade, que pode ser representada por imagens, tais como fotografias, aerofotogrametrias, entre outras.

Para Barcellos (1999: 30), “*a solução de limitar a paisagem, como algo limitado ao percebido, é insatisfatória por significar um reducionismo da problemática da paisagem*”, que se estrutura, não como um *cenário*, mas como “*representação imagética do conjunto*”, contemplando a ambiência e todos os movimentos e relações que o mesmo suporta; sujeito à percepção de cada indivíduo.

Ancorada em Santos (1997: 62), “*a percepção é sempre um processo seletivo de informações*”, que varia de acordo com a capacidade perceptiva de cada indivíduo, sujeita ao seu repertório, portanto variável de acordo com os sentidos e vivência de cada um.

Assim, “*para o passeante, os elementos compositivos da paisagem tornam-se traços significativos e pertinentes, que marcam sua consciência. Podem provir do trabalho da memória bem como dos movimentos de seu corpo*” (LEENHARDT, 1996: 36).

As imagens ambientais são os resultados de um processo bilateral entre o observador e seu ambiente. Este último sugere especificidades e relações, e o observador – com grande capacidade de adaptação e à luz de seus próprios objetivos – seleciona, organiza e confere significado ao que vê LYNCH (1997: 07).

Isto posto, mais uma vez fica claro as particularidades com relação à percepção da paisagem como experiência pessoal, determinada pela história de vida de cada indivíduo. Sendo que, no caso da avaliação de Lynch (1997), essas vão além das ambiências perceptíveis em cada canto da cidade, mas revela cada indivíduo na complexa trama das relações sócio-econômicas e culturais nos seus vários níveis.

Visitar uma cidade é sempre uma atividade fascinante. Todo e qualquer lugar, seja uma grande cidade ou um pequeno vilarejo, é sempre um espaço cercado de histórias, de fatos que determinam motivos para a fixação de grupos de pessoas no local. Por consequência, situações econômicas, políticas, culturais, sempre diferenciais, criam assentamentos humanos com características e estilos próprios. Esses diferenciais urbanos e arquitetônicos estão intrinsecamente relacionados a esses fatores, nas ruas, nas fachadas, nas formas arquitetônicas e urbanas que são testemunhas da história e do legado da localidade (MYANAKI, 2007: 49).

Milton Santos (1985: 05) explica que “o espaço deve ser considerado como uma totalidade, a exemplo da própria sociedade que lhe dá vida”.

Esse mesmo autor, ainda esclarece que “o espaço não é nem uma coisa, nem um sistema de coisas, senão uma realidade relacional: coisas e relações juntas”. O movimento, tanto da natureza do espaço, como da sociedade, gera paisagens diversas, ou seja, o espaço “considerado um conjunto de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais com a vida que os preenche e os anima, ou seja, a sociedade em movimento” (SANTOS, 1997: 26).

No entender de Burle Marx (1987: 55), a “paisagem não é estática, pois todos os seus elementos constituintes são passíveis de transformações próprias, como também se alteram mutuamente”.

Na defesa de Santos (1994: 66), “a paisagem não se cria de uma só vez, mas por acréscimos, substituições (...) Uma paisagem é uma escrita sobre a outra, é um conjunto de objetos que têm idades diferentes, é uma herança de muitos diferentes momentos”.

Assim, diferentes paisagens podem estar contidas no mesmo espaço, comportando variações e movimentos que determinam distintas percepções, em variados momentos, na existência de cada indivíduo. O espaço é *locus* das relações humanas. A paisagem é o retrato dos acontecimentos, que se manifestam num determinado momento.

Ancorados nos recentes conceitos de Patrimônio e Paisagem Cultural, o que dizer do patrimônio histórico como ordenador da paisagem?

Ambos ainda em evolução, assim, ao considerar um e outro, arrisca-se o diálogo.

2.4 PATRIMÔNIO HISTÓRICO-CULTURAL COMO ORDENADOR DA PAISAGEM

No entender de Milton Santos (1985: 2), a paisagem “dá vida aos objetos, seu princípio ativo, isto é, todos os processos sociais representativos de uma sociedade, em um dado momento. Esses processos, resolvidos em funções, se realizam através de formas”.

A forma de olhar o passado para entender o presente, retrata uma série de momentos históricos, identificados na transformação do espaço, a exemplo do antigo centro de uma cidade, onde através de suas formas as pessoas resgatam memórias, e um espaço de reconhecimento, onde os indivíduos se vêem como sociedade e interação coletivamente. Dessa maneira, para refletir a percepção humana, paisagens culturalmente construídas não faltam. Verdadeiros laboratórios, ricos em experiências de vida, e capazes de proporcionar outras vivências, o espaço construído, alguns até considerados Patrimônio Cultural, retrata paisagens diversas, ao longo de cada período. E muitos desses espaços, por conta dos seus significados, ultrapassam as fronteiras da realidade urbana ou vão além das portais das propriedades rurais; perduram e ganham significado na memória e identidade do lugar.

Dentre as lembranças mais amplas: a Igreja Matriz... o Coreto, na Praça... a antiga “estaçãozinha” do trem... o posto de telefonia... os passeios de domingo... E, por que não a garapa de cana moída na hora, lá, no terreiro do sítio do avô? Ou chupar cana, lá, no meio do canavial? Brincar em alguma poça de água, ou mesmo no rio, ainda pescar algum peixinho para acompanhar uma boa cachaça artesanal?

Para Arantes (1994: 200), “os marcos visíveis, que perduram lugares de identidade, são apenas parte de uma realidade mais profunda e mais extensa que os contextualiza e desafia”. Entretanto, esse mesmo autor alerta para o fato de que passos desatentos repetem o percurso conhecido sem se dar conta do espaço ao redor, do lugar.

(...) de um ponto ao outro do trajeto rotineiro, a cidade passa a ser distância. Esse caminhar é uma forma de deslocamento que torna invisíveis os marcos, as fronteiras simbólicas e as zonas de passagem, fazendo a sua leitura a construção de um espaço sem lugares. (ARANTES, 1994: 198)

Entretanto, no contexto atual; programado pelo sentido da indiferença e instantaneidade que conduz o ser cidadão a uma vivência desprovida de percepção e

apreensão do espaço ao redor, já que o espaço é uma construção social, ou seja, útero fecundo das relações sociais e do processo de alteridade; tal situação pode levar à destruição, ou melhor, à demolição, não somente do edificado, mas dos valores e identidades, importantes para a preservação da memória do lugar.

O conceito de lugar guarda uma dimensão prático-sensível, pois depende da apropriação de certa porção do espaço, necessária à existência da humanidade. Assim, o lugar configura-se no espaço vivido e reconhecido pelo ser humano, tanto que para Tuan (1983), o lugar possui espírito e personalidade. Ganha sentido de lugar que se manifesta pela apreciação visual ou estética e pelos sentidos a partir de uma longa vivência. No lugar que ocorrem as relações do movimento da vida humana, num determinado tempo passado ou presente. O lugar comporta, portanto, as condições físicas e humanas para o exercício da relação sujeito-objeto.

Assim, unidade visível do arranjo espacial que a visão pode alcançar, a paisagem possui caráter social, pois é formada de movimentos resultantes da ação humana por intermédio do seu trabalho, da sua cultura e dos seus sentimentos. Sendo a paisagem percebida e apreendida constantemente define-se como produto da percepção humana que se desenvolve no processo de apreensão empírica do indivíduo em suas relações com os ambientes e com os grupos sociais aos quais pertence.

A paisagem não se cria de uma só vez, mas por acréscimos, substituições; a lógica pela qual se fez um objeto no passado era a lógica da produção daquele momento. Uma paisagem é uma escrita sobre a outra, é um conjunto de objetos que têm idades diferentes, é uma herança de muitos diferentes momentos (SANTOS, 1994: 66).

Relembrando Choay (2001), o patrimônio histórico pode ser compreendido enquanto expressão que designa um bem destinado ao usufruto de uma comunidade que se amplia e se constitui mediante acumulação e diversidade de objetos congregados por seu passado comum.

E por que não, por sua paisagem comum?

Na explicação de Tuan (1980: 91) “*a visão de mundo, se não é derivada de uma cultura estranha, necessariamente é construída dos elementos conspícuos do ambiente social e físico de um povo*”.

Ao identificar a Paisagem Cultural entendem-se as construções ou os conjuntos edificados do lugar, mas também os seus vazios enquanto elementos da memória e identidade de um povo, morador ou não, mas envolvido em tal ambiente. Assim o binômio “Patrimônio Paisagem” possui caráter mais amplo, principalmente na identificação dos valores para o resgate da memória do lugar com vistas à preservação do bem maior, calcado nas mais simples manifestações culturais importantes na construção da identidade de uma comunidade.

Para terminar esse item, concorda-se com Pires (2001: 127) que *“paisagem e turismo são duas realidades intimamente relacionadas: a paisagem é um elemento substancial do fenômeno turístico e, portanto, um recurso de grande valor no desenvolvimento na consolidação da oferta de turismo”*.

E Cruz (2002: 109) complementa que *“a paisagem é a primeira instância do contato do turista com o lugar visitado e por isso ela está no centro das atividades dos lugares para o turismo”*.

Isto posto, importante recurso a ser valorizado e preservado, ao binômio “Patrimônio Paisagem” cabe enfoque devido, sob pena se perder a memória e identidade do lugar, principalmente dos pequenos e médios municípios, por vezes, considerados inexpressivos ao turismo, mas interessantes, no que tange às peculiaridades locais e regionais, que poderão participar de roteiro ou circuito maior.

2.5 O TURISMO NA SOCIEDADE PÓS-MODERNA

Tal e qual a recente evolução dos conceitos de Patrimônio e Paisagem Cultural, este subitem enfocará as novas configurações do turismo na sociedade pós-moderna.

Assim, apresentam-se e discutem-se, primeiramente os conceitos de Turismo, para depois de um breve histórico dos principais condicionantes do desenvolvimento da sociedade para o pós-moderno, tentar entender como as atividades turísticas, principalmente no Brasil, modificam-se de acordo com os paradigmas estabelecidos na contemporaneidade.

A palavra turismo, no idioma francês, apresenta no radical “*tour*” o significado de *volta* (BARRETO, 1995). A sua formação epistemológica, cujo conceito se respaldada na noção de “*deslocamento temporário com retorno ao local de partida*”, considera que esse radical vem do latim, do verbo “*tornare*” e do substantivo “*turns*” (ANDRADE, 1992).

Para Trigo (1993), foi a partir de 1850, marco da Revolução Industrial na Inglaterra, com a legitimidade do sistema capitalista que se desenvolvem atividades turísticas na Europa Ocidental e América do Norte. Dessa maneira, o auge do modelo energético da combustão do carvão e o franco desenvolvimento técnico e tecnológico da máquina a vapor progredem o setor de transportes, que propicia os deslocamentos mais longos dessa época, fator importante às atividades iniciais do turismo, que se baseavam tão somente no lazer, do *dopo lavoro* (depois do trabalho).

Esse mesmo autor ainda explica que identificados os interesses econômicos com relação aos rendimentos do setor, o turismo apresenta curvas ascendentes e descendentes de crescimento, sempre relacionadas às crises e conflitos mundiais, pautados no desenvolvimento do capitalismo. Os teóricos relatam que, no início do Século XX, aconteceu um pequeno crescimento do turismo, interrompido pela I Guerra Mundial.

E, aqui, ressalta-se que a primeira definição de turismo, elaborada em 1911, pelo austríaco Schullern, apud BARRETO (1995:15), “*compreende todos os processos, especialmente os econômicos, que se manifestam na chegada, na permanência e na saída do turista de um determinado município, país ou estado*”.

Em 1933, a OMT, apud Dias e Aguiar (2002: 24), enquanto importante órgão internacional especializado em turismo lança a seguinte conceituação para o termo:

(...) atividades que as pessoas realizam durante suas viagens e estadias em lugares diferentes do de sua moradia habitual, por um período de tempo consecutivo inferior a um ano, com fins de lazer, por negócios ou outros motivos não relacionados com o exercício de uma atividade remunerada no local visitado.

Terminada a I Guerra Mundial, as seqüentes transformações e revoluções facilitam o acesso das classes menos abastadas aos vários setores do desenvolvimento sócio-econômico e cultural, entre eles, o turismo, que passa a ser sinônimo de qualidade de vida em busca de lugares aprazíveis e saudáveis derivados do mundo moderno, Assim, intensificam-se o criar e o recriar espaços das atividades turísticas (SANTOS e MACHADO, 2006)

No decorrer do século XX, do ponto de vista social e da ocupação do território, aconteceram, no mundo todo, processos de crescimento e desenvolvimento econômico altamente segregadores devido à demasiada concentração do capital em determinadas áreas, geralmente urbanizadas, em detrimento de outras, mais periféricas, onde a *ruralidade*, na sua maioria, se consolida na franja da miséria e da marginalidade humana. A partir da segunda metade desse século, nos países em desenvolvimento, e cita-se o Brasil, onde o crescente processo de industrialização propicia concentração de riquezas em áreas específicas e urbanizadas, e periferizam outras. Situação essa, que acaba por gerar outros arranjos regionais e intra-regionais enquanto âncoras dos novos modos de produção e consumo, determinantes sócio-econômicos que permeiam a atualidade dos tempos e propiciam oportunidades de inserção sócio-produtiva, culturais e ambientais, respaldadas também pelas atividades do turismo. (PORTUGUEZ, 2006)

As transformações mundiais e a conseqüente globalização, favorecidas pela revolução tecnicista e informacional, pela comunicação instantânea entre os diferentes povos, além das novas territorializações econômicas ascendentes, propicia novos olhares aos lugares. (SANTOS e MACHADO, 2006)

Dessa maneira, entende-se que o conceito de Pós Modernidade, segundo Anderson (1999), primeiramente manifestado na América Latina; no caso brasileiro, revela um período marcado por significativas transformações no fazer e pensar a arte (a partir de 1945) e a arquitetura (entre 1960 e 1990).

A pós-modernidade enquanto atributo cultural da sociedade globalizada indica avanço em todas as áreas da manifestação de um povo, de sua cultura, economia, ciência, no máximo da produção e do tecnicismo, sob a alegação de que todos teriam os mesmos direitos ao consumo dos bens e serviços gerados pelo capitalismo em ascensão. E não seria diferente com relação ao turismo, no qual o período pós-moderno lhe permitiria incorporar, através das altas eficiências tecnológicas, os fenômenos culturais e sociais recorrentes que, nas suas especificidades, incentivam os deslocamentos e o “multiculturalismo”. (GASTAL e CASTROGIOVANNI, 2003)

Após a II Guerra Mundial, devido às transformações nas relações de trabalho das economias do planeta, instituiu-se o chamado tempo livre. Na década de 50, graças à institucionalização das férias remuneradas, aqui, no Brasil, aconteceu um verdadeiro “boom” no turismo de massa, cuja concepção se atribui à produção em série de bens e matérias. Muito embora o turismo não se restrinja à produção de mercadorias, arrisca-se afirmar que o consumo de massa se aproxima ao turismo de massa devido à padronização dos seus produtos duráveis ou não. Dessa forma, a lógica do consumo pós-moderno possibilita condições de promover o lazer e o turismo mais flexível e mercantilizado, principalmente mais segmentado, que corresponde, na cultura, à estetização contemporânea do consumo. Por isso a significativa variedade dos produtos turísticos, pautado na diversidade cultural, e natural, que se apresenta no determinado território. (SLUSZZ, et al., 2006)

Nessa época, ainda, destacam-se outros condicionantes ao desenvolvimento da indústria do turismo tais como o avanço tecnológico nos setores de informática, telecomunicações, química, física e engenharias, que possibilitam a implantação de novos espaços exclusivos ao lazer – parques temáticos e *megaresorts*, por exemplo. (COSTA, 2007). Esses espaços espetaculares do ponto de vista tecnológico afastam-se dos ideais do Movimento Moderno pelo abandono dos princípios preconizados na “*Carta de Atenas*” (1933), documento referendado pelo IV CIAM, no qual se definiram as quatro funções urbanas, onde o lazer complementaria o trabalhar, o circular e o habitar, concebido ao desfrute dos espaços livres, inclusive da poluição ambiental (SZMERECSANYI, 2004).

Explicado por Molina, apud Costa (2007: 11), “o *pós-turismo é um novo paradigma que apresenta as seguintes características*”:-

- 1) *deslocamento desnecessário do local de residência;*
- 2) *nenhum contato com os indivíduos das comunidades;*
- 3) *contato com cenários naturais readaptados pela aplicação de tecnologias;*

- 4) deslocamento de mão-de-obra causado pela incorporação de processos automatizados de alta tecnologia; e,
 5) pouca ou nenhuma influência dos recursos naturais e culturais disponíveis na região sobre o pós-turismo.

Ainda vale lembrar que nos idos de 1976, o Conselho Internacional de Monumentos e Sítios, reunido em Bruxelas, lança a “*Carta de Turismo Cultural*”, que define o turismo enquanto “*feito social, humano, econômico e cultural irreversível. Sua influência no campo dos monumentos e sítios é particularmente importante e só pode aumentar, dados os conhecidos fatores de desenvolvimento de tal atividade*” (ICOMOS, 1976: 1).

A “*Declaração do México*”, de 1985, resultado da Conferência Mundial sobre as Políticas Culturais, organizada pelo mesmo Conselho, define:

Patrimônio Cultural de um povo compreende as obras de seus artistas, arquitetos, músicos, escritores e sábios, assim como as criações anônimas surgidas da alma popular e o conjunto de valores que dão sentido à vida. Ou seja, as obras materiais e não materiais que expressam a criatividade desse povo: a língua, os ritos, as crenças, os lugares e monumentos históricos, a cultura, as obras de arte e os arquivos e bibliotecas (ICOMOS, 1985: 4).

A sustentabilidade, também fator de prosperidade nas atividades turísticas, apresenta no seu bojo o “*princípio estruturador de um processo de desenvolvimento centrado na eficiência econômica, na diversidade cultural, na proteção, conservação do meio ambiente e na equidade social*” (BRASIL, 2006: 11).

Assim, o turismo sustentável deve colaborar com a redução dos desequilíbrios territoriais e sociais, bem como eliminar as disparidades ambientais de acordo com o princípio de sustentabilidade ambiental, de igualdade e de crescimento da economia, sem impactos sócio-culturais.

Para a OMT o desenvolvimento sustentável das atividades turísticas depende da sustentabilidade sócio-cultural que visa preservar a identidade, cultura e tradições da comunidade local; da sustentabilidade econômica, que possa garantir emprego e renda mais eficientes, bem como da sustentabilidade ambiental, compatível à manutenção do ecossistema existente num determinado território. (OTM, 2001)

Segundo Gandhi, “*a terra é suficiente para todos, mas não para a voracidade dos consumistas*”. (BARROS, 1999: 12) Dessa forma, os recursos e atrativos básicos para o desenvolvimento da atividade de consumo sustentável seriam os ambientes naturais preservados, que considerem também os patrimônios histórico-culturais peculiares a cada lugar e região.

Na Declaração dos Direitos Humanos, de 1948, citada no relatório do Ministério do Turismo, defende que a sociedade mais humanizada possibilita melhores condições de cidadania, diretamente relacionada aos direitos de cada um, no que diz respeito à garantia de trabalho, educação, liberdade de expressão e processos participativos de decisão da vida comunitária. Desse modo, *“sustentabilidade sociocultural ocorre em um processo de construção de uma sociedade sustentável e produtiva – uma sociedade que produz e preserva riquezas e não somente acumula lucros”* (BRASIL, 2006: 12).

Da mesma maneira que ocorreu em outros momentos históricos de transição, acredita-se que, hoje, se vivencia a consequência da pós-modernidade, ou seja, um período marcado pelas pressões sociais e tecnológicas das várias fontes, associadas com a força da mídia e a busca de novos posicionamentos pelas grandes empresas, também no setor do turismo. (COSTA, 2007) Essa transição apresenta alguns nomes emblemáticos, tais como responsabilidade social, sustentabilidade sócio-cultural, responsabilidade sócio-ambiental, entre outros conceitos, já, incorporados às atividades humanas.

Destaca-se ainda que, apesar do elemento positivo, ou seja, a valorização do particular sobre o universal, a discussão sobre a pós-modernidade, predominante nos anos 1980 e parte dos 1990, declinou. Entretanto, perdeu-se a visão mais cosmopolita do mundo ao focalizar-se demasiadamente no elemento de identidade cultural.

No que tange ao pensamento pós-moderno, dificilmente pode-se compreender fenômenos de amplitude mundial, menos ainda buscar soluções globais aos problemas ambientais, econômicos e sociais, principalmente na flexibilização do trabalho, entre outros. O fenômeno, chamado globalização, banalizou-se e tudo se globalizou. Esse tema está presente nos jornais, na televisão, nas revistas de moda, nos movimentos ecológicos, ou seja, no senso comum planetário, que necessita ser rompido devido à problemática que se apresenta na distinção da mundialização da cultura, pois não existe, nem existirá uma cultura global.

As diversidades culturais coexistem no território específico chamado entre lugar, onde a realidade de cada um convive com os conflitos e existência do grupo, ao qual pertence e, assim, provocam transformações históricas. (COSTA, 2007).

Na defesa do multiculturalismo, evidenciam-se questões sócio-comunitárias, políticas e de solidariedade (Bhabha, apud COSTA 2007), que acabam por gerar de novos olhares em relação ao espaço e à cultura.

Aqui, ressalta-se a idéia de que, se o conjunto da sociedade realmente incorpora a pós-modernidade do turismo, muitas vezes, no anonimato, segregado e sem qualquer valorização da cultura local; aos turistas, na escolha do lugar de suas férias, pouco importa os residentes, mas a satisfação dos seus desejos, das suas motivações, que acabam por influenciar o signo e o significado do espaço construído com a finalidade de atração do provável lucro econômico gerado. Sem contar os efeitos negativos no interior das localidades, que podem levar à violência, ao aumento da desigualdade social, ao desemprego, ou seja, condições opostas do que se prega a ideologia do desenvolvimento sustentado. (HEUSER e PATRICIO, 2006)

Além disso, nesse século, com o novo paradigma ambiental, tem-se no Turismo Rural ou Ecológico uma das saídas para aumentar o produto interno bruto do país. Esses condicionantes têm aumentado significativamente a demanda nos setores de comércio e serviços ligados ao turismo, e nele o rural, ecológico e ambiental está em ascendência, como parte integrante de uma vocação determinada pela existência de recursos naturais, de belezas exuberantes, remanescentes da Mata Atlântica. (GAIOTTO, 2004 e 2006a), se considerada a região objeto do estudo, na bacia do rio Sorocaba, no Médio Tietê Médio.

E vale lembrar que o Turismo Rural se confunde ao Ecoturismo ou ao Turismo Ecológico, ou seja, com o turismo baseado no ambiente que pretende evitar custos ambientais e sociais, pois os espaços do rural integram-se aos protegidos, com capacidades de cargas reduzidas e da busca humana pelo verde (GAIOTTO, 2006a).

Aqui, será adotada a definição de Turismo Rural, impulsionado pela motivação dos turistas à exploração e conhecimento dos espaços naturais, sobretudo dos humanizados ativos ou apenas contemplativos que, muitas vezes, assegura a volta ao passado. Importante, ainda, vincular ao o Turismo Rural ao Cultural, representado nas festas e cultos religiosos aos santos padroeiros; nos pequenos museus; nas culturas agrícolas à moda antiga; nas festas de bairros e romarias, entre outras (Zimmermann, apud GAIOTTO 2006a).

Cita-se, ainda, o turismo que valoriza os produtos específicos do local (Covaco, apud GAIOTTO 2006a), no caso dessa proposta, à produção artesanal ou não de cachaça, bem como à de açúcar e álcool, existentes na região, objeto desse estudo.

As urgentes ações mais sustentáveis, tanto do ponto de vista sócio-cultural, como da responsabilidade sócio-ambiental, entre outras, podem garantir o desenvolvimento do

turismo, mas também resgataria o Patrimônio Cultural manifestado nos bens materiais, imateriais e ambientais. Assim, esta proposta pode colaborar com a redução dos desequilíbrios territoriais e sociais, bem como eliminar as disparidades ambientais de acordo com o princípio da sustentabilidade ambiental, igualdade social e do crescimento da economia, diminuindo os impactos sócio-culturais cerquilhenses (GAIOTTO e ARGOLLO FERRÃO, 2008).

Baseado em tal premissa, aqui, permite-se citar algumas práticas de sustentabilidade sociocultural no turismo brasileiro. Por exemplo, o “*Circuito Trilha dos Inconfidentes*”, que abrange as cidades históricas de São João Del Rei, Tiradentes, Prados e Resende Costa, entre outras, localizadas no Estado de em Minas Gerais, onde se encontram os mais significativos exemplares dos bens materiais brasileiros, representados nos inúmeros casarões e igrejas barrocas com museus de arte sacra, e dos imateriais, nos cultos religiosos. Sem contar o ambiental, das cachoeiras; trilhas para caminhadas; águas santas, e balneários hidrominerais (BRASIL, 2006: 38-40).

Outro considerável exemplo, o “*Roteiro da Uva e do Vinho*”, na região serrana do Rio Grande do Sul, que visa, entre outros, o resgate da cultura italiana local. (BRASIL, 2006: 52-55)

Ainda, há que se destacar um dos maiores complexos turísticos brasileiros, a “*Estrada Real*”, construída nos idos do Século XVII, foi uma das mais importantes ligações das Minas Gerais – da antiga Vila Rica, atual Ouro Preto - ao litoral – Porto de Paraty, pois servia a busca e escoamento das riquezas, principalmente dos metais e pedras preciosas. No Século XVIII, abriu-se o *novo caminho*, do porto do Rio de Janeiro até o Arraial do Tejuco, hoje, Diamantina. O circuito, aproximadamente 1400 km de patrimônio, pode ser percorrido com veículos automotores, a pé, a cavalo ou de bicicleta. Da paisagem, entre serras e águas, desfruta-se, também, de cultura e arte. A “*Estrada Real*”, que abrange dezenas de municípios, tanto das Minas Gerais, como de São Paulo e Rio de Janeiro, esta dividida em três setores principais: “*Caminho Velho*”, de Parati a Ouro Preto; “*Caminho Novo*”, do Rio de Janeiro a Ouro Preto, e “*Rota dos Diamantes*”, de Ouro Preto a Diamantina (INSTITUTO ESTRADA REAL, 2008)

Outras rotas e caminhos têm sido explorados de acordo com o potencial turístico de suas paisagens culturais tal como o “*Circuito das Águas Paulista*” localizado na Serra da Mantiqueira, no Estado de São Paulo, abrange as Estâncias Hidrominerais de Lindóia e Águas de Lindóia, Amparo, Serra Negra, Monte Alegre do Sul e Socorro, inclui também

Pedreira Jaguariúna. Outra opção seria o “*Caminho da Luz*”, encravado na Zona da Mata Mineira, na divisa com o norte do estado do Rio de Janeiro e sul do Espírito Santo; percorre uma região montanhosa da serra do Caparaó, com altitudes variando entre 238m em Tombos (início do Caminho) e 2890 m no alto do Pico da Bandeira (final). O “*Circuito das Frutas*” compreende os municípios de Indaiatuba, Itatiba, Itupeva, Jarinu, Jundiá, Louveira, Morungaba, Valinhos e Vinhedo, no interior paulista. A “*Rota Caminhos dos Imigrantes*”, formada pelas cidades de Cariacica, Itarana, Santa Teresa, Fundão, Itaguaçu, Santa Maria de Jetibá, Santa Leopoldina e São Roque do Canaã, no estado do Espírito Santo, possui quilômetros de belezas naturais, diversão e cultura. (BRASIL, 2006)

Resguardadas as peculiaridades locais, cita-se a “*Rota dos Tropeiros*” que abrange dezesseis municípios do Estado do Paraná, ligando o Estado de Santa Catarina ao de São Paulo, através de vinte e uma rodovias federais ou estaduais, além das estradas rurais, em meio às fazendas, *cânion*, montanhas, rios e lugarejos. Esse trajeto visa à exploração de outros roteiros interligados em “*História e Cultura, Fé e Misticismo, Natureza e Aventura, e Saúde e Bem Estar*”. (ROTA DOS TROPEIROS, 2008)

Enfim, as mais simples manifestações culturais, importantes na construção da identidade de um povo, de uma nação e principalmente da cidadania, representam o patrimônio maior, que garante a fixação do homem no *lugar*, espaço da sua identidade cultural, social, política e econômica, na preservação e conservação do seu território. Essas, sim, repercutem no ponto chave da diferença que faz a diferença, que atrai o turista, que apaixonou e demonstra a realidade de um povo.

2.6 MEMÓRIA E TURISMO PARA O DESENVOLVIMENTO SÓCIO-CULTURAL

No estudo dos aspectos de *memória* como fator da construção histórico-cultural, a volta ao passado como possibilidade de resgate e valorização da memória torna-se evidente, enquanto criação humana (COSTA, 2008).

Memória é a imagem viva de tempos passados ou presentes. Os bens, que constituem os elementos formadores do patrimônio, são ícones repositórios da memória, permitindo que o passado interaja com o presente, transmitindo conhecimento e formando a identidade de um povo (CREA-SP, 2008:13)

Resta entender como essa memória pode contribuir para a oferta do turismo, no sentido de resgate de valores sociais estabelecidos pela comunidade envolvida, e de que forma o resgate memorialístico das localidades, cidades ou destinos turísticos, pode ajudar na qualidade de vida das comunidades e dos turistas?

Desse modo, destaca-se a imperiosa necessidade de ações para o resgate, valorização e preservação, no sentido de se recuperar ou restaurar, para se tentar conservar o que sobrou do passado, na Paisagem Cultural das localidades.

No entanto, sob pena do reducionismo nas imagens de antigamente, cuja memória e identidade simplesmente terminem nos saudosismos de poucos, talvez nada representativos para a coletividade, há que se valorizar e preservar o presente como um todo.

Em face desse contraste, importante atentar para a preservação e revitalização do patrimônio histórico edificado, não somente como forma de manutenção da identidade visual do lugar (o antigo e o novo), mas como educação do sentimento estético, tanto das atuais, como das futuras gerações, que provavelmente viverão a multiplicidade de linhas e características arquitetônicas desenvolvidas no mesmo espaço, em diferentes tempos.

Assim, há que se preservar e conservar o antigo, sem menosprezar o moderno, pois o patrimônio edificado caracteriza uma determinada época e grupo social, e constitui o retrato histórico da localidade, cuja identidade visual é assinalada por contrastes em todas as formas visíveis.

Patrimônio histórico é poesia. Um versejar que pode exigir formas de refuncionalização. A maioria dos edifícios tombados mundo afora serve hoje a propósitos diferentes da época de sua construção. É este não-lugar, este despropósito, como ocorre com a poesia, que nos permite descobrir a exaltação

de sentir a memória como nossa. Arelado ao patrimônio arquitetônico, há um convite à emoção, o que faz a experiência do turista intransferível. Não é de se estranhar que o turismo esteja entre as indústrias econômicas que mais crescem no mundo: o acúmulo de bens materiais esgota-se e eles são transferíveis; a emoção, ao contrário, tem de ser experimentada, vivida (BORTONE, 2008: 5).

Por esses motivos e outros tantos, as iniciativas vêm sendo cada vez mais amplas em relação ao resgate, valorização, preservação, recuperação e restauração das Paisagens Culturais anteriores, principalmente das cidades. Mas, será que essa postura se aplica na maioria dos centros urbanos, independente do seu porte?

A coleta de dados que referencie a realidade das condições de vida e do Patrimônio Cultural das localidades permite a atualidade no acervo das informações, mas também o retrato memorialístico de amplitude local, regional, estadual, e até nacional.

E o que dizer das ações e políticas públicas com relação à defesa do Patrimônio Cultural?

E a representação popular?

Como estariam constituídos e atuantes nos municípios de um determinado Estado, ou região, os Conselhos de Defesa do Patrimônio; de Desenvolvimento Urbano, e do Turismo, por exemplo?

Caso contrário existe o sério risco de se perder a possibilidade de manutenção de um patrimônio importante para a educação das gerações futuras.

Esse embate entre o novo e o antigo é uma realidade constante. A memória e a identidade convivem em situações de risco, pois na maioria das localidades dependem da lucidez dos agentes públicos e/ou privados.

2.7 COMUNIDADES TURÍSTICAS: PATRIMÔNIO E PAISAGEM CULTURAL

Por que as comunidades turísticas devem lutar na busca de soluções para resgatar, valorizar, preservar e conservar os seus Patrimônios e Paisagens Culturais?

Atente-se para o conceito de Patrimônio Cultural, referenciado na Constituição do Brasil, como algo herdado do passado que interpretado a partir do presente carrega em si memórias e esquecimentos, ou seja, algo respondido em função das necessidades sociais do presente e do futuro. Sendo que, nessa mesma Lei de 1988, nada se encontra com relação ao conceito, ainda em construção, de Paisagem Cultural, muitas vezes, confundido com exemplares paisagísticos a serem preservados enquanto algum projeto bem sucedido, ou mesmo, por representar de forma fidedigna alguma época ou vertente projetual da história da humanidade.

No entanto, a categoria Paisagem Cultural encontra-se na lista dos pressupostos Patrimônios da Humanidade, tanto que, no dia 04 de Maio p.p., foi lançada a candidatura oficial da cidade do Rio de Janeiro para concorrer ao título nessa categoria, cujo resultado da campanha de mobilização será definido em agosto de 2010. E cabe o título aos *“locais em que a relação entre a cultura humana e o ambiente natural gera uma identidade particular”*. Assim, alguns atributos que podem conferir esse título ao *“Rio de Janeiro são as florestas tropicais e parques, as praias e manifestações culturais populares como o carnaval, conhecido em todo o mundo, o samba e a bossa nova”* (BRASIL, 2009).

Costa (2008: 37) explica que as *“normas, leis e convenções são criadas e direcionadas para definir e proteger patrimônios. Isto estimula a pergunta: patrimônios de quem, para quem e para quê?”*

Essa autora ainda interpreta que *“a noção de patrimônio ganha um caráter de propriedade coletiva”*, se pertencer não somente à história de um e outro indivíduo ou grupo social (a exemplo da família), mas à comunidade. Seria um conjunto de *“bens culturais da nação que deveriam ser preservados como testemunhos de situações históricas, sociais, econômicas, políticas e culturais de uma época”* (COSTA, 2008: 37).

O foco do olhar deve estar não apenas nas coisas em si, mas nas relações dessas coisas com a comunidade que se ordena e, ao longo do tempo, transforma a paisagem.

A história, que serve ao planejamento das ações futuras, revela o Patrimônio Cultural entendido como conceito imutável, tanto geográfico, como cronológico e tipológico.

E para exemplificar costuma-se lembrar a Europa, onde, desde o Renascimento, cresce o interesse pela preservação do patrimônio, principalmente o artístico e arquitetônico, tão valorizado pela nobreza (COSTA, 2008), já, evidenciado no Subitem 2.1, pág. 25-29.

No afã de interpretar qualquer comunidade ou nação, COSTA (2008: 37) chama a atenção para os usos e costumes dos franceses, pois *“desse patrimônio brotam memórias e histórias, as quais remetem à questão da identidade cultural daquele povo”*.

No que tange ao Patrimônio Cultural Material, essa autora explica:

O patrimônio material caminhou pari e passo com outro, pouco perceptível, num primeiro momento, enquanto patrimônio: as narrativas históricas, as quais passam a ser consideradas patrimônio imaterial, pois são relatos de experiências de pessoas e grupos que testemunharam, registraram e interpretaram os fatos e que, ao longo dos anos e séculos, a partir de concepções e posicionamentos diversos, deram origem a outros relatos (COSTA, 2008: 27).

Ainda, de acordo com Costa (2000: 28), *“no passado estão incrustadas as nossas raízes, sem o reconhecimento delas não seremos jamais capazes de sairmos das determinações do presente, de sabermos quem somos”*. No passado, ancora-se a nossa identidade. E assim, revela-se a *“relação entre memória e identidade”*.

No entender de Costa (2000: 29),

Nessa compreensão de que a reconstrução da memória fortalece as identidades surge a importância cada vez maior dos bairros, das comunidades reconstruírem as suas festas populares, os adágios populares, os folguedos que já ultrapassaram épocas e outros que já caíram nas teias do esquecimento. Reconstruí-los não como mera preservação do passado, mas porque o futuro também se inscreve nas marcas desse passado. Além do mais, o fortalecimento das identidades locais (bairro, comunidade) pode ser vista como reação defensiva de grupos locais diante da presença de outras culturas.

O Patrimônio Cultural enquanto herança de heróis, vencedores e vencidos, deve ser interpretado, não somente como estratégia de desenvolvimento social, mas também como recurso turístico e econômico, sem perder o foco de bem cultural a ser valorizado, preservado e conservado às gerações futuras.

Segundo Bortone (2008: 6), há que se *“pensar em um planejamento diferente, onde o bem histórico-cultural possa propiciar inclusão identitária e social de quem participa ativamente dessa dinâmica”*.

As atividades turísticas, enquanto trabalho de colaboração entre parceiros; tais como os órgãos de turismo, de infra-estrutura urbana e meio ambiente, de educação e cultura, além dos representantes da sociedade civil; deve contar com o poder público na realização de políticas de turismo e cultura sustentável, não só de eventos ou de produtos, mas uma política de programas. Dessa forma, o gestor público, no afã dos benefícios para a comunidade, e não somente para alguns grupos ou pessoas, evitaria colocar em risco o Patrimônio Cultural local.

Investir nas atividades turísticas exige Secretaria e Conselho de Turismo, na contratação de gestores qualificados, realmente comprometidos com os resultados e benefícios sócio-econômicos e culturais locais. E, priorizar tudo aquilo que possui algum valor cultural, representa, antes de tudo, um processo de construção do conhecimento, na identificação dos signos e significados e no desenvolvimento do conceito de Patrimônio Cultural do lugar, com a real e total participação da comunidade.

2.8 EXPERIÊNCIAS NOS LUGARES TURÍSTICOS

(...) a importância de se enxergar o turista não apenas como um número a mais, mas como um ser humano completo, com seus anseios e expectativas; principalmente pelo momento único que ele estará vivendo naquela viagem, em um espaço diferente que, para ele, é muito especial (BORTONE, 2008: 5).

De acordo com Costa (2008), deve-se proporcionar uma boa experiência ao turista e à comunidade receptiva, sob pena de se perder a possibilidade de novos investimentos e preservação do seu Patrimônio Cultural. A experiência turística agradável para todos proporciona sentido ao espaço para as atividades de turismo, ou seja, promove o existencial de maneira mais intensa do que o de fruição dos turistas.

"As pessoas contam o que vivenciaram ou sonharam, o que ficou alojado em sua memória; quando querem esquecer experiências negativas ficam sem ter o que contar" (COSTA, 2008: 18).

O que não agrada ao turista ou mesmo à comunidade local, não se divulga. Esconde-se, mas não se abstrai da realidade e, hora ou outra, surge no emaranhado de atitudes futuras. A memória de uma experiência vivida, tanto pelo turista, como pelo receptivo, equivale à lembrança do que se compra nos destinos, ou seja, o produto imaterial que se materializa na memória e identidade do lugar.

"O turista tenta recuperar a arte de viver, tenta dar sentido poético à vida. Ao sair de casa" (...), o turista procura "outros rumos, outros alentos" (França, apud BORTONE, 2008: 3).

Ao considerar a cultura, também demonstrada nos usos e costumes da coletividade como um todo, Costa (2008) incentiva pensar (e repensar...) os valores sócio-culturais do lugar, que influenciam na significância e no significado do mesmo.

Então, o que preservar com relação à *memória* do povo ou do lugar? O patrimônio edificado ou algum tipo de uso e costume local?

Sem dúvida, na defesa dessas memórias, desses patrimônios não se deve descartar a afetividade, tão bem representada nas lembranças familiares e do passado (infância, adolescência, entre outros tempos). E por que não dos velhos amores e dos desafetos, entre tantos outros, tão comuns na história das vidas, na comunidade destino, *versus* às dos turistas, cujas memórias jamais se encontram, ali fincadas?

Entende-se que nas atividades do turismo existe um apelo ao exótico àquilo que é diferente do conhecido, do vivenciado. Nesse movimento, existe a tendência de explorar esses recursos histórico-culturais, e mesmo os naturais, de maneira mais lucrativa possível. Sendo que para Barreto (2000: 30), “*turismo enquanto atividade que reduz os povos e sua cultura a objetos de consumo e ocasiona desajustes na sociedade receptora*” propicia mudanças, cada vez mais, multiplicadas pela capacidade de acesso aos bens culturais que se cria. Daí a importância ou a urgência da sua preservação.

Do ponto de vista da memória existe variada discussão sobre o assunto, principalmente em função do que deveria ser considerado um registro oficial de um lugar, pois o bem merece ser preservado porque representa o registro da memória e identidade social.

As ações de preservação do Patrimônio Cultural seguem alguns princípios, que ajudam a entender melhor a imprescritibilidade dos conhecimentos tradicionais, como organizadores de sistemas culturais, e como bens inalienáveis e irrenunciáveis, por isso mesmo devendo constituir foco incessante do Estado sobre os mesmos. Foco esse, cujo tom deve ser dado pelos próprios possuidores do conhecimento (OLIVEIRA, 2004).

O resgate da memória é de suma importância devido à construção de uma identidade consistente de um determinado povo. Para isso, se faz necessário rememorar em busca das raízes, das origens e do âmago da sua história. A memória possui caráter primordial para elevação de um lugar, pois aporta elementos para sua transformação.

A experiência turística tem demonstrado que a participação comunitária sustenta não apenas o atrativo, mas também a própria estrutura receptiva do turista. O turista, ao fugir de seu cotidiano e ir em busca de novos espaços e novas culturas, está ansioso por construir com essas culturas uma certa identidade. Ele está, portanto, sensível a entender simbologias, apreender significados, desde que se sinta co-participante do planejamento turístico e da história daquela comunidade. Caso contrário, não haverá nenhum estímulo à sua curiosidade e nenhuma vontade de ficar ou de voltar. (BORTONE, 2008: 7).

O interesse que a sociedade manifesta pelo patrimônio, em certo sentido, afigura como uma tentativa de reordenação de um presente descontínuo. A invenção do patrimônio é, assim, uma possibilidade de reencontro com um tempo contínuo que nos transporta às localidades, memórias, momentos e objetos que, a priori, pareciam perdidos num passado longínquo. Ora, esse fenômeno de recuperação do Patrimônio Cultural, reciprocamente pode ser considerado como um questionamento sobre a própria condição de ser no lugar, de origem ou não.

A seguir apresenta-se a pesquisa de campo.

3. DA PESQUISA AOS PROCEDIMENTOS NA COLETA DOS DADOS

Para alcançar os objetivos propostos, há que se combinar aos estudos do passado, as pesquisas das condições atuais. E, no tempo histórico-cultural de Cerquillo, a máquina de fiar parece também tecer os seus aspectos sócio-econômicos, políticos e ambientais às suas particularidades, que acabam por influenciar na definição dessa paisagem, tipicamente interiorana dessa região, localizada na Bacia do Baixo rio Sorocaba, no Médio Tietê.

Dessa complexa meada, interessa a percepção dos atores sociais, convidados para a finalização dessa pesquisa de campo, principalmente no que tangue aos seus valores, julgamentos e expectativas com relação ao Patrimônio e Paisagem Cultural cerquilhense.

Na busca do fio dessa meada, situa-se a proposta dessa pesquisa, cujos procedimentos levaram, em primeiro lugar, ao estudo de documentação bibliográfica e iconográfica realizado no acervo particular da autora e das bibliotecas públicas: Municipal “*Guilherme de Almeida*”, em Cerquillo; Central, da UNICAMP, em Campinas, e na Setorial do CET-UNB, em Brasília; para depois, às entrevistas, que seguiram a *metodologia interativa para pesquisa qualitativa* (OLIVEIRA, 2007), interpretadas a luz das teorias do binômio “Patrimônio Paisagem” para identificar, do ponto de vista dos representantes da comunidade local, o patrimônio histórico-cultural cerquilhense, com vistas a lastrar as propostas planejadas das atividades de turismo.

A abordagem retrospectiva dos ciclos econômicos pelos quais passou a região, onde se localiza o Município de Cerquillo, captada em fontes secundárias, levou ao entendimento do contexto atual. Portanto, os levantamentos de dados de campo foram essenciais, na medida em que permitiram distinguir características específicas da lógica do dinamismo dos processos de produção, principalmente pautado no canavieiro, na atualidade do desenvolvimento econômico cerquilhense, e região do seu entorno.

3.1 DEFINIÇÃO DE NOMES PARA AS ENTREVISTAS

De acordo com Tuan (1983: 39), “*espaço é um termo abstrato para o conjunto complexo de idéias. Pessoas de diferentes culturas diferem na forma de dividir seu mundo, de atribuir valores às suas partes e de medi-las*”.

Assim, respeitadas as particularidades, para a finalidade deste trabalho, elegeram-se cinco pessoas, que, de certa forma, se encontram vinculadas à comunidade cerquilhense, mas necessariamente não estão, ou são desse lugar.

Premissa básica do conhecimento e determinado vínculo com o lugar, entre tantos grupos, ali existentes, o foco do olhar desta pesquisadora, determinou aquele que melhor representasse os agentes sociais do mundo cultural cerquilhense. Dessa maneira, os convidados às entrevistas encontram-se envolvidos na produção e/ou gestão pública ou privada das diversas áreas culturais, tais como artes plásticas, literatura, teatro, fotografia, arquitetura, entre outras, conforme segue.

Na atualidade da gestão internacional da cultura, ocupa o cargo de Diretora do Centro Cultural Brasil - República Dominicana, da Embaixada brasileira, em São Domingos; a cerquilhense, Poeta e Professora PhD Cristiane Grando (35 anos), que prontamente aceitou o convite para participar da entrevista e, mesmo na impossibilidade de uma conversa pessoal, em tempo hábil enviou as suas respostas e considerações sobre o assunto deste trabalho.



Foto 11 - Cristiane Grando
Fonte: CNPq, Abril/2009

A gestão pública local, representada no convite para a cerquilhense, Artista Plástica Meire Cristina Citroni de Almeida (49 anos), Coordenadora da Cultura, na Prefeitura de Cerquillo, sugeriu o adiantamento do assunto para depois agendar a entrevista. No entanto, devido à falta de agenda da entrevistada optou-se pela comunicação, via correio eletrônico, que em nada desmereceu o conteúdo e propósito da pesquisa.



Foto 12 - Meire Cristina Citroni de Almeida
Fonte: Acervo da Autora, Maio/2009.

Na tentativa de representar os que atuam na esfera privada da gestão e/ou produção independente das diversas áreas da cultura, evidenciaram-se três outros nomes.



O primeiro, do cerquilhense, Artista Plástico e Escritor, Valdemar Grando (65 anos), que, em forma de entrevista gravada, permitiu conhecer boa parte da sua história de vida enquanto resgate da memória de infância e adolescência, baseada nas perguntas sobre o patrimônio e paisagem local.

Foto 13 - Valdemar Grando

Fonte: Acervo da Autora, Abril/2009

O segundo nome lembrado, a Poeta Isabel Pakes Ferraz (62 anos); nascida em Araçoiaba da Serra, desde os dois anos de idade, vive em Cerquillo, onde aposentou no cargo de Oficial Administrativo das escolas estaduais. Isabel, em tempo, preferiu adiantar as respostas dessa pesquisa, via correio eletrônico.



Foto 14 - Isabel Pakes Ferraz

Fonte: Acervo da Autora, Maio/2009

E, aqui, Isabel, em igualdade de condição a Cristiane, Meire e Valdemar; também será considerada “filha da terra”, pois está ligada ao lugar, como se, em Cerquillo, estivesse o seu “cordão umbilical”.

Já, o terceiro nome, o gaúcho Jorge Rugardo Bercht (86 anos), aposentado Engenheiro-Arquiteto e atuante Artista Plástico, Fotógrafo e Escritor; preferiu conceder a entrevista no seu “Jardim das Artes”. E, aqui, o Sr. Jorge representa aquele, de “fora do lugar”, cujo “cordão umbilical” se espera desligado das arraigadas tradições cerquilhenses, mas de igual importância aos objetivos deste trabalho.



Foto 15 - Jorge Rugardo Bercht

Fonte: Acervo da Autora, Abril/2009

Ainda, vale destaque ao “Jardim das Artes”, residência do Sr. Jorge, que, desde 2000, escolheu Cerquillo para desenvolver as suas atividades de produção, formação e divulgação cultural. Dessa forma, no “Jardim das Artes”, fomentado pelo seu proprietário, em parceria com Cristiane Grando, durante o ano todo, acontecem as mais diversas manifestações de arte, ciência e educação, representadas nas exposições de poesias, artes plásticas e fotografias, lançamento de livros, aulas e encontros, entre outros importantes eventos culturais.

3.2 CARACTERÍSTICAS DOS ENTREVISTADOS

Em relação aos dados referentes aos entrevistados, a faixa etária está caracterizada entre 30 e 90 anos, porque 2% estão na faixa de 35 a 60 anos e 3 % com mais de 60 anos. Dentre esses, apenas 1 % tem mais de 80 anos.

Referente ao sexo, 2 % são homens e 3 %, mulheres.

Os gestores públicos da cultura são 2%, tais que um deles atua na localidade e outro trabalha em organização internacional. Outro 1% atua na gestão e produção privada da cultura. E o restante, 2% na produção cultural independente.

Dos entrevistados, 4% são filhos da terra e apenas um deles, de fora, mas mora em Cerquilha, desde 2000. Do total, 1%, atualmente não mora em Cerquilha, mas mantém vínculo com o lugar devido à sua produção artística e cultural, além dos laços de família.

Embora, em nada relevante para a escolha dos nomes, vale ressaltar o grau de escolaridade dos entrevistados: 1% possui grau superior em nível de pós-doutorado; 2 %, em nível de graduação; 1 %, cursando nível superior, e 1%, cursou até o ensino médio.

3.3 A PESQUISA DE CAMPO

Definidos os nomes, a pesquisa de campo foi realizada tão somente pela autora do trabalho, durante os meses de Março e Abril do corrente ano. Contemplaram questionários aplicados aos entrevistados de ambos os sexos: a mais jovem 35, e o mais velho, 86 anos.

Os cinco questionários foram devidamente preenchidos, e os presenciais, aplicados durante o dia, em horários variados, na média de três horas cada um deles. Os respondidos por correio eletrônico, cujas devolutivas demoraram entre dois e quinze dias, respeitaram a disponibilidade de cada entrevistado.

O número de entrevistas foi considerado suficiente para alcançar os objetivos propostos e para cumpri-los procurou-se deixar o entrevistado bem à vontade com relação ao assunto central dessa pesquisa, privilegiando os seus causos, experiências vividas e as suas representações com relação ao objeto da análise.

Aqui, cabe ressaltar que se buscou a ética da atividade de pesquisa de campo, no sentido de não se divulgar, principalmente entre os entrevistados, a resultante dos seus relatos escritos ou gravados.

Além disso, procurou-se o devido respeito na determinação do fator tempo para cada resposta em igualdade de condição aos entrevistados (Bosi, apud PEREIRA, 2006), tanto nas gravações das conversas, a exemplo de Valdemar Grando e Jorge Bercht, como aos que responderam, tão somente via correio eletrônico: Cristiane Grando; Meire Cristina Citroni de Almeida, e Isabel Pakes Ferraz, cujos acórdãos informais respeitaram as devolutivas.

Na cientificidade da proposta, para se preservar a qualidade das entrevistas, na medida do possível, tentou-se evitar o famoso “disse me disse”, tão comum nas pequenas localidades a exemplo de Cerquilha.

A construção e formatação das entrevistas, cujas análises dos dados foram simultâneas às respostas, visam identificar os aspectos essenciais junto a cada entrevistado (OLIVEIRA, 2007), principalmente no que tange ao assunto central dessa proposta de trabalho, pautado na identificação e valorização do binômio “Patrimônio Paisagem” cerquilhense, também considerado, por todos eles, importante na radiografia da história cultural desse lugar.

3.4 INSTRUMENTOS DE PESQUISA

Para a realização das entrevistas foi elaborado questionário, cujos ajustes acabaram por definir duas distintas partes. A primeira, de questões sobre a percepção de cada um dos entrevistados referente ao binômio “Patrimônio Paisagem”, sua identificação e valorização no território cerquilhense. A segunda parte consta de levantamento de dados profissionais e sócio-culturais dos entrevistados: idade, sexo, grau de escolaridade e atividade que desempenha no setor da cultura. Setor esse, a priori definido para a escolha dos nomes, por representar importância na gestão e na produção das diversas áreas culturais de Cerquillo, que também influenciam os aspectos da construção da sua Paisagem Cultural.

Isto posto, com relação ao conceito central dessa pesquisa, no que tange ao “binômio Patrimônio Paisagem”, seguiram-se as questões: *“O que você entende por Patrimônio Cultural? E por paisagem?”*

Quanto à percepção de cada um dos entrevistados sobre a definição do que valorizar como Patrimônio Cultural do lugar, principalmente do ponto de vista do resgate, preservação e conservação dos bens culturais, coube o seguinte: *“Qual a sua interpretação com relação ao Patrimônio Cultural de Cerquillo? Você conseguiria citar exemplos, importantes para o resgate, valorização, preservação e conservação desse patrimônio? Tente justificar cada exemplo.”*

Ao julgamento do entrevistado com relação ao patrimônio como ordenador da paisagem do lugar, responderam as seguintes questões: *“Você acredita que esse patrimônio cultural interfere na ordenação da paisagem, ao longo do tempo, no município de Cerquillo? Você percebe as mudanças da paisagem, no município de Cerquillo, ao longo do tempo? Em caso positivo, até que ponto, você se sente interagindo com a transformação dessa paisagem? Esse processo afeta o seu modo de vida, ou melhor, como você se sente diante das modificações? Como você interpreta a transformação da paisagem, no município de Cerquillo, ao longo do tempo? Procure relatar a sua memória, com relação ao assunto, ou seja, o que está se perdendo? Saberes? Natureza? Usos e costumes?”*

No que se refere aos processos produtivos agricultáveis existentes no Município, os entrevistados responderam as seguintes perguntas: *“E a rapidez nos processos produtivos, principalmente no que tange à modificação na natureza, na forma de cultivar a terra, ou mesmo na arquitetura rural, de que forma lhe afeta? Quais os saberes do passado, poderiam ajudar na manutenção da vida no campo, no município de Cerquilha? O que foi destruído no passado que, para você, seria importante no resgate e valorização do patrimônio cultural de Cerquilha? Do seu ponto de vista, a paisagem, aqui em Cerquilha, pode ser interpretada como um patrimônio cultural? Em caso positivo, descreva a sua sensação e/ou interação atual com essa paisagem”*.

A Arquitetura Rural, seu resgate e valorização seguiram o questionamento: *“E, a Arquitetura rural, como você consegue interpretá-la? Você reconhece a Arquitetura Rural como patrimônio, aqui, em Cerquilha? Em caso positivo, tente demonstrar a sua interação com esses edifícios e a paisagem, que se inserem. Você preservaria ou utilizaria essa arquitetura para geração de emprego e renda da população? Como?”*

Ao processo produtivo canavieiro, em interação com a produção do espaço urbano e rural, bem como as propostas para as atividades do Turismo, responderam as indagações: *“E a paisagem da produção canavieira, como seria interpretada por você? E, qual a sua interação com o processo produtivo da cana para o álcool, açúcar e cachaça? Você acredita que a comunidade pode se beneficiar com a valorização da paisagem como patrimônio? Como você entende que essa valorização possa acontecer, a curto e/ou médio prazo?”*

No final da entrevista, ressaltou-se sobre a possibilidade de alguma importante informação ter sido deixada para trás e que poderia servir ao propósito dessa pesquisa fosse acrescentada. Além disso, foi solicitado algum material de apoio, caso o entrevistado considerasse importante para elucidar o assunto, tais como fotos, filmagens e outros documentos.

Ainda vale ressaltar: do resultado, tanto da descrição dos valores e julgamentos, como das expectativas dos entrevistados com relação ao patrimônio como ordenador da paisagem cerquilhense, se espera constituir parâmetros úteis às futuras ações planejadas no carro chefe do turismo local e regional. Assim, as respostas foram analisadas quantitativa e qualitativamente. E, após a seleção daquelas, de maior frequência, apresentam-se por serem consideradas de significado para a interpretação da realidade, como um todo, conforme segue.

4. DO RESULTADO DA PESQUISA

O patrimônio histórico-cultural define-se como “*herança do passado*” de uma comunidade, ou mesmo a “*cédula de sua identidade*”. Enquanto “*coletânea dos produtos de um processo cultural*”, representa “*todas as suas culturas, todos os produtos culturais e sua simbolização*”. Produtos, esses, que se apresentam focados e construídos frente à sua própria dinâmica, ao longo do tempo.

Além disso, o produto cultural pode ser considerado infinito se comparado a um processo em forma de palimpsesto. Assim, “*qualquer processo cultural resulta em produto cultural*”, patrimônio maior de um povo, ou nação. Por exemplo, o “*patrimônio cultural brasileiro, engloba todos os bens que fazem referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade*”, como um todo.

Patrimônio cultural é o conjunto de tudo que revele aspectos (usos e costumes, crenças, artes, ciências, conhecimentos... experiências) da identidade cultural de um povo, cuja preservação é de grande importância na construção da história desse povo através dos tempos, constituindo-se num bem permanente e de grande valia, pois permite às gerações futuras conhecer o seu passado, desde o mais remoto.

No que tange às Paisagens Culturais, para uma das entrevistadas, essas, “*são bens e representam as obras humanas e da natureza*”. E “*cultura é o que existe na paisagem*”. Situação que demonstra “*a evolução das sociedades humanas*” e a consolidação de cada uma delas ao longo do tempo, “*sob a influência das condicionantes físicas, ou das possibilidades apresentadas pelo seu ambiente natural, e das sucessivas forças sociais, econômicas, externas e internas*”.

Para outra, a Paisagem Cultural seria “*a paisagem natural que sofreu intervenção do homem, para o atendimento de suas necessidades - habitacional, social, alimentícia, lazer*”(…) Seguindo esse raciocínio, se “*toda paisagem é cultural*” (…)
“*a preservação de uma paisagem natural, de certa forma, também revela uma prática humana que atende necessidades humanas constituindo também uma identidade cultural*”.

Assim temos como paisagem claramente definida, aquela intencionalmente concebida e criada pelo homem-paisagem essencialmente evolutiva, que resulta de uma exigência de origem social, econômica, administrativa ou religiosa e que atingiu sua forma atual por

associação e em resposta ao seu ambiente natural (paisagem cultural associativa). A inscrição dessas paisagens na lista do Patrimônio Mundial justifica-se pela força da associação a fenômenos religiosos, artísticos ou culturais do elemento natural, mais do que por sinais materiais.

No que se refere ao Patrimônio Cultural de Cerquilha, a sua herança maior talvez seja de caráter progressista e de cidade organizada que atrai os de fora para morar e trabalhar.

A sociedade que hoje compõe o município como um todo é formada por descendentes de tropeiros, caboclos, negros, descendentes de imigrantes espanhóis, italianos, portugueses, como por emigrantes de inúmeros estados brasileiros. Todos que aqui chegaram, trouxeram influências e culturas próprias.

Essa diversidade cultural, somada à “*falta de estruturação e insignificância dada, a nível nacional, para o setor cultural*”, a entrevistada explica que “*ocasionou em todos os municípios do país, atrasos imensos no reconhecimento, valorização e preservação do Patrimônio Cultural brasileiro*”.

A pequena Cerquilha atrai pela semelhança de “*aldeia, onde o morador, quando sai pelas ruas ainda é considerado em essência e personalidade*”. Por exemplo, aquela “*mãe que leva a criança na escola, ou aquele cidadão que caminha nos espaços públicos*”. Sem contar, “*o motoqueiro que leva a namorada na garupa, e outros mais, que significam alguém para o lugar*”.

Ainda, para esse entrevistado há que se ressaltar a casa que abriga alguém desse lugar, importante para o lugar. O verde nos lotes largos, entrecortados pelos cheios e vazios urbanos, onde a qualidade de vida supera os grandes centros. Em Cerquilha, mesmo sem os famosos semáforos, o trânsito e tráfego ainda fluem com tranquilidade, e esse é um dos seus pontos fortes.

No que tange ao patrimônio edificado, no entender da maioria dos entrevistados, “*infelizmente, Cerquilha ao longo do tempo, perdeu boa parte dessa herança com as demolições, hoje faz parte apenas da memória de quem viu*”, e “*praticamente não existe consciência da importância de se preservar os patrimônios culturais e a própria natureza*”.

“*Sobraram alguns poucos prédios antigos*”, cujo valor histórico seria a categoria mais importante para eles.

Sobre tal assunto, uma das entrevistadas indagou:

Como conhecer “fisicamente” a história cultural da nossa cidade, se do “livro” em que ela se escreve páginas com registros importantes do seu passado são arrancadas?

Ainda lamentou: (...) “sem passado, o presente é alicerçado sobre os vãos do tempo e o futuro”...

Dos edificados, citaram-se: a “Praça da Matriz”, oficialmente “Praça Pres. Kennedy”, onde se encontram a Igreja de “São José” (Fotos 16 e 17); o Teatro Municipal (Foto 18 e 19), e a antiga Estação Ferroviária (Foto 20 e 21, abaixo).



Foto 16 – Praça “Pres. Kennedy”
Fonte: Acervo Particular², 2007



Foto 17 – Matriz de “São José”
Fonte: Acervo da Autora, Fev./2009



Foto 18 – Teatro Municipal (Frente: Entrada Principal)



Foto 19 – Teatro (Fundos: Vista da linha do trem)
Fonte: Acervo da Autora, Abr./2009



Foto 20 – Estação Ferroviária
(Frente: Rua “Soares Hungria”)



Foto 21 – Estação Ferroviária
(Vista da linha do trem)

Fonte: Acervo da Autora, Abril/2009

Além dessas, enfatizaram-se outras construções localizadas na parte de baixo da linha do trem, tal como a casa, onde hoje funciona o “*Restaurante Kantor*” (**Fotos 22 e 23**, abaixo), mas foi construída para abrigar a família do saudoso “João Audi”, mesmo nome da rua, em esquina com a “Dr. Campos”, na qual se localiza mais esse exemplar, considerado patrimônio edificado cerquilhense.



Foto 22 – “Restaurante Kantor”

(esquina c/ a rua “Dr. Campos”)
Fonte: Acervo da Autora, Maio/2009



Foto 23 – Rua “João Audi”

Na “Dr. Campos”, citam-se, entre outras “*construções de valor para a memória e identidade do lugar*”, a exemplo da centenária casa do saudoso “*Sr. José Paes*” (**Foto 24**, ao lado). Atualmente de propriedade de um dos herdeiros da família, após os devidos estudos, na busca de soluções para o resgate e conservação do original, passou por reformas e pinturas.



Foto 24 – Casa do saudoso “Sr. José Paes”

Fonte: Acervo da Autora, Abril/2009

E, na “Dr. Soares Hungria” e imediações, bem no pulsar da cidade, citaram-se outros casarios (**Foto 25**), que remetem ao passado. Alguns abandonados ou subutilizados por atividades comerciais, das quais muitos ainda se apresentam com a arquitetura de época, tanto nas suas fachadas, como nos seus interiores. E outros, dos quais restaram apenas recordações, além das impressões em imagens encontradas no acervo municipal da cidade.



Foto 25 – Rua “Soares Hungria” (casario do centro de Cerquilho)

Fonte: Acervo da Autora, Fev./2009

Um pouco mais afastada do centro da cidade, e localizada no bairro “Parque das Árvores”, alguns entrevistados lembraram a propriedade da “*Família Grando*”, onde, além da casa Sede do antigo sítio (**Foto 26**, ao lado), existe a centenária Capela “*Na. Sra. do Rosário*”, (**Fotos 27 e 28**, abaixo), considerada importante patrimônio edificado a ser preservado enquanto memória e identidade cerquilhense (MARTINS, 2004).



Foto 26 – Casa e Capela da “Família Grando”
Fonte: Acervo Particular³, 2007.

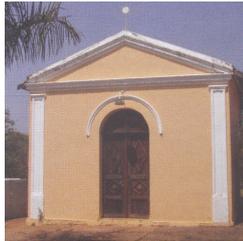


Foto 27 – “Capela Na. Sra. do Rosário”
(Propriedade da “Família Grando”)
Fonte: MARTINS, 2004: 42



Foto 28 – Propriedade da “Família João Grando”
Fonte: MARTINS, 2004: 85

Não faltaram referências a alguns elementos da paisagem urbana, antigamente, tão comum nesse pequeno vilarejo. E a mais nova das entrevistadas ressaltou a importância dos revestimentos “*com paralelepípedos; as ruas estreitas e os espaços para o jardim com flores e grama, ao invés dos famosos cimentados; as árvores antigas, especialmente em praças e calçadas*”. Além desses, essa mesma entrevistada lembrou o resgate e preservação de outros objetos, formadores dessas paisagens, representados nos “*meios de transporte antigos, mesmo que não circulem pela cidade; por exemplo: vagões de trem, perua “Kombi”, Brasília, Corcel, Fusca, bicicletas de modelos antigos*”. Segue explicando que “*esses objetos têm o efeito, na memória afetiva, como deparar-se com um ferro de passar roupas a brasa, guardado como recordação da época dos nossos avôs*”.

Aos equipamentos urbanos, interessante a percepção do entrevistado mais velho, lembrando os postes e fiação de energia eletrificada, que somada a telefonia, além da “*mania de se pintar o meio fio das calçadas*”, agride a paisagem e danificam o patrimônio e paisagem cultural cerquilhense. Enfatiza, ele: “*se o patrimônio é ruim, a paisagem torna-se perversa*”. E valorizou “*aquele trem que passa, em alguma hora no dia*”.



Foto 29 – Trem de Carga, que passa em Cerquilho
Fonte: Acervo da Autora: Abril/2009



Foto 30 – “Convívio”

O “Convívio” (Foto 30, ao lado), cuja revitalização é recente, foi oficialmente inaugurado em 03/Abril/1991, e se localiza na parte de baixo dos Trilhos da antiga Sorocabana: Estação, Cabine, Armazém, Túnel (Fotos 31, 32, 33 e 34, logo, abaixo).



Foto 31 - “Convívio” (ao fundo: antiga Estação de Trem)



Foto 32 - “Convívio”
(à direita: Cabine de Força da Ferrovia)



Foto 33 – “Convívio”



Foto 34 – “Convívio” (ao fundo: Túnel e Cabine da Ferrovia)

Fonte dessas fotos: Acervo da Autora, Abril/2009.

Atualmente reformulado, esse lugar do “Convívio”, desde a época do Cerquillo vilarejo enquanto distrito da vizinha, Tietê, já era bem famoso pelos passeios a pé dos finais de semana ou dias de festas ou mesmo nos embarques e desembarques dos passageiros, nas idas e vindas capital-interior.

A visão empreendedora das diversas administrações públicas enquanto incentivo ao processo cultural desse lugar, principalmente na construção de espaços de lazer para a população, foi bem lembrada por alguns entrevistados que ressaltaram a importância do recém inaugurado Teatro Municipal, “*contemporâneo referencial visual e cultural no centro da cidade de Cerquillo*”: enquanto construção é processo e, assim, patrimônio edificado.

Além do Teatro, citaram-se os centros de eventos, esportes e lazer, atualmente localizados em bairros estratégicos para servir a população como um todo, também considerados patrimônios enquanto bens públicos da municipalidade.

Por outro lado, referenciou-se a falta de interesse para a preservação do Patrimônio Cultural cerquilhense, principalmente do edificado, que se faria em forma de

tombamento, encaminhado pela administração pública municipal. No entanto, entende-se que esse importante assunto deve ser aprofundado em outro momento, pois, aqui, o objetivo se restringe ao levantamento e análise desses bens, considerados patrimônios, para alicerçar atividades planejadas de turismo local e, quem sabe, até regional.

No rural, a maioria dos entrevistados citou as principais e centenárias construções religiosas, sempre representadas nas Capelas de bairro, geralmente de mesmo nome do Santo Padroeiro. Aos cuidados da Cúria Apostólica Romana da região de Sorocaba essas Capelas “são conservadas pela Paróquia de ‘São José’ de Cerquilha”. As que mais se destacaram foram as Capelas: de “Santo Antônio”, no Taquaral; de “Santo Antônio”, no Mato Dentro, e de “São Bom Jesus”, em Hungria.

A “Hidrelétrica São João” e a sua Represa no Rio Sorocaba (**Fotos 35 e 36**, abaixo), também foram considerados patrimônios da área rural cerquilhense. Ambas foram



Foto 35 – “Hidrelétrica São João”
Fonte: Acervo Particular³, Abril/2009

construídas, no final do século XIX e início do século XX, para abastecer a cidade de Tatuí. Depois de alguns anos, essa usina também serviu a eletrificação de Cerquilha e outros Municípios, na região do seu entorno.

Na década de 1950, a antiga “Companhia *San Juan* de Força e Luz”, então proprietária dessa usina, entrou em crise. Sem qualquer ampliação na geração de energia, essas instalações tornaram-se insuficientes aos usuários da época. Situação que facilitou a chegada de outras concessionárias, nessa região; a exemplo da CESP (atual ELEKTRO). Assim, nos dias atuais, essa pequena central hidrelétrica gera 3.600 KW/h e serve, tão somente a sua proprietária, a empresa “Ferro Ligas Piracicaba Ltda.” (CAMPOS, 2006).



Foto 36 – Represa “São João”: Vista Aérea
(divisa de Municípios: Cerquilha e Jumarim)
Fonte: Rostelato, apud GAIOTTO, 2002: 198

Além dessas construções rurais, a entrevistada mais jovem enfatizou a importância das “casas, tulhas, granjas, paióis, poços, terreiros, estábulos, charretes, árvores antigas”. E o mais velho complementa: “o que encanta é uma paisagem nada

austera na área urbanizada, a exemplo da Rodoviária, ao lado de alguma vaca, ainda espalhada no campo”, onde nos vazios dos loteamentos, entremeia a paisagem rural:

O olho urbano enxerga de perto o longínquo do rural... O que resta do rural: uma construçãozinha lá, e acolá; algum grupinho construtivo e a estradinha rural entrecortando a paisagem da cana, dominante entre as pastagens e alguma agricultura.

A maioria dos entrevistados concordou que esse patrimônio histórico-cultural interfere na ordenação da paisagem cerquilhense e, ao longo do tempo, a “*realidade é de destruição dos lugares de memória, de desenraizamento, de desconstrução dos suportes sociais da memória coletiva*”:

As interferências que nos sugerem abordar o problema da cidade como um campo de forças, onde se travam lutas sociais, políticas, afetivas, identitárias e a paisagem que resulta dessas disputas são uma cumulação de tempos vividos que interferem sim na ordenação dessa paisagem.

Do ponto de vista de alguns, nem tudo está perdido. A modernidade também é saudável, desde que se respeite a memória e identidade do lugar, pois “*embeleza pelo contraste, ativa a imaginação, aguça a vontade de conhecer fatos do passado, de se inteirar da história da cidade*”.

E foram unânimes, em concordar que essas mudanças da paisagem cultural interagem com a história de vida de cada morador de Cerquilho, ou mesmo daquele que possua qualquer tipo de vínculo com esse lugar.

O processo de transformação da paisagem cerquilhense, de certa forma, afeta o modo de vida de cada um deles, tanto que um das filhas da terra afirmou:

A paisagem atual tem sua beleza, sua graça, seus objetivos... Porém, diante dela sinto-me ‘estranha no ninho’, como se recém-chegada de uma outra dimensão. Os lugares das minhas lembranças da infância e juventude, das lembranças da minha vida, enfim, aquela ‘minha’ cidade não existe mais. É como se o meu passado tivesse sido demolido, junto com o da cidade.

E a outra, complementou:

Há quarenta anos acompanhamos as transformações da paisagem urbana e rural do nosso município. Transformações significantes nas áreas rurais com a substituição de determinadas culturas por outras. Por exemplo, as plantações de café para o cultivo de cana-de-açúcar ou transformações de lavouras em áreas de pastagens. Mudanças também sentidas nas estradas de acesso as zonas rurais, alargadas e conservadas.

Com relação às transformações da cidade de Cerquilho, essa entrevistada acrescentou:

Com as demolições de antigos casarões e edificações de prédios comerciais, adaptações para instalações de comércio, bancos e outros serviços, e mais, construção de prédio, teatro, centro de eventos, policlínica, novas áreas residências e condomínios se estendem pelo horizonte. Novas ruas são abertas, novas praças, praças antigas são revitalizadas, Subestação da FEPASA reformada, Estação ferroviária reformada, convívio no centro reformulado, túnel parcialmente demolido, passarelas se levantam, calçadas estendem-se pela cidade, novas estações de tratamento de água e esgoto são construídas, bairros rurais transformam se em áreas urbanas.

Além disso, na percepção da entrevistada:

Nossos olhos são vitrines que refletem tudo que se transforma rapidamente e com essas mudanças os dirigentes visam oferecer qualidade de vida a nós moradores. Porém temos que ter ciência da nossa memória. Devemos registrar cada reflexo de mudança, essas mudanças mexem com nossas memórias, interferem em nossos patrimônios, devemos preservar nossos patrimônios materiais e imateriais para que futuras gerações tenham o registro dos seus bens culturais, como identidade. Assim como registrar cada interseção e cada resultado obtido para que no futuro tenham acesso a todas as mudanças realizadas na paisagem do nosso município.

E a outra, elucidou:

Sempre que passo pelo centro da cidade, sinto profunda tristeza pela destruição do cenário antigo da cidade. Nos últimos anos, há várias modificações que ferem meu olhar. Não me queixo das novas construções, que poderiam perfeitamente conviver com as antigas; o que me incomoda são: 1) a demolição de casas antigas; 2) a reforma de prédios antigos sem que haja real compreensão de como se deve proceder, inclusive na escolha das cores. Há certos casos que melhor seria manter como estava que pintar e criar como resultado algo que não condiz com o próprio edifício e com as construções e o cenário ao seu redor.

Aquele entrevistado, considerado de fora do lugar, explicou:

Em nove anos, morando em Cerquilho, destaco as modificações na paisagem da cidade e os logradouros públicos melhoraram. Em igualdade de condição para as praças e ruas, cujo visual melhorou devido o poder publico ter investido na paisagem da cidade.

Para ele, a exemplo das outras tantas localidades, em Cerquilho, “o espaço do lote representa também o da arquitetura”. E “loteia-se o edifício”, ou melhor, “definem-se os contornos, sem visão urbanística da cidade”. Assim, “a falta de visão urbanística, determina a cegueira para a paisagem”. Por outro lado, nos jardins particulares, há que se atentar para o cuidado com a ambiência, refletida no interior das habitações.

No que tange às propriedades particulares, esse entrevistado chamou a atenção para o lado negativo, tanto visual, como ambiental, da maioria dos jardins das frentes das casas sejam impermeabilizados de forma irracional, onde poucos plantam e conservam

bonito. Diz ele: “o povo confunde beleza com limpeza. Afinal, o que é preferível, algo bonito e abandonado, ou feio e preservado”?

Exemplificou as ruínas européias, tão retratadas pelos artistas plásticos. A maioria delas, ainda conservada pelo setor administrativo porque são bonitas e lucrativas. Atualmente, patrimônio preservado e importante para o turismo daquelas localidades, essas ruínas são frequentemente visitadas de forma bastante equilibrada, inclusive respeitando estudos de impactos ambientais para se evitarem os famosos danos, além de se conservar para o futuro das gerações.

Esse entrevistado ainda ressaltou a importância de se andar a pé pela cidade de Cerquilha, pois a topografia e a qualidade ambiental favorecem essa prática bastante saudável do ponto de vista do corpo sadio e mente equilibrada.

Quanto à transformação da paisagem, no Município de Cerquilha como um todo, a memória e identidade dos entrevistados com relação aos saberes e fazeres, usos e costumes do lugar, destacaram o caráter interpretativo de cada um, por isso o respeito à integridade textual das respostas que se seguem:

Vejo a cidade se enfeitando como uma mocinha vaidosa e positivamente ambiciosa, isso é bom, mas uma mocinha não deve ignorar seus antepassados, é deles que ela veio. Preservar sua memória, sua arquitetura, dando a conhecer como seus antigos habitantes moravam e como viviam, seus trabalhos, seus divertimentos, suas experiências, é muito importante na construção do presente, senão a beleza da mocinha fica apenas superficial, sem cultura, sem conteúdo consistente (...).

No otimismo da descrição, a entrevistada completa:

(...) De contrapartida, com relação ao futuro, Cerquilha tem seus pontos positivos, o Teatro Municipal inaugurado recentemente é um grande exemplo, importantíssimo, um salto quântico na evolução cultural da cidade, um direcionamento novo para o desenvolvimento da população, uma grande esperança de mudança de ideologia e comportamento, em todos os aspectos, nas crianças e jovens principalmente, uma perspectiva de um futuro mais consciente quanto à importância da preservação do patrimônio cultural, pois a arte em si, em suas diferentes modalidades, é patrimônio universal, através dela podemos conhecer a cultura de todos os povos, desde os primórdios da humanidade.

E a outra entrevistada elucidou:

A transformação da paisagem se apresenta como uma locomotiva em alta velocidade. As transformações são ininterruptas, tem continuidade ao longo do tempo. Não para nunca, Cerquilha esta perdendo suas riquezas patrimoniais por não se atentar a elas, não reclamá-las, não lhe auferir valores. Estamos perdendo saberes sim, trazidos pelos antepassados e que não foram preservados pela nova geração.

A mais nova acrescentou:

Existe a perda da liberdade do ser humano: muros altos e grades nas janelas, a falta de socialização em conversas com vizinhos nas calçadas, por exemplo. Isso se deve à questão da violência relacionada à desigualdade social e ao uso de drogas. Há uma perda grande em outros aspectos. A televisão no cotidiano invade o tempo de leitura. Consequentemente interfere na forma de viver. A leitura promove mais espaços de reflexão e introspecção que a TV. Outra grande perda referente a costumes é a questão das festas juninas. As festas tradicionais, muitas vezes, perderam seu encanto por não ser preparadas com a fogueira (para esquentar as noites frias de junho), os pratos e bebidas típicos preparados em casa, roupas típicas feitas sob medida, as músicas tradicionais juninas; atualmente, mistura-se comidas típicas com qualquer tipo de comida, toma-se/vende-se quentão, vinho quente e cerveja, há vestidos produzidos em série por fábricas, toca-se música sertaneja.

O entrevistado, considerado de fora do lugar, explicou o “*patrimônio cultural monumental versus a construção da cidade nova*”, sendo que o trabalho no espaço, produzido pelo homem, determina o patrimônio edificado. “*As construções, em Cerquillo, não são feias, mas inexpressivas*”, pois os seus moradores primam por mostrar certo *status*, baseado em ter dinheiro, ou seja, tão somente no fator econômico, classista e elitista, cujo “*exibicionismo se encontra arraigado*” na maneira de ser de cada um.

O problema é de ordem maior, até nacional.

No Brasil, não existe uma cultura que constrói artefatos ou arquitetura bonita com pouco dinheiro. Assim, o grande problema da cultura nacional seria o ‘resto cultural’ que existe. Na arquitetura arrojada e moderna também existe feira, principalmente aquelas, projetadas pelos famosos profissionais.

Segundo esse entrevistado, tal situação demonstra um processo cultural também inexpressivo, portanto há que se cuidar para julgar o que é bom e ruim. A baixa ou alta cultura encontra-se inerente em algum processo cultural, e somente expressivo e satisfatório no segundo caso.

Quanto à rapidez nos processos produtivos, principalmente no que tange à modificação na natureza na forma de cultivar a terra, ou mesmo na arquitetura rural, os posicionamentos ressoam em harmonia entre os entrevistados, considerados do lugar, mas as vivências se expressam de forma diferente, principalmente entre duas delas que vivenciaram o mesmo lugar da cidade, conforme segue:

Cresci num ponto privilegiado da cidade, de onde assisti, entre a infância a juventude, os cafezais darem lugar aos canaviais e estes ao Bairro Cobrasil. Da minha casa podíamos ver também os vizinhos de “baixo” estenderem os grãos de café para secagem no terreiro. Em casa, tínhamos uma torradeira e um moedor de café. O café era comprado em

grãos diretamente do produtor e torrado no fogão à lenha. Ah, como era bom o cheiro e o sabor desse café. Tudo era mais saboroso. O leite, as hortaliças, os ovos, as carnes... Tudo produzido no campo, manualmente e sem agrotóxicos, e vendido diretamente ao consumidor. O progresso trouxe conforto, praticidade, comodidade, mas nos subtraiu muito dessa “naturalidade”, bem mais saudável.

A mais jovem das entrevistadas, também criada nesse mesmo bairro, acrescentou que “a rapidez nos processos produtivos afeta, uma vez mais, a minha memória afetiva da infância”:

(...) Quando era criança, tinha maior contato com o cultivo de café e de cana de açúcar sem precisar ir ao campo (nos fundos de quintal ou em terrenos na cidade). Com o crescimento da zona urbana – ampliação da área industrial e aumento do número de casas construídas –, o contato com plantações restringe-se praticamente à área rural. A zona urbana, ampliando-se, invade a zona rural (...).

Ao buscar, na história, essa entrevistada explica:

(...) Antigamente acontecia o inverso: a zona rural invadia a urbana. Era o êxodo rural. As plantações e o homem do campo invadiam a cidade; a cidade era desejada. Depois do êxodo rural ocorrido no século XX, há maior valorização das casas e indústrias que da vida no campo, representada pela natureza e pelas plantações ou roça. Daí, a meu ver, o aumento de jardins cimentados e a diminuição de plantações dentro da cidade (...).

A mesma, ainda retoma outras considerações sobre a realidade cerquilhense:

(...) Trata-se do desejo do concreto, e, mais que isso, da rejeição do campo, da natureza, da vida “caipira”. Com isso, as folhas e flores que caem das árvores são vistas como sujeira ou lixo e não mais como algo que se integra no cenário. Esse conceito folha = lixo, a meu ver, é um erro conceitual: as folhas e flores fazem parte da natureza e não há mal nenhum em deixá-las livres, nos ramos das árvores, na terra ou no chão cimentado (...).

Na memória, sobre aquele bairro primeiro, da vivência dessa entrevistada:

(...) A visualização de plantas de café remete-se à infância remota, em fundos de quintal e em plantações. O mesmo se dá com o algodão. Além disso, me lembro de ramos e grãos de café sendo expostos em peneiras durante desfiles cívicos em Cerquilha (...).

Com relação à produção canavieira, atualmente dominante na paisagem rural, a mesma entrevistada explica:

(...) As plantações de cana de açúcar no perímetro urbano atingem a minha adolescência. Lembro-me perfeitamente de passar de bicicleta ao lado de uma imensa plantação de cana antes de chegar ao ginásio de esportes, que eu frequentava para jogar vôlei. A paisagem rural me comove pelas vivências de infância com avós, pais, tios, irmãos e primos e está registrada em fotos e pinturas em tela que realizei como forma de garantir que certos cenários não desapareçam completamente, que não passem a ser, em algum momento, apenas registros da minha memória. É uma forma de me comunicar com gerações futuras: para que eu possa

falar e escrever sobre certos temas e ao mesmo tempo ter registros visuais (...).

E, mais uma vez, a memória e identidade surgem na profundidade dos relatos, a exemplo do que se segue.

(...) As cenas de minha memória afetiva, que envolvem acontecimentos na cidade, às vezes envolvem momentos de solidão: caminhando pelas ruas, sentada em bancos de algumas praças, andando de bicicleta, no quintal, em frente de casa ou no quarto. O campo, o sítio, a zona rural, para mim, remetem a encontros com familiares e amigos, sobretudo nos finais de semana.

Voltando à área rural, sob o ponto de vista da terceira entrevistada, que não foi criada naquele mesmo lugar das duas primeiras,

Podemos analisar que a rapidez nos processos produtivos incidu em alterações significantes no espaço da produção e na produção de espaço, e conseqüentemente alterou também nossa paisagem rural. A forma de cultivar a terra, o desafio do desenvolvimento rural sustentável. A diversificação de culturas, feijão, milho, cana-de-açúcar, a erosão causada pelos desmatamentos constantes e contínuos, a influência das mudanças climáticas, a falta ou excesso de chuvas, a diminuição contínua de água em nascentes naturais, a criação de tanques, a escavação de poços artesianos e poços comuns, para abastecimento das propriedades rurais da nossa área rural, afeta tanto o produtor residente na rural que vive momentos de insegurança e muitos desafios como os moradores da área urbana. Atualmente nossa paisagem tipicamente rural é caracterizada por poucas propriedades esparsas e muita plantação de cana-de-açúcar, que nos períodos de colheita da safra, afeta toda população com as fuligens causadas pelas queimadas dos canaviais.

Relativo aos saberes do passado, que até poderiam ajudar na manutenção da vida no campo do Município de Cerquilha, todos os entrevistados ressaltaram a importância do manejo sustentável do território rural tão devastado devido o cultivo da cana, além de outras práticas abusivas e predatórias que acabam por repercutir na vida da comunidade, e até da região. Assim, citaram-se as questões sobre a ambiência no território cerquilhense, cujo limite não se define no simples traçado do seu perímetro urbano ou nos seus divisores municipal. Estão além das porteiras e esticam-se no entremear dos seus limítrofes na atualidade mutante da paisagem.

O grande apelo dos entrevistados enquadra-se no “*jeito ‘caipira’ de lavar a terra, sem agrotóxicos, o aproveitamento do solo com lavouras para alimentar a criação de animais*”.

Bem lembrado por uma delas, “*um tio sitiante, além de suas plantações de feijão e tomate, ele criava aves, bovinos e suínos, alimentando-os com milho e abóboras do seu próprio cultivo*”.

E houve quem chamou a atenção também para a pressão na ambiência do rural, referente, entre outros, aos recursos hídricos existentes em Cerquilha.

A proteção aos mananciais, a proteção de capoeiras, para evitar erosões, a manutenção e preservação da fauna e da flora regional, a diversificação das culturas, a utilização de técnicas alternativas de combate as pragas, consciência no uso e descarte de embalagens de agrotóxicos. A tecnologia atual empregada em consonância com os saberes do passado seria o ideal.

Para o aprofundamento dessa pesquisa, a entrevistada mais jovem sugeriu “conversas com pessoas de mais de 60 anos que trabalharam toda a sua vida no campo. Na medida do possível, deveriam ser registros escritos (entrevistas, publicação de livros, com ‘causos’, receitas e dicas) ou visuais (entrevistas gravadas)”.

E, um deles, ainda completou que “o sitiante, por causa da cana, vem para a cidade, nas feiras livres, comprar ovos, mamão e leite”. Graças ao dinheiro fácil devido às parcerias para os canaviais, “não é todo sitiante que sabe tirar o leite da vaca e cuidar de uma horta. Situação que o torna pobre, tanto financeira, como culturalmente”. Além disso, o “dono do engenho”, hoje empresário da cana, “no fundo, tem a cultura do século XVIII, e você tem que rezar a cartilha deles”. No caso de Cerquilha, “da Família Pilon surgem os ‘coronéis’ maravilhosos para a cidade, pois incentivam e ajudam. São gente boa. Eles são os nossos donos. Eles trazem as pessoas na rédea”.

Do passado e do que foi destruído, importante ao resgate e valorização do Patrimônio Cultural de Cerquilha, alguns dos entrevistados citaram a maioria das demolições, principalmente as da última década.



E lamentou-se a recente demolição do antigo prédio, construído na Rua Doutor “Soares Hungria”, no centro de Cerquilha, em cujo térreo funcionou “Cine São Francisco” (**Foto 37**, ao lado) e, depois, virou tanta coisa, e no pavimento superior a Câmara Municipal (**Foto 38**, na página seguinte).

Foto 37 – Antigo Prédio, na “Soares Hungria”

(No térreo: Cine “São Francisco”. No superior: Câmara Municipal)

Fonte: MARTINS, 2004: 163

Citou-se, também, a casa ao lado desse prédio, demolida em meados ano passado (**Fotos 39 e 40**, representadas na próxima página). Ambos pertenceram ao saudoso Ex-prefeito “José Orestes Corradi”, vulgo “Nenzinho Corradi”.

Segundo a representante do setor público local, do “Cine ‘São Francisco’ nada restou senão duas amostras de tijolos recolhidos durante a demolição e fotos do acervo municipal, nada de equipamentos, filmes, poltronas, lanternas, etc.”...



Foto 38 – O mesmo Prédio, antes da demolição
Fonte: Acervo da Autora, Junho/2008



Foto 39 – Casa do Saudoso “Nenzinho Corradi”
(em demolição, no dia 10/Jun./2008)
Fonte: Acervo da Autora, Junho/2008



Foto 41 – O vazio no Tapume, após a Demolição
Fonte: Acervo da Autora, Abril/2009



Foto 40 – A mesma Casa, em Demolição
(Ao fundo: Prédio do Antigo Cine e Câmara Municipal)
Fonte: Acervo da Autora, Junho/2008

Essa entrevistada, ainda, citou outras demolições, tais como o “casarão com os pertences da primeira mulher eleita vereadora de Cerquillo, Profa. Albertina Audi” e aquele, da “Família Rosa” (Foto 42, ao lado), que, na década de 40, serviu ao escritório da extinta “Mina de Carvão”.



Foto 42 – Casa da “Família Rosa”
Fonte: MARTINS, 2004: 126-127

Além de outros, resistentes às demolições, tal a antiga casa do saudoso “Luis Doriguello” (Foto 43, ao lado), considerada por uma das entrevistadas, um exemplar das construções rurais, atualmente, compondo a paisagem urbana cerquilhense.



Foto 43 – Antiga casa do saudoso “Luis Doriguello”
Fonte: Acervo da Autora, Maio/2009

Alguns lembraram as instalações da ferrovia. E a representante do setor da cultura municipal ressaltou o velho “*túnel da FEPASA reconstruído após a explosão do trem, em 1948, e o entorno da estação Ferroviária, testemunho de chegadas e partidas, de alegrias e tristezas de registros históricos*”; acompanhado da “*alteração feita na Estação Ferroviária. A perda do patrimônio que compunha essa estação em 1.999 (balança, rodapé, portões, mesas, armários, bancos, bilheteria, sino, cadeiras, bandeiras, escadas, carrinhos de transporte de carga, etc.)*”.

Quanto às construções que serviam à ferrovia, a entrevistada mais jovem destacou a necessidade de restauro, também dos prédios anexos à estação do trem, “*especialmente onde foi instalado, nos últimos anos, o Clube da Terceira Idade e posteriormente a Biblioteca Municipal, que foi completamente deturpada nos últimos anos como projeto arquitetônico*”, conforme **Foto 44**, ao lado.



Foto 44 – Antigo Armazém da Ferrovia
(Atual Biblioteca Municipal)
Fonte: Acervo da Autora, Ago./2008

E, mais distante no tempo, a representante da gestão pública local rememorou “*o velho ramal da Sorocaba que ligava Cerquilha ao município de Tietê*”, cujo traçado se perdeu em meio às pastagens e agriculturas; além das construções de novas casas, comércio, indústrias, e da Prefeitura (**Foto 45**), na “*Praça José Orestes Corradi*” (**Foto 46**).



Foto 45 – Prefeitura de Cerquilha



Foto 46 - “Praça José Orestes Corradi”
Fonte: Acervo da Autora, Abril/2009



Os extintos: a “*primeira igreja dedicada ao padroeiro São José, na atual Praça Pio X*”, e seu “*Coreto*”, representados na **Foto 47**, ao lado, também foram lembrados por duas das entrevistadas, aqui consideradas filhas do lugar.

Foto 47 - Igreja de “São José” e Coreto, (demolidos)
Fonte: MARTINS, 2004: 42

E o que falar dos antigos “*revestimentos das ruas centrais, em paralelepípedos*”, já referenciados pela entrevistada mais jovem?



Foto 48 – O Paralelepípedo nas Ruas
(Atualmente, recoberto de Asfalto, conforme Foto 38)
Fonte: Acervo Particular², 2000

Sem contar as mais remotas “*tradições tropeiras e vestígios que testemunharam o nascimento da cidade de Cerquillo: a dança, a música, a culinária, a linguagem tropeira, as ferramentas, as vestimentas, etc.*”, ressaltados pela representante do poder público local.

Na área rural, essa mesma entrevistada lembrou aquela centenária “*vendinha, estilo bandeirantista que havia no bairro de Hungria era um tesouro a ser preservado, foi demolido*”. Além dos “*equipamentos utilizados na Mina de carvão, vagonetes, ferramentas, documentos, etc.*”.

E outro entrevistado destacou a importância da “Fazenda Indalécio”, porque abrigou boa parte das famílias de imigrantes italianos, para o café. “*Além de incentivar lendas e mitos, na sua origem, apresenta-se importante patrimônio edificado*”, e parece resistir ao tempo, na memória e identidade cerquilhense.

Da interpretação da paisagem enquanto patrimônio do lugar, nem todas as opiniões convergiram para o mesmo ponto. Daqueles que concordaram com tal assertiva, “*a paisagem urbana e rural de Cerquillo faz parte do patrimônio cultural da cidade*”, na justificativa de que a “*interação é total quando passa pela cidade ou quando se lembra dela como era no passado, comparando-a como está atualmente*”.

No entendimento que, “*num futuro muito distante talvez, se não demolirem as construções de agora*”, a paisagem possa representar um patrimônio cerquilhense.

O centro da cidade ainda conserva características que se integram ao novo que com constantemente emergem nos espaços vazios existentes. Temos ainda áreas rurais com pastagens e animais no centro da cidade (Foto 49). Sentimos essa integração como um patrimônio cultural que acaba por caracterizar e diferenciar o nosso município dos outros da nossa região. Minha interação com essa paisagem é inseparável, procuro interatuar com essa paisagem sinto me ligada a ela e ela em mim. Afinal de contas transformamos juntas, paisagem e eu, e são muitas décadas de transformação, crescimento e interação.



Foto 49 – Pastagens, na área urbana de Cerquillo (Propriedade da Família Denardi)
Fonte: Acervo da Autora, Abril/2009

Para um dos entrevistados, no meio rural, *“se você deixa tudo como esta, não consegue criar espaços culturais e não consegue influenciar na cultura local”*. Nessas áreas existe o perigo de proporcionar os acessos ao público em forma de atividades de turismo. Se não houver planejamento sustentável, pode-se destruir o que sobra do patrimônio dessas localidades, principalmente as de exuberância natural.

Além disso, esse entrevistado argumentou que *“não existe urbanismo sem paisagismo. E a cidade possui um paisagismo artificial, que também ajuda na definição da sua paisagem cultural”*. Em Cerquilha, a cana-de-açúcar caracteriza-se enquanto *“monocultura que mostra muito verde como paisagem, mas é pobre visualmente”*.

Provincianismos a parte, os entrevistados que mais conhecem a Arquitetura Rural de Cerquilha conseguem interpretá-la, inclusive situando-a ao longo do tempo. Sendo que uma das filhas da terra enfatizou: *“a tecnologia ‘roubou’ o bucolismo da arquitetura rural”*.

E outra, conseguiu perceber *“a dualidade entre o adaptar-se às modernidades e o preservar a cultura de origem e a própria identidade”*, presente também *“na arquitetura rural, representada pelos imigrantes italianos, espanhóis e portugueses de Cerquilha”*. Aqui, ainda cabe ressaltar que essa entrevistada lembrou as *“técnicas construtivas, no uso dos espaços e nos aspectos formais das suas casas”*.

Clara a adaptação ao novo, por vezes, os hábitos de origem no uso dos espaços são mais fortes e os aspectos formais da casa natal se apresentam na nova casa. Essa arquitetura trouxe alternativas de soluções plásticas que transformaram a paisagem e deixaram nela as marcas da sua cultura que continuam a predominar em determinadas áreas. Sofreram ainda influências da Arquitetura Rural ferroviária, da eletrificação rural, das formas de colheita e transporte da cana de açúcar, do processo de comunicação rural.

Por outro lado, um dos entrevistados afirma:

Antigamente, a imigração italiana não se preocupava com a Arquitetura Rural. As famílias eram numerosas e os muitos quartos, somavam-se aos mobiliários adaptados aos espaços da casa, a exemplo das mesas compridas, para as refeições do clã. A portinha de entrada da casa e as janelas muito simples foram transplantadas para as construções urbanas, principalmente, no início da transformação do vilarejo, na época do êxodo rural. No caso de Cerquilha, após a segunda metade da década de 50, do século passado.

No reconhecer a Arquitetura Rural como patrimônio cerquilhense, mais uma vez, as opiniões divergem, principalmente de acordo com a vivência e lembrança, de cada um.

Das propriedades rurais do passado, uma das entrevistadas lembrou apenas daquele, hoje, localizado na área central da cidade, cuja casa sede ainda se encontra a salvo das demolições, ou seja, a antiga propriedade do saudoso “Luis Dorighello” (**Foto 43**, pág. 74). No entanto, ela afirma que muito “*embora essa propriedade já tenha perdido alguns aspectos de sua paisagem original*”, há que ser reconhecida como Patrimônio Cultural cerquilhense.

E foram enunciados outros, enquanto patrimônios cerquilhenses:

Ao depararmos com casarões que antigamente pertenciam à área rural, como os das famílias Luvizotto, no Residencial Galo de Ouro e também do Parque Alvorada, ou ainda o casarão da Família Grando, com sua capela centenária no centro da cidade e com os casarões ainda existentes nas áreas rurais, como os do bairro do Taquaral, os do bairro de Hungria, Mato Dentro e outros temos sensações distintas.

Ao complementar a teoria da primeira, essa entrevistada aprofunda:

Nas construções inseridas no meio da paisagem urbana sentimos latente a necessidade de preservação desses patrimônios que foram desenraizados de sua paisagem natural pelo avanço das áreas urbanas residenciais. Já nas áreas rurais propriamente ditas o sentido de preservação é espontâneo, pois fazem parte da história e memória dos cerquilhenses e de suas gerações futuras.

O entrevistado considerado de fora do lugar, embora conheça pouco da área rural, arriscou dizer que “*nada do rural pode ser considerado expressivo, enquanto patrimônio edificado*”. Nem mesmo “*a propriedade da Família Grando (Foto 26, pág. 64), infelizmente, sendo loteada, está degradingolada*”.

No solo rural cerquilhense, do que esse entrevistado conhece das ocupações e construções, “*não se comparam às fazendas do café, reconhecidamente patrimônio edificado*”, espalhadas nas diversas áreas do Estado de São Paulo.

O outro entrevistado, considerado filho da terra, elucidou que “*a Arquitetura Rural está bem presente no urbano, que se fez nela, e se constituiu a partir dela e dos seus moldes de morar*”. Aos quatro anos de idade, esse entrevistado explicou que, “*juntamente com a sua família, saiu do sítio para a cidade*” e foi morar na Avenida Brasil, “*que na época não passava de um carreador rural, onde todas as casas eram do estilo bandeirista, com a porta na entrada, as duas janelas na frente, laterais a porta. Todos os quartos davam para a sala, e o banheiro era fora, numa casinha, onde existia um buraco para as nossas necessidades fisiológicas*”. Essa descrição confirma a seguinte afirmativa,

referenciada por uma das entrevistadas: *“já perdemos muito e o que ainda se mantém são poucos em comparação com o que já existiram”*.

Quanto à preservação e/ou utilização dos bens considerados patrimônio cerquilhense, principalmente na possibilidade de geração de emprego e renda complementares, os entrevistados concordaram a relevância de tal assunto. E, após o devido reconhecimento desse patrimônio, pela comunidade envolvida, deveria passar por valorização e preservação de todos os bens materiais e imateriais da localidade, principalmente aqueles, a serem utilizados para atividades do turismo, que propiciariam o desenvolvimento sócio-econômico e cultural, sem agredir o ambiente do lugar.

Quanto ao rural, os pesquisados afirmaram que seria importante para todas as pessoas reconhecerem a vida no campo, tanto para incentivar na formação de mão de obra, como para resgatar e valorizar a cultura local e regional.

E uma delas afirmou que *“preservaria e utilizaria com fins turísticos”* ... *“uma espécie de sede da fazenda, onde se servisse comidas e doces caseiros, com produtos do próprio cultivo”*.

A outra, ressaltou a importante valorização das *“questões relacionadas com o patrimônio natural e cultural, numa perspectiva de intervenção no território através de planos e projetos de índole cultural que visem um incremento dos fluxos turísticos gerando renda e empregos”*.

E houve quem propôs o desenvolvimento do *“turismo ecológico e turismo cultural”*, nas terras cerquilhenses.

No entanto, o entrevistado mais velho afirma que, *“em Cerquilho não existe qualidade, quanto ao patrimônio e paisagem para atrair os turistas, principalmente os estrangeiros, que trariam maiores divisas para o lugar, região e nação”*.

Para ele, o melhor de Cerquilho está relacionado aos eventos culturais, e o resgate da cultura caipira, ou mesmo o incentivo do turismo rural significaria organizar um grupo de pesquisa para a aferição dos locais produtivos da cachaça, que possam ser valorizados e visitados por turistas de todas as partes do mundo.

Nas terras cerquilhenses, *“o turismo daria certo se fosse regional, com propostas e ações devidamente planejadas para evitar grandes danos aos lugares ainda bucólicos”*.

Sendo que, para esse entrevistado, o turismo regional englobaria uma série de visitas planejadas, envolvendo as cidades da região, próximas a Cerquillo, a exemplo de Tatuí, “Terra da Música”, com o seu Teatro “Procópio Ferreira”; ou de Tietê, a “Cidade Jardim”, terra de “Cornélio Pires”, onde acontecem os mais variados eventos, como a festa de “São Benedito” e o “Encontro do Divino Espírito Santo”.

Além dessas, o entrevistado citou outros eventos e encantamentos das cidades de Itu; Porto Feliz; Sorocaba e Piracicaba. Sem contar as particularidades dos demais limítrofes cerquilhense, tais como o “paraquedismo”, de Boituva, e o turismo rural, de Cesário Lange, Laranjal Paulista e Jumirim.

Ao nível regional citam-se e apreciam-se esses lugares a atividades interessantes, bastante denotativas dessa parte do interior paulista, inclusive, algumas, lastradas na cana, o álcool, o açúcar (engenhos de cachaça e usinas). Sem contar a poluição, queimadas e chaminés das usinas, que tanto atraem pesquisas e o turismo europeu, principalmente.

Isto posto, esse entrevistado sugere a elaboração de um “catálogo turístico regional”, além de se organizarem os transportes necessários aos turistas, nas diferentes modalidades e guias treinados nos vários idiomas. Ressaltou também a importância de uma rede hoteleira de qualidade, fundamental ao suporte da qualidade paisagística do lugar.

Quanto à paisagem canvieira, interpretada na interação do processo produtivo da cachaça, açúcar e álcool, todos os entrevistados reconheceram nesses produtos a maior riqueza de Cerquillo e região. E uma delas, destacou a “cachaça como um símbolo a mais para a cidade, que já é conhecida na região como produtora da boa cachaça”. Sendo que através de “um bom marketing sobre essa atividade também atrairia turistas e geraria emprego”.



(...) A paisagem canvieira que nos envolve, muitas vezes também nos sufoca. Temos ciência de ser essa paisagem responsável por grande parte do nosso desenvolvimento, essas ondas verdes já serviram de fonte de inspiração para nossos poetas locais e se revelam hoje como patrimônio histórico, pela própria história da Fazenda Santa Maria e Usina Santa Maria (...)

Fotos 50 – Usina “Santa Maria” – Cerquillo/SP

Fonte: Acervo Particular⁴, 2008

Sobre a Usina “Santa Maria”, atualmente produtora de açúcar e álcool, a entrevistada acrescenta:

(...) Podemos considerar um patrimônio histórico do município de Cerquilha. Apesar dos avanços ela congrega e conjuga o antigo e o novo em todos os aspectos. Nas construções, nos equipamentos, nas tradições. Criada na década de 1950 por uma família de imigrantes italianos composta na época, por sete pessoas, desenvolveu-se com o passar dos anos, lado a lado com o município, tornando-se nesses 60 anos, uma potência de renome nacional e internacional. Desenvolvimento que projetou o município de Cerquilha pelo Brasil afora. Essa é nossa interação com o processo produtivo da cana para o álcool, com o açúcar e também para com as tradicionais das cachaças artesanais produzidas pelos alambiques da cidade.



Foto 51 – Usina “Santa Maria”

(Detalhe das Instalações)

Fonte: Acervo Particular ⁵, 2008



A mais jovem relata conhecer as “plantações de cana e alambiques” cerquilhenses, além das “recordações da infância: brincar, chupar cana, ver as pessoas trabalhando no corte da cana”.



Foto 52 - O corte da Cana

Fonte: GAIOTTO, 2002: 117

Foto 53 – Pessoas chupando Cana

Fonte: Acervo Particular ², 2007

E acrescenta: “no sítio e até mesmo em casa (na cidade), me lembro de muitas vezes ter feito garapa. São cenas de atividades em grupo, sempre”.



Foto 54 – A Garapa em Família

Fonte: Acervo da Autora, 2008



Quanto aos alambiques, essa entrevistada explica não possuir “memória afetiva”; mas conhecer “o modo de funcionamento” devido algumas visitas, já, “na fase adulta”.

Foto 55 – Seção de Vendas da Cachaça Artesanal

(Alambique Familiar - Cerquilha/SP)

Fonte: Acervo Particular ¹, 2008



Foto 56 – Placa de Localização

(Alambique de Cachaça Artesanal – Cerquilha/SP)

Fonte: Acervo Particular ¹, 2008

E o entrevistado considerado de fora do lugar, já ouviu falar, mas não conhece os alambiques cerquilhenses. Inclusive, ele comentou que nos eventos, promovidos no seu “Jardim das Artes, sempre oferecia o famoso e caríssimo whisky, mas o pessoal de Cerquilha gosta é de cachaça, das boas”. No entender dele, embora “a paisagem canavieira local seja pobre”, esse processo produtivo poderá gerar, além do trabalho na

terra, a transformação da matéria prima em produtos comercializados, atrações turísticas, tais como “*engenhos e/ou usinas como museus*”, ou seja, um “*patrimônio histórico a ser valorizado em turismo de eventos para a cachaça*”. No entanto, todo cuidado é pouco, pois em função da modernidade, “*perde-se o real significado do mundo rural, gerando falências no sistema, a exemplo de muitos empreendimentos que foram mal estruturados*”.

Ainda, na concepção desse entrevistado, “*no meio do canavial você não enxerga a paisagem e os seus contornos. Até se pode entrar na paisagem do canavial e não se percebe a grandiosidade do lugar, pois, lá, se esconde a topografia enquanto paisagem*”. Ao analisar a cultura da cana, um verdadeiro *palimpsesto da paisagem*, pode-se valorizar as mudanças e interferências em função das inspirações e/ou impressões de cada um, a exemplo da criança, do cidadão ou do turista, que chega para apreciar a paisagem ou chupar cana *versus* aquele que planta e cultiva a terra.

Segundo outro entrevistado, “*a onda verde*”, representada nos canaviais do interior paulista, “*de certa forma, empobreceu o município de Cerquilha*”, mas bem ou mal “*trás divisas para a prosperidade do lugar*”. Desse modo, questiona se “*devemos assumir essa infelicidade que tivemos. Ou felicidade*”?

No que tange aos benefícios com a valorização da paisagem como patrimônio, os entrevistados acreditam nessa possibilidade a médio e longo prazo.

O prazo para essa valorização depende do tempo necessário para a conscientização da população, que por sua vez, depende da elaboração e desenvolvimento de um sério trabalho educacional nesse sentido. Ou seja, depende do reconhecimento pela administração pública da importância da preservação do patrimônio.

Sobre o assunto, outra entrevistada afirma:

(...) A médio e longo prazo, poderemos conscientizar a população da importância de valorizar nossas paisagens urbana e rural, nossos patrimônios culturais e que a melhor forma de conscientização e de apropriação desses bens culturais pela população, seja através da educação patrimonial (...) como elemento propulsor para o desenvolvimento turístico e de negócios e ainda de resgate, valorização e conservação do patrimônio histórico e cultural do nosso município.

No entendimento que a discussão do assunto “*Patrimônio Cultural e Paisagem pode significar uma abertura de caminhos e possibilidades de reconstrução das cidades, através de políticas de reorganização do espaço urbano, que valorizem a cidadania*” essa entrevistada explica: “*nesse sentido, a Educação Patrimonial poderá tornar-se uma estratégia importante nas propostas alternativas para um planejamento urbano associado*

à gestão territorial e à inserção social das comunidades”. Para ela, “o patrimônio cultural de cada comunidade pode ser considerado a sua cédula de identidade”.

Ainda, segue explicando: *“por isso, cada vez mais os municípios necessitam transformar-se em agentes da preservação de sua própria identidade, garantindo assim o respeito à memória e a manutenção de qualidade de vida, sobretudo em suas áreas rurais e seus centros urbanos”.*

E mais:

(...) no desenrolar deste tema podemos levantar conceitos como preservação, memória, passado, identidade, história. Porém sabe-se que destes nenhum possui um único sentido ou significado, pois formam um sistema de múltiplos sentidos oriundos de uma cultura plural. A noção de patrimônio cultural deveria ser um canal de comunicação que evocasse essas múltiplas dimensões de uma cultura como um passado vivo e significativa para os cidadãos, acontecimentos, objetos e monumentos que devem ser preservados, pois são coletivamente referenciais em sua diversidade (...).

Para essa filha da terra,

(...) em Cerquilha, faz-se necessário resgatar do esquecimento aquilo que poderia fazer de nossa história outra história. É necessário que tomemos a memória e tudo aquilo o que foi esquecido como armas na luta para tirar do silêncio um passado que a ‘história oficial’ enterrou, que celebra apenas os triunfos, os grandes homens, os grandes feitos, ou seja, é a vitória do vencedor sobre a tradição dos vencidos (...).

A interpretação da história, segundo essa entrevistada,

(...) como um olhar do presente em direção ao passado, e é também desse presente que podemos iluminar o passado, pois os acontecimentos do passado ou os seus fragmentos só ascendem a uma legibilidade, em um espaço e um tempo determinados (...) devemos nos apoiar sempre na possibilidade de recriar a memória não só dos que estiveram no poder, mas também dos que o perderam, a visibilidade de suas ações, resistências e projetos.

Para essa entrevistada, a tarefa principal das políticas públicas municipais quanto à *“preservação e produção de patrimônio coletivo”*, cujos mecanismos *“reconheçam e garantam o passado como um direito do cidadão para o resgate daquelas ações e até mesmo das utopias não realizadas, fazendo-as emergir ao lado da memória do poder e em contestação ao seu triunfalismo”*.

Ela ainda defende que *“precisamos apostar na existência de uma pluralidade de memórias coletivas, que, mesmo heterogêneas, possuem fortes referências de grupo, mesmo não possuindo espaço nas páginas escritas da História”*. Sendo que *“para tanto, é*

necessário assimilar que o patrimônio cultural de uma cidade, estado ou país são todas as suas culturas, todos os produtos culturais e sua simbolização”.

E finaliza na certeza que

(...) necessitamos de mecanismos legais de controle, direcionamento, reconhecimento e salvaguarda do Patrimônio Histórico e Cultural cerquilhense, sem estes mecanismos legais, não teremos no futuro, bens tombados e protegidos para as próximas gerações. E nossos bens culturais estarão fadados a desaparecer, assim como, peças importantíssimas da memória rural e urbana cerquilhense.

Para a terceira entrevistada, que concorda com os benefícios da comunidade através da valorização da paisagem como patrimônio cultural,

(...) essa valorização deveria ser feita através de campanhas educativas em escolas, igrejas, centros culturais. Além disso, deveria existir um projeto que veiculasse informações sobre patrimônio cultural - preservação da natureza e dos cenários arquitetônicos urbanos e rurais - nas escolas da cidade. Que fizesse parte da formação de toda criança e adolescente questões de preservação do patrimônio cultural, incluindo momentos de reflexão sobre determinados temas e aulas práticas, tais como a limpeza da cidade, o respeito ao próximo através de atividades coletivas que evitem poluição auditiva (ruídos) e que promovam o desejo de cooperação e de ouvir o outro.

Para o mais velho dos entrevistados, “o patrimônio cultural monumental há que conversar com a construção da cidade nova e possuir um caráter secular”, No entanto, para ele, em Cerquillo os espaços públicos, por exemplo, o teatro, os centros de eventos e esportivos, entre outros, podem atrair os turistas. Somente assim se fortaleceria o “turismo de eventos”, pautado no carnaval, festas tradicionais, entre tantos, e “os edifícios para abrigá-los devem ser bonitos e interessantes”. Além disso, o entrevistado afirma que “o Teatro do Ruy Ohtake, como patrimônio edificado, pode atrair o turismo”.

Quanto ao turismo rural, esse mesmo entrevistado atenta para os meios de locomoção, que na cidade ainda podem ser feitos a pé; no campo, por conta das longas distâncias, há que se planejem vias de comunicação, além do carro próprio ou da bicicleta. Sendo que, para ele o rural deve ser devidamente “mapeado para o turismo. Fotografado e catalogado, sob forma de inventário do patrimônio como um todo”.

Além disso, destacou a importância da “memória gravada e da identidade restabelecida”. Memória e identidade como patrimônio documentado, arquivado, inventariado para as gerações futuras, no mapeamento das rotas e dos pontos mais importantes (naturais e artificiais), além das intervenções, “o antes e o depois. O

levantamento do patrimônio e paisagem cultural atual, que se complementam com os usos anteriores. O mapa do levantamento para orientação técnica e aquele que serve ao turismo”.

Ainda esse entrevistado ressaltou o hoje *versus* as intervenções pretendidas no planejamento das ações, enquanto propostas em busca de soluções devidamente sustentadas para o desenvolvimento de Cerquilha, sem esquecer os fenômenos posteriores à ocupação desse território. *“O passado como complemento, enquanto parte da memória que serve à identidade desse lugar. O desenho da proposta”* que se consolida no tempo e no espaço. E *“o cuidado do fazer profissional versus os famosos ‘achismos’, baseados tão somente na memória de cada um”*, muitas vezes, sem cabimento.

4.1 ANÁLISE DOS RESULTADOS DAS ENTREVISTAS

É quase infinita a diversidade dos testemunhos históricos. Tudo quanto o homem diz ou escreve, tudo quanto fabrica, tudo em que toca, pode e deve informar a seu respeito. É curioso verificar o quanto às pessoas alheias ao ofício avaliam mal o limite daquelas possibilidades (BLOCH, 1997: 114).

Assim, na animação das entrevistas e no dizer de cada um dos entrevistados, cada memória parece ter sido ativada, e até incentivada a ir o mais longe possível. Situação que evidencia a importância dos relatos, tanto no entendimento, como no resgate da identidade cerquilhense.

Nada de novo foi elaborado ou relevado, ao menos nada que parecia escondido na memória de cada entrevistado.

Na espontaneidade das entrevistas, as respostas demonstraram-se surpreendentes.

A tentativa puxar os últimos fios dessa meada evidencia que a Paisagem Cultural corresponde ao reconhecimento do lugar como patrimônio, que, na maioria das vezes, contempla o conjunto edificado (urbanístico e paisagístico), sendo o rural, também interpretado por esse viés, ou mesmo da paisagem construída, enquanto construção de certa sociedade, em determinado tempo.

Ancoradas em Tuan (1983: 44), que explica “*as pessoas, em todos os lugares, tendem a considerar sua terra natal como o ‘lugar central’, ou o centro do mundo*”, a questão da proximidade e afetividade para com o bem, imóvel principalmente, tornou-se evidente, nas respostas de todos os entrevistados.

Os resultados da pesquisa revelam que a paisagem natural, transformada no tempo, insere valores culturais que, para os filhos da terra, a origem possui significados afetivos. Por outro lado, para os de fora, a paisagem há que representar beleza visual e cultural, inclusive valor mercantil, no caso da atualidade, consubstanciado no sistema capitalista.

A beleza, a arquitetura e a harmonia do conjunto, enquanto valor estético, expressado na maioria das edificações urbanas, e também nas rurais, que sofreu maior crítica do entrevistado, considerado fora do lugar. No entanto, implicitamente, essas

questões também foram levantadas entre os filhos da terra, principalmente no que tange a chamada de atenção para o resgate e valorização da memória e identidade cerquilhense.

Evidencia-se também que a atividade perceptiva de cada entrevistado enriquece continuamente a experiência individual, e por meio dela; mesmo considerando a segunda moradia, para aquela, que no momento está tão distante, ou aquele, em nada considerado filho da terra; apega-se, cada vez mais, ao lugar.

As entrevistas demonstraram que a procedência da pessoa também influi na percepção. Evidente, o que mora, há poucos anos, em Cerquillo, percebe o espaço de uma maneira diferenciada dos considerados filhos da terra. A relação do primeiro com a cidade é mais prática, além de perceber os problemas com maior intensidade, demonstrou-se o mais crítico em relação aos mesmos.

(...) quando falamos de espaço não podemos nos referir a uma realidade objetiva, definida como estrutura estável; mas como conceito, ou seja, uma idéia que tem um desenvolvimento histórico próprio e cujas transformações são expressas totalmente, ou em parte, por formas arquitetônicas, em particular, e por formas artísticas, em geral. (Argan, apud GAIOTTO, 1993: 30)

Milton Santos (1985: 01) explica espaço como “*instância da sociedade, ao mesmo título que a instância econômica e a instância cultural-ideológica*”. Dessa maneira, o espaço “*contém e é contido pelas demais instâncias, assim como cada uma delas o contém e por ele é contida*”. E a “*essência do espaço é social*”.

Do ponto de vista social, não existe espaço, tão somente por si, mas “*espaço-tempo, historicamente definido; um espaço construído, trabalhado, praticado pelas relações sociais*” (GAIOTTO, 1993: 30).

Assim, todos os entrevistados parecem sentir a clareza da importância do centro urbano como *locus* da vida cidadina, um *espaço-tempo* demonstrado no seu patrimônio edificado e no seu paisagismo, muitas vezes, confundido com paisagem, mas recuperado nas entrelinhas das respostas e discussões, que se apresentaram durante as falas dos entrevistados.

A localização e o aconchego dos lugares públicos demonstram-se marcante para o entrevistado de maior idade, considerado fora do lugar, cuja existência não se restringe tão somente na busca do pão de cada dia, pois é aposentado, mas na sua história de vida, atualmente ancorada nesse pedaço de chão, manifestada na sua arte e cultura.

Outro ponto significativo que o resultado das entrevistas demonstrou como cada um dos entrevistados se relaciona com diferentes partes do Município. Enquanto cidadãos atribuem vários significados para a cidade, seja prático ou emocional. Dessa maneira, o espaço torna-se lugar quando relacionado ao ser humano, cidadão do mundo, que lhe atribui algum significado. E conhecer o lugar significa valorizá-lo. Situação bem determinada com relação aos espaços urbanos, mas também rurais. Por isso a importância da educação para o espaço, também ressaltada por alguns dos entrevistados como *Educação Patrimonial*.

Nas referências às igrejas, no ritmo dos cheios e vazios das fachadas e das paisagens como um todo, torna-se evidente o valor das festividades em homenagens aos Santos padroeiros, tanto do urbano, como do rural cerquilhense. O valor natural encontra-se representado na beleza dessa paisagem: das trilhas ao trilho; das “estradinhas”, além das porteiras, rumo à modernidade asfaltada.

Todos que descreveram as Igrejas e Capelas ressaltaram aquelas, tão somente Católicas Apostólicas Romanas, e não o fizeram do ponto de vista dos seus interiores, mas das suas fachadas na inserção do ambiente. Da mesma maneira, coube referência ao restante das construções, consideradas patrimônio edificado cerquilhense.

Os identificados como os mais importantes, correspondem aos edifícios construídos no período correspondente aos anos iniciais da pequena “*Freguesia de São José de Cerquilho*”, no final do Século XIX e início do XX, e que se pretendia urbana; ou àqueles, anteriores da explosão do trem, em 1948, ou mesmo os da emancipação político-administrativa, um ano depois. Contemporâneo, citaram-se o Teatro Municipal e as revitalizações urbanas dos espaços públicos, principalmente nas praças da cidade.

Graças às respostas, pode-se entender que a importância de todas as construções e dos conjuntos edificados se deve ao fator de propriedade (na casa de...) ou utilização dos mesmos (onde funciona...), que evidenciam a cultura, memória e identidade com o lugar; em nada alicerçados à grandiosidade de cada um, nem mesmo aos seus atributos arquiteturais.

Os inexistentes museus em solo cerquilhense, quando citados, conotam a importância do edifício, pois ficou evidente a necessidade de um espaço para o acervo do Município, localizado em algum ponto da cidade, e um deles indicou a antiga Estação Ferroviária. Outros entrevistados lembraram a importância de acervos a serem implantados

também na área rural. Assim, sugeriu-se o aproveitamento de algum espaço rural para acervo do patrimônio da produção canavieira: por exemplo, um “*museu do engenho*” (em algum alambique, ou mesmo na usina de açúcar e álcool “*Santa Maria*”), além da produção da energia, representada no “*museu da usina*”, ou mesmo “*museu da energia*” (na Hidrelétrica “*São João*”), considerados, pelos entrevistados, significativos para o resgate, valorização e preservação histórico-cultural de Cerquilha e região.

Não foram citados edifícios escolares, tanto estaduais, como municipais, construídos nas diversas épocas, principalmente aqueles, de domínio público. Nem mesmo outras construções, aos órgãos públicos estaduais e/ou municipais, tais como o Fórum e a atual Câmara de Vereadores, localizados distante do velho centro, na futura “Praça dos Três Poderes”.

Da Estação Rodoviária, apenas o entrevistado que veio de fora, lembrou; principalmente devido à sua localização, na franja do antigo centro urbano, que ainda guarda limite com alguma pastagem aos bovinos.

Em momento algum foram citados outros edifícios de uso público, tais como farmácias; lojas e armazéns; postos de combustível e supermercados; clubes recreativos e de serviços da iniciativa privada, entre tantos, espalhados pela malha urbana e rural. Nem tampouco citaram as diversas indústrias e confecções de roupas infanto-juvenis, componentes do conjunto do atual parque industrial, também fator de progresso local. Afinal, na entrada da cidade consta uma placa alusiva às mesmas:- “*Bem Vindo a Cerquilha, Cidade das Rosas e Pólo da Confecção Infanto-Juvenil*”.

O trânsito e tráfego de veículos motorizados *versus* o costume de andar a pé, foram referenciados, única e exclusivamente, pelo entrevistado mais velho, considerado de fora do lugar. E, por ele também, foi lembrada a questão da limpeza urbana associada à pavimentação de vias, calçadas e dos espaços públicos abertos, somados à impermeabilização dos jardins e quintais particulares, onde folhas, flores e frutos, quando não aproveitados, significam sujeira. Situação também colocada pela entrevistada mais jovem.

Aliás, a única que lembrou a necessidade de se restaurar a antiga pavimentação em paralelepípedos, das ruas centrais, cruelmente substituídas pelo asfaltamento, com menor fator de permeabilidade das águas de chuva, descaracterizando a época da construção da cidade.

As questões ligadas à violência e marginalidade do lugar não foram levantadas por nenhum dos entrevistados.

A maioria clamou pela ação do poder público, no que tange ao resgate, valorização, preservação e conservação do patrimônio e paisagem cultural. Sem contar a alusão, quanto à importância da participação da comunidade, na definição de tais bens, inclusive, enquanto fator de cidadania, pois ter o que mostrar para o visitante parece de fundamental importância para alicerçar as atividades do turismo do lugar. E o valor do que mostrar se associa na identificação, resgate, valorização e preservação do patrimônio histórico-cultural cerquilhense, tanto no que tange aos seus bens materiais (construções e conjuntos construtivos de destaque, novos e antigos; artefatos; espaços públicos; entre tantos citados), como ao imaterial (modos de viver; danças; usos e costumes, etc.). Assim, a memória e a identidade do cerquilhense, viga mestra da valorização e preservação do seu bem maior, encontram-se paginadas, ao longo do tempo, nos processos definidores das suas paisagens culturais enquanto atrativos ao turismo.

Em momento algum, os considerados “filhos da terra” deixaram transparecer qualquer preocupação aos prováveis efeitos negativos das atividades de turismo na pequena Cerquilha. Ao contrário, revelaram-se adeptos às atividades do turismo enquanto benefício ao favorecimento de empregos e renda complementares para o Município, sem deixarem transparecer qualquer interesse próprio nesses rendimentos. Diante de tal possibilidade, nem mesmo destacaram a importância do turismo como atividade de modificação do patrimônio histórico como ordenador da paisagem cultural cerquilhense.

Para a maioria dos entrevistados, a área rural cerquilhense comportaria atividades de turismo rural e/ou ecológico, porém em momento algum definiram o que seria um e outro. E, na cidade, o turismo seria basicamente cultural e/ou de eventos, principalmente os tradicionais, tais como carnaval, festas religiosas, atividades teatrais, exposições artísticas em geral, entre outros.

O entrevistado considerado de “fora do lugar” contrariou a possibilidade de desenvolvimento das atividades de turismo tão somente localizadas no Município, e ressaltou a influência regional na atração dos turistas, inclusive estrangeiros, que trariam divisas internacionais ao Município, inclusive facilitando o desenvolvimento econômico local, regional, estadual e até nacional. E, somente ele, sugeriu um “*circuito turístico*”, dito “*rota turística regional*”, que também incluísse Cerquilha devido suas peculiaridades locais, consideradas importantes para o conjunto da região do Médio Tiete/Sorocaba.

Ainda, esse mesmo entrevistado ressaltou a importância dos estudos de impactos ambientais e capacidade de suporte das localidades para desenvolver as atividades de turismo, principalmente do ponto de vista regional, pois há que se atentar para os prós e contras dos condicionantes sócio-históricos, econômicos, culturais e ambientais das comunidades envolvidas.

As questões ligadas ao desenvolvimento do turismo parecem distantes de todos os entrevistados. E, claro está, se o processo cultural for inexpressivo, pouco se consegue para a boa qualidade do turismo. O que mostrar ao visitante depende da qualidade da cultura do lugar, que manifestada na memória e identidade do seu povo, se estrutura no espaço-tempo.

No território, a memória e identidade transformam-se em bens patrimoniais, cujos produtos podem ser adquiridos pelos turistas. Produtos esses, que representados nas coisas do lugar enquanto bens duráveis (cachaça e artefatos, por exemplo) ou não (paisagens contemplativas, bem estar, entre outras sensações) também determinam a qualidade do lugar para o turismo.

Unânime a sugestão para a criação de um “*circuito turístico*”, com transporte adequado às condições regionais. Situação que certamente transformaria a paisagem cultural cerquilhense e até regional, além de resgatar e valorizar as particularidades de cada lugar a ser envolvido no projeto.

Ao porvir, geral a consciência para a necessidade do resgate e preservação daquilo que ainda resta, sem esquecer de valorizar o que está em construção.

4.2 RUMO AOS PONTOS FINAIS, QUE JAMAIS PRETENDEM SER O FINAL

Em Cerquilho, parece que nada se preserva. E, diante das respostas dos entrevistados, pouco se cultiva com relação à cultura para o resgate e valorização do seu patrimônio histórico-cultural que parece se perder no tempo, daquilo que resta com relação à memória e identidade do seu povo.

Seria o mito, apenas fundador?

Nem o Plano Diretor, aprovado no final de 2007, pontuou as memórias coletivas com relação aos bens patrimoniais cerquilhenses. A localidade parece viver na contra mão da valorização da sua identidade. Afinal, pouco se questiona: o que e para que preservar? E como preservar?

A ética para a qualidade de vida, fica a mercê das reviravoltas do mercado imobiliário, que tende determinar o planejamento do espaço urbano e a ocupação do rural. E a lei desse mercado é certa nos interesses financeiros em detrimento do coletivo.

Entende-se a urgente necessidade de cuidado com a utilização dos espaços públicos e privados, considerando que, em Cerquilho, ainda inexistem clareza nas diretrizes que elejam o seu Patrimônio Cultural enquanto tutela de bem comum. Na identificação e valorização da memória e identidade desse lugar, há que se evitem os famosos custos abusivos com os projetos e reformas para o restauro futuro, principalmente dos espaços públicos. Sem contar, as atuais inferências quanto à revitalização urbana, que em nada preservaram a imagem da cidade, e muito menos propiciaram qualquer diálogo com a comunidade.

Afinal, não seria esse um dos pressupostos do Estatuto da Cidade: a participação popular nas questões de planejamento das localidades?

Pouco se respeita ou se incentiva ao processo participativo que contemple a discussão das melhorias para a comunidade cerquilhense, principalmente em relação aos projetos urbanísticos e edificações de eminente caráter público. Esses projetos, geralmente reconhecidos na surpresa do produto final, identificam-se de forma surpreendente do ponto de vista da exclusão sócio e cultural do lugar.

4.3 CERQUILHO: MEMÓRIA E PATRIMÔNIO CULTURAL

Cerquilho, ir para ver, relembrar, sentir, entender e tentar compreender, no sentido de circundar e obter algum poder em relação ao objeto da análise.

Impossível preservar tudo o que existe ou resgatar o que se foi. Será preciso selecionar.

Na perspectiva de contribuir com o diagnóstico histórico-cultural de Cerquilho, cujo patrimônio deve ser entendido como bem cultural a ser explorado, conhecido, valorizado, ou mesmo resgatado, e por isso, a ser preservado, há que se pensar esse lugar no conjunto de suas significações. O foco do olhar deve estar, não apenas nas coisas em si, mas nas relações dessas coisas com a comunidade, que se ordena e, ao longo do tempo, transforma a paisagem.

Os resultados das entrevistas mostram-se surpreendentes. Surgiram outras, e mais outras perguntas. A maioria, ainda, sem respostas.

Na busca de soluções às propostas desta pesquisa, os questionamentos transformaram a memória dessa pesquisadora num porvir inquietante. Afinal, nessas “trilhas” de Cerquilho, o que mostrar ao visitante?

O que teria para “olhar” e valorizar nesse território?

E, agora, arrisca-se à “*flânerie*”...



Foto 57 – Auto-Retrato

Fonte: Acervo da Autora, Maio/2009

A nascente metrópole do séc. XIX criou uma personagem símbolo da multidão que Walter Benjamim batizou de “flâneur”, o ocioso que fazia do passeio urbano a razão de descoberta da cidade e de si mesmo. Sempre avesso ao pitoresco exótico que atrai o turista, o “flâneur” não se contentava com a descrição do primeiro olhar que captava da cidade, mas seu objetivo era construí-la na narração que se montava a cada passo de seu passeio, na intersecção entre aquilo que via e aquilo de que se recordava. A narração do “flâneur” habitava e movia a cidade, o espetáculo se desenvolvia ante o registro do seu olhar e da sua memória (FERRARA, 1991: 21-22).

Assim, graças à da liberdade, aqui permitida, tentaremos mergulhar na paisagem cultural cerquilhense. E, “sob a influência da sugestão de Walter Benjamim, em meio às tantas diferenças, entre o contador de histórias e o romancista”, volta-se “ao primeiro, pois esse tem quem ouça” (SILVA, 2000: 105).

O “Flâneur” é aquele que vaga pela cidade num “derive”. Mas não é somente o espaço da cidade que está à disposição do “flâneur”, é também sua história. A “flânerie” o conduz para um tempo desaparecido, cada rua para ele é uma ladeira que desce em direção ao passado – o dele e o da cidade (Rouanet, apud SILVA, 2000: 105).

Na tentativa de reconhecer as fronteiras e as delimitações do território cerquilhense, são visíveis as barreiras arquitetônicas. Sem contar as clareiras para os campos de engorda, que serviam as pastagens do gado bovino e muar, na maioria, vindos do sul do país para as famosas Feiras de Sorocaba, e se abriram na densa Mata Atlântica (GAIOTTO, 2002).

O tropeiro do século XVIII chega às terras férteis do “*cerquinho*”, onde construiu o “*cercado*” (toponímia de Cerquilho) e se instalou no “*pau a pique*”, nas confluências das trilhas (MARTINS, 2004), provavelmente, aproveitando as águas dos córregos e do rio Sorocaba, no Médio Tietê.

Afinal, o que de fato existe para comprovar que, um dia, o tropeiro esteve nesse lugar? Onde encontrar os resquícios do Patrimônio Cultural baseado no “Ciclo das Tropas”? Hoje, seria apenas um mito fundador desse lugar?

A história conta que Cerquilho se encontra na rota do “*Peaberú*” (MARTINS, 2004). No entanto, na atualidade, convive-se com as festividades influenciadas pelo consumo americanizado dos faroestes. Entre outras, a famosa Festa do Peão de Boiadeiro (a 19^a., aconteceu em 2008), além dos inúmeros festivais de músicas e danças. Assim, o desafio seria retomar as raízes culturais do pouso das tropas, sem perder o brilhantismo da atualidade, no seu progressista parque industrial. Resgatar a memória do antigo tropeiro significaria incentivar os fandangos; os cordéis e as modas de viola; o cururu; a gaita; as botas; os chapéus de palha e as bombachas, entre outros, típicos daquela época.

Ao fundo da Rodoviária, o córrego “*Segundinho*” pede socorro! Era lá, que a criançada aprendia a nadar. A sua mata ciliar resiste às pressões urbanas, na formação de um pequeno bosque natural, sem qualquer infra-estrutura, por isso, nada aproveitado pela população. E agora, o córrego está em vias de destruição devido um condomínio fechado de alto padrão que de tão alto teima em confrontar com a legislação vigente, quanto à proteção dos mananciais e das áreas de reserva, remanescentes da Mata Atlântica.



Foto 58 – Mata Ciliar ao Córrego “Segundinho”
Fonte: Acervo da Autora, Maio/2009.

Essa situação demonstra a fragilidade ou mesmo a incompetência administrativa, pautada na parca legislação municipal; ou mesmo da estadual, representadas pela CETESB e DEPRN, e até nacional, pelo IBAMA, cujas fiscalizações deixam a desejar e encaram tal ocupação necessária ao desenvolvimento e modernização do local. Nada é mais forte do que a força da valorização e da pressão imobiliária cerquilhense Cerquilho.

Mais para oeste do centro urbano, já na periferia, encontra-se a antiga “Mina de Carvão”. Explorada na época da Segunda Guerra Mundial, essa Mina, mesmo em seu pequeno teor carbonífero, colaborou para o desenvolvimento de Cerquilho, tanto na geração de emprego e renda para os trabalhadores locais, como incentivou a vinda de operários e chefias de outras localidades. Além disso, reconhecidamente, a importância do “Grupo Tubarão”, subsolo do Aquífero Guarani, justificaria valorizar e preservar esse local.

E ainda, concordando com os entrevistados, cabe lembrar aquela casa, de propriedade dos herdeiros do saudoso “*Abel Rosa*” (**Foto 42**, p. 74), localizada na “Dr. Campos”, que abrigou o escritório da chefia dessa Mina, da qual restaram algumas fotos, imagens da época áurea da exploração do carvão. No entulho da recente demolição, perdeu-se mais um ponto edificado, importante na memória e identidade cerquilhense.

Saudosismos a parte, as ruas centrais da cidade de Cerquilho, que ao longo das décadas de 1960 e 1970, principalmente, foram revestidas com paralelepípedos, já referendado por uma das entrevistadas, atualmente em pavimentação de asfalto, representam a modernidade do trânsito e tráfego acelerado no automotor. E aqui, cabe ressaltar que foi a partir do final da década de 1990, sem qualquer resistência da população, em momento algum consultado com relação a essa melhoria urbanística; em nome da modernização e benesses para o trânsito e tráfego aos automotores, aplaudiu a eficácia da administração pública na opção de recobrir as pedras com camadas de asfalto negro. E, que pena!

Rumo à “Praça da Matriz”, oficialmente “Praça Presidente *Kennedy*” (em homenagem ao saudoso presidente americano), na sua parte mais baixa, lá, do outro lado da rua, os trilhos da Sorocabana severamente foram camuflados pelo extenso muro que serve ao fecho de alguns *quiosques* de guloseimas, entre outros produtos comercializados, principalmente nos dias de festa.

Ao propiciar mais um local de recreação e lazer a céu aberto consolida-se o divisor físico e visual da cidade, na tão consagrada parte de cima e a parte de baixo da linha do trem (**Fotos 59, 60 e 61**, abaixo representadas). Assim, essa barreira física, anteriormente responsabilizada pela linha do trem, cresce em altitude. Na parte de cima, à frente da Praça, a Igreja de “São José” encontra-se ladeada de outras construções significativas de diferentes épocas. Essa Matriz ganhou o seu mais novo vizinho, o monumental Teatro (**Fotos 18 e 19**, pág. 62), projetado pelo renomado arquiteto *Ruy Ohtake*, o mais contemporâneo exemplar do centro da cidade, anteriormente referenciado e devidamente explicado pelos entrevistados.



Foto 59 - Quiosques: ao longo da Ferrovia
Fonte: Acervo da Autora, Fev./2009



Foto 60 – Quiosques, em dia de Festa
Fonte: Acervo Particular⁴, 03/Abril/2009



Foto 61 – A Barreira Física e Visual, pela Ferrovia e Quiosques
Fonte: Acervo da Autora, Abril/2009

E o giro continua na parte de baixo da linha do trem, onde, entre tantas referências, se encontra “Praça da Prefeitura”, oficialmente “Praça José Orestes Corradi” (**Fotos 45 e 46**, pág. 75), homenagem ao saudoso ex-prefeito, cuja residência, na “Dr. Soares Hungria”, bem no coração da cidade, também foi demolida para dar lugar às modernas e futuras instalações da Loja Cybelar (**Fotos 39 e 40**, pág. 74). Será?

Dessa casa, há de sobrar algum memorável relato dos famosos conchavos políticos, principalmente de 1949, ano da emancipação da vizinha, Tietê. Sem contar algumas fotos e dois tijolos, segundo consta no depoimento de uma das entrevistadas, que se salvaram para o futuro acervo de algum museu da cidade. Esse é mais um dos exemplos da demolição do antigo para dar lugar ao novo, ao moderno.

Logo à frente dessa propriedade, observam-se as antigas instalações da ferrovia (**Fotos 20 e 21**, pág. 62), formado pela Estação do Trem, Cabine de Força, Trilhos, Armazém, Pátios e Túnel, construído nos idos de 1870, pela extinta Sorocabana.

A velha estaçãozinha, após as devidas adaptações, atualmente, serve ao Conselho Tutelar da Criança e do Adolescente. A Cabine de Força é sede da Guarda Municipal.

O antigo Túnel, em parte demolido, por conta da recente revitalização do “Convívio” (oficialmente, assim denominado na década de 1980), serve aos pedestres, na passagem do lado de baixo, para o de cima da linha do trem. E o “Convívio” sempre foi palco das comemorações festivas e dos passeios, nos finais de semana, ainda serviu aos encontros e desencontros dos casais, amigos e familiares.

Os trilhos da antiga Sorocabana, que também trouxeram os braços imigrantes (portugueses, italianos, espanhóis e muitos outros), num primeiro momento, para as lavouras do café; depois, para o algodão e a cana para a cachaça e o açúcar (MARTINS, 2004); já, não servem mais ao transporte de passageiros, inclusive para os trabalhadores das atuais lavouras de cana, também para a produção do álcool combustível, para o qual se destacam os bóia frias.

“Prédios vazios e semidestruídos no centro da cidade ou transformados conforme o interesse público ou privado, mostram o passado” (SILVA, 2000: 109).

Assim, também em Cerquilha, bem no pulsar da cidade, em alguns trechos das ruas “Dr. Soares Hungria”, “Dr. Campos” e vizinhanças, existem algumas resistentes construções, que nem mesmo a explosão de um vagão de trem, em 1948, conseguiu demolir.

Na “Soares Hungria”, a barbearia do “Lélinho”, onde se encontra raro mobiliário, representado nas antigas cadeiras de barbeiro, acompanhadas de bancada e outros objetos de igual valor. O espelho da bancada da barbearia, hoje, reflete a antiga estaçãozinha do trem (**Foto 62**, ao lado), de onde se imagina os famosos embarques e desembarques de passageiros, nas idas e vindas Capital-interior paulista.



Foto 62 – A Cadeira de Barbeiro, o Espelho e a Estação do Trem
Fonte: Acervo da Autora, Fev./2009

Sem desmerecer o cáqui e a chita, o que não dizer dos galantes passageiros, em ternos de linho ou casimira? E aquelas, em seda pura? No verão quente e úmido, de Cerquilho, protegidos do sol forte, pelo chapéu coco, camurça ou palhinha, arrisca-se imaginar o desfilar das sombrinhas, entre as mais sofisticadas às mais simples.

Nas chuvas, a galocha e os casacos dos anos 1940 ou 50, e porque não dos 60? No reverso desses casacos, que também serviam de proteção aos rigores inverniais, se somavam o vai e vem da negritude daqueles guarda-chuvas, imaginários na composição do nublado do céu, até hoje, descortinados de poluição; exceto na época da safra, pelas faíscas e fumaça das queimadas dos extensos canaviais.

E, o que falar do memorável “*footing*”, em quase todo final de semana; após as missas ou nos horários dos trens? Geralmente, esses passeios aconteciam na “Soares Hungria”, no trajeto representado pelo atual “Convívio”. Naquela época, percorridos desde as imediações da antiga sorveteria do saudoso “Zé Grecchi”, até o “Cine São Francisco”, também referenciado pelos entrevistados, que virou tanta coisa e, recentemente, foi demolido.



Foto 63 – *Footing*, na Soares Hungria (dec. 1950)
Fonte: MARTINS, 2004: 160

No antigo prédio do “Cine São Francisco” (**Fotos 38**, pág. 74), que também abrigou casas noturnas, onde, recentemente, se encontravam farmácia, loja de roupas e calçados, além da doçaria, que, por um bom tempo, foi ponto de encontro da juventude cerquilhense. No seu pavimento superior, a Câmara Municipal ficou alojada até ser transferida para uma construção nova, bem afastada do centro da cidade, onde se convencionou chamar, “Praça dos Três Poderes”, ou melhor, vizinha do novo Fórum, mas tão longe da maior parte da população.... Prédios esses, nem ao menos referenciados enquanto patrimônios cerquilhenses, pelos entrevistados dessa pesquisa.

A ousadia da “*flânerie*” permite sentir a memória desse lugar, que parece



Foto 64 – Rua “João Audi”
Acervo da Autora, Abril/2009

incrustada nas densas paredes da “Soares Hungria”, e se prolifera na pequenina ladeira “João Audi” (**Foto 64**, ao lado); até chegar no “Clube São José”, onde a meninada aprende nadar. Sem contar as demais modalidades esportivas e culturais, que ainda encantam a cidade.

Na “Dr. Campos”, as histórias e as vidas de alguns dos seus antigos moradores, ainda conseguem preservar as casas, uma colada na outra (**Fotos 65 e 66**, abaixo representadas), característica da técnica e tecnologia do início da ocupação urbana, principalmente nos idos da década de 1920, 30, 40, 50 e 60.



Foto 65 – Rua Dr. Campos: lado ímpar



Foto 66 – Rua Dr. Campos: vista geral

Fonte: Acervo da Autora, Maio/2009

Ainda vale lembrar a década de 1970, que também representou para Cerquilho, importante marco de desenvolvimento sócio-econômico lastrado na migração campo/cidade, entre outros.

Na busca de melhores condições de emprego e renda, além de educação e saúde, desde aquela época, a cidade espalha-se em novos bairros periféricos ao pequeno centro. Nesse momento, surgem as casas em estilo operário mesclando ao modo de viver no urbano-rural, que perpetuam as grandes cozinhas. E, muitas delas, construídas nos fundos dos lotes, ou seja, a cozinha de dentro e a de fora. A primeira, que abriga os mais sofisticados equipamentos da modernidade, a exemplo do fogão a gás, e a segunda, a lenha!

E onde estará refletido o patrimônio imaterial desse lugar? Nas ruas, nas casas, comércio, clubes, escolas, igrejas; no rural, ou na memória de cada um, que se identifica, preserva ou transforma o lugar?

Aqui, vale ressaltar a importância das festas tradicionais, em homenagem ao Santo Padroeiro da cidade ou dos bairros, cujas igrejas e capelas compõem o riquíssimo patrimônio cultural e arquitetônico, já referenciados no resultado das entrevistas, que tanto influenciam na paisagem cerquilhense.

No ir e vir das procissões, nas ruas da cidade e nas trilhas dos bairros, encontra-se a Matriz de “*São Benedito*”, localizada na populosa “Nova Cerquilho”; a Capela “*Nossa Senhora do Rosário*” (**Foto 27**, pág. 64), a primeira de todas, construída em 1900 pela

“*Família Grando*”, hoje, faz parte da malha urbana. A essas, já referenciadas pelos entrevistados, somam-se, ainda, as centenárias Capelas: de “*Nossa Senhora Aparecida*”, no “*Barreiro Rico*” (**Foto 67, ao lado**), a de “*Santo Antonio*”, no “*Taquaral*”, e outra, no “*Mato Dentro*”; a “*São Bom Jesus*”, em *Hungria*, conforme **Foto 68**, abaixo representada.



Foto 67 - Capela de “Nossa Senhora Aparecida”, no “Barreiro Rico”
Fonte: Arquivo da Autora, Abril/2008.

Além dessas, erguidas nos bairros rurais de mesmo nome dos santos, a exemplo da “*São Francisco*” e “*São Pedro*”, (**Foto 68**) ergueram-se outras, na malha urbana, a exemplo da “*Santo Expedito*”; “*Nossa Senhora de Fátima*”, “*Santa Cruz*” e “*Nossa Senhora Aparecida*” (MARTINS, 2004), que tanto protege o brasileiro.



Foto 68 - Capelas Rurais de Cerquillo/SP

Leia-se da esquerda para a direita: 1) de “*São Francisco*”; 2) “*Santo Antonio*”, no “*Mato Dentro*”; 3) “*São Bom Jesus*”, em “*Hungria*”; 4), “*Santo Antonio*”, no “*Taquaral*”; e 5) “*São Pedro*”

Fonte: MARTINS, 2004: 42

Mais ao longe, há quatro quilômetros do centro da cidade, já lembrada por uma das entrevistadas, o encanto da Represa “*São João*” ou “*San Juan*” (**Fotos 35 e 36**, pág. 66), também, possui significativo valor histórico por ser uma das primeiras pequenas centrais hidrelétricas do interior paulista. Nos idos da década de 1940, essa Usina marca a chegada da eletricidade urbana em Cerquillo e região.

Sem contar os campeonatos de “*slalon*” (**Foto 09**, pág. 24), nas corredeiras do rio Sorocaba, na altura do sítio do “*Coronel Bento*”, propicio aos eventos, além de conseguir abrigar os esportistas e turistas, que se hospedam nas diversas chácaras de recreio e ranchos, nas barrancas desse rio, ainda piscoso e tão apreciado, principalmente pelos amantes da pesca esportiva (**Foto 10**, pág. 24).

Entre uma parada e outra, já, na lentidão do cansaço, permite-se o descanso ao “*flâneur*”, que sentado num dos bancos da praça consegue entender a importância dessa leitura do patrimônio como ordenador da paisagem cultural cerquilhense. Pesquisa essa, representada na busca dos seus signos, sinais e significados, ou mesmo na significância da memória e identidade, plantadas na cultura dos seus moradores, que se legitimam na dinâmica desse espaço construído, por hora, modificado.

Nos passeios da memória, entre as propriedades rurais estão aquelas que ainda mantêm as construções históricas da época da antiga “Vila de Cerquilha”, que se formou pelos trilhos da Sorocabana, na trilha dos cafezais. E, porque não do algodão, dos engenhos de cachaça, escamoteados nos canaviais e outros cultivos agrícolas? Animais, maquinários rurais e a culinária do antigo fogão a lenha, definiram paisagens, e influenciaram na construção do patrimônio maior do povo cerquilhense, a sua conduta.

Quantos causos, lutas e sonhos permeiam suas esquinas, ruas, construções novas e antigas, essas, que ainda resistem à modernidade da cidade nova? Quantos segredos entre o verde da cana, anteriormente plantados nos cafezais, entremeados por córregos e rio Sorocaba, permitem o desenho da paisagem rural, numa confusão no rural-urbano, ou novo rural, que ora se define?

A conservação e a reabilitação dos espaços humanizados assumem, cada vez mais, o objetivo de promoção de um ambiente melhor, a par da salvaguarda, manutenção e sustentabilidade desses espaços, mas também dos bens, valores patrimoniais e socioculturais. Os princípios que sustentam a reabilitação da ocupação do território urbano e rural incluem preocupações de âmbito social, democráticas ambientais. O reivindicar de um melhor ambiente e qualidade de vida pressupõe um compromisso entre o espaço existente, enquanto patrimônio habitado e vivido, e a projeção daquilo que será construído para as gerações futuras.

4.4 PATRIMÔNIO E PAISAGEM CULTURAL: POR UM TURISMO CERQUILHENSE

Na empolgação das teorizações e dos resultados das pesquisas de campo, entende-se que, atualmente, as questões ligadas ao Patrimônio e Paisagem Cultural estão em alta, mas ainda em falta.

“Inicialmente a ação dos imigrantes construiu um Ambiente Rural, uma cultura e um patrimônio da maior relevância, transformado, porem, com a mesma intensidade com que foi urbanizado” (PEREIRA, 2006: 11).

No entanto, hoje, as cidades, tal qual Cerquilho, encontra-se em franca demolição de valores e arquitetônicos, entre outros, principalmente dos seus antigos centros, a mercê da famigerada especulação imobiliária somada a exclusão social e, conseqüentemente, cultural do lugar.

Em Cerquilho, jamais existiu algum questionamento ou legislação que contemple a salvaguarda do patrimônio ou as normas de revitalização e comunicação urbana. Tanto que estão demolindo as antigas edificações sem ao menos questionar a validade arquitetônica ou mesmo da preservação da memória do lugar, que se organiza sem qualquer planejamento.

Nem mesmo o “Estatuto das Cidades”, utilizado na reformulação da Lei do Plano Diretor, que, aprovada no final de 2007, contempla, entre outros, o planejamento participativo; consegue se legitimar enquanto importante arma na efetiva administração do patrimônio cerquilhense.

Na prática, a força do mercado imobiliário demonstra maior poder, ou seja, vale mais quem pode comprar o solo milionário, principalmente nas áreas valorizadas do centro da cidade.

Que legislação é essa, que tanto privilegia e protege o poderio capitalista das “Casas Bahia”, das “Lojas Cem”, das “Casas Pernambucanas”? E, agora, das muitas “royaltes” chinesas, coreanas, entre outras, que invadem as nossas (pequenas e

médias) cidades, demolindo, ao seu bel prazer, por conta da tal modernização ou da melhoria de qualidade espacial?

Para Bortone (2008: 3), “a *arquitetura que invoca o turista é a arquitetura poética, não a arquitetura impositiva criada pelo capitalismo selvagem que gera a pobreza e a exclusão*”.

Salpicados no emaranhado comercial do velho centro, encontram-se residências, e outros tantos edifícios, considerados pelos entrevistados, verdadeiro patrimônio edificado cerquilhense, cujas recentes demolições denunciam a ineficiência da gestão pública local, principalmente na inaplicabilidade das normas de fiscalização que regem as construções civis.

Na maioria das cidades, a exemplo de Cerquilho, nem mesmo se garante a exigência de licença para demolir as antigas construções, sob responsabilidade técnica de um profissional vinculado ao sistema CONFEA/CREA. E nem ao menos, qualquer outra conduta para gerar o devido reconhecimento e preservação do patrimônio, pois atrapalharia o desenvolvimento progressista e modernização do lugar, principalmente do velho centro e imediações, atualmente devastados e marginalizados, logo, excludentes.

Além disso, Bortone (2008: 3) explica que “os *poderes políticos e econômicos, sem a mínima sensibilidade social, não saem em defesa das raízes culturais de seus povos, e assim, permitem que muitos cenários urbanos percam o encanto e a magia*”.

E sabe-se que a (des) construção dos velhos centros jamais diminuirá a violência e a marginalidade do lugar. Ao contrário, cada vez menos residenciais, os velhos centros propiciam guetos de malandragem. Vivos tão somente durante o horário comercial, nos demais período do dia e da noite, os antigos centros transformam-se em palcos de barbárie, prostituição, consumo proibido de drogas, entre outras situações adversas ao bem estar social.

O que fazer para dinamizar os velhos centros, e impedir tanta barbaridade? Projetos e/ou programas para a revitalização do centro, não bastam.

O desolamento diante da demolição urbana é geral, tanto que a pequena e ainda pacata Cerquilho, como as demais, as realidades culturais desmoronam-se no cinzento das demolições, restando tão somente recordação do lugar, daqueles mais sensíveis à dinâmica da Paisagem Cultural, que se estrutura no palimpsesto dos processos produtivos, ao longo do tempo.

Nesse sentido, no vis a vis dessa dinâmica espacial, também gerada pelas relações sócio-econômicas, visível é a transformação do patrimônio histórico-cultural que, por sua vez, altera a paisagem do lugar, cujas influências acabam por refletir, positiva ou negativamente, nas atividades de turismo, entre outras.

Qualquer proposição planejada, a exemplo daquelas ligadas ao setor de turismo, há que cuidar dos prováveis efeitos negativos no interior das localidades, evitando a violência, o aumento da desigualdade social e o desemprego. Assim, tais condições opostas à ideologia do desenvolvimento sustentado, principalmente onde se valoriza a atração do maior lucro econômico gerado *versus* qualidade de vida, severamente, pode prejudicar o turismo.

Aos turistas, muitas vezes, na escolha do lugar dos seus momentos de lazer, pouco importa os residentes, mas a satisfação dos seus desejos, das suas motivações, que acabam por influenciar o signo e o significado do espaço construído (Heuser e Patrício, apud GAIOTTO e ARGOLLO FERRÃO, 2008).

Turismo é ética. Assim, o que é bom para os que em Cerquilho vivem é bom também para os seus visitantes, onde os eventos promovem cultura local e permitem o envolvimento das pessoas. Abrem possibilidades novas e gratificantes experiências.

Então, qual seria o segredo, ou ponto de atração desse e para esse lugar?

Na atualidade, as razões pelas quais se reside em Cerquilho são variadas, desde as oportunidades de trabalho e renda, até a busca por melhor qualidade de vida nesse lugar, que ainda se assemelha a uma “aldeia”, segundo afirmou um dos entrevistados.

Na memória do seu povo, o que contar aos filhos da terra, principalmente com relação à produção cultural cerquilhense?

As lembranças da infância, ou da adolescência; muitas vezes, fortalecidas nas entrevistas, principalmente com relação aos apontamentos, e até desapontamentos, do que valorizar e preservar desse lugar; apresentaram poéticas nada semelhantes entre os depoimentos dos filhos da terra e daquele, vindo de fora.

E o turista, não é aquele que também chega de fora, ou de algum lugar que, muitas vezes, em nada se assemelha com as realidades, manifestadas no território cerquilhense?

Antes de tudo, cabe às atividades, nesse caso, às planejadas para o turismo, respeitar Cerquilho por sua gente, enquanto patrimônio testemunhal do passado com

significado à comunidade, que serve à preservação como prática social, na possibilidade de agregar valores ao presente, ao seu cotidiano, cujas atividades são avassaladoras do ponto de vista das transformações sociais, e até ambientais.

O turista enquanto colecionador de paisagens se apropria delas, tanto do ponto de vista estético, como sensorial (MENESES, 2002), assim, o Patrimônio Histórico como ordenador da Paisagem Cultural pode, e deve definir as atividades de turismo (por exemplo, nas rotas e/ou nas culturais cerquilhenses), por isso a importância do seu significado econômico, interferindo na sua melhoria e requalificações.

A alta demanda para os espaços habitacionais e comerciais no centro da cidade de Cerquillo poderá transformar o seu patrimônio e paisagem em espaços úteis e agradáveis à sociedade e, por consequência, ao turista.

A história também estabelece imagens, que dependem da valorização, memória e identidade, não para propiciar mudanças na velocidade do tempo, mas que permanecem como fotografia de um passado, nada distante, se comparado às centenárias cidades dessa região, pertencente às Sub-Bacias do Baixo Sorocaba e Médio Tietê Médio.

Enfim, o Patrimônio Cultural pode ser visto e interpretado enquanto lembrança do passado, como herança dos vencedores ou vencidos, tanto nas estratégias de desenvolvimento social, como dos econômicos, e nesses incluem-se as atividades de turismo. Ainda, há que se atentar para a importância do foco no bem cultural a ser valorizado, preservado e conservado para estas e outras gerações futuras.

4.5 CONSIDERAÇÕES ACERCA DO TEMA E DOS RESULTADOS DO ESTUDO

O contato com a história do lugar permite o resgate e a valorização da vida da comunidade, além de facilitar a preservação e a conservação de sua memória e saberes.

Ao preservar a história possibilita-se o reconhecimento da identidade social e cultural do lugar, cujas rupturas, orquestradas pelo tempo vivido, são significativas no entender de um passado que parece esquecido nas páginas viradas do livro da existência.

No entanto, o tempo aparenta-se vivo pulsante e atual, principalmente na memória daqueles, cujos relatos e histórias de vidas sobressaíram por ocasião dessa pesquisa de campo.

E quais as efetivas ações para preservar o Patrimônio Cultural das pequenas localidades do interior paulista, a exemplo de Cerquilha?

Primeiramente, há que se respeitarem as ações pontuais, muitas vezes individuais ou grupais, no cuidado com o bem enquanto patrimônio (tombado ou não) revelador da Paisagem Cultural do lugar.

Na fixação do retrato memorialístico, que se projeta na identidade da Paisagem Cultural cerquilhense, entende-se o tamanho da dificuldade para o resgate, valorização, preservação e conservação do seu patrimônio, ao menos aqueles indicados pelos entrevistados devido à dependência das políticas públicas, ainda ineficientes ou inexistentes. Sem contar as dificuldades enfrentadas, principalmente dos interesses isolados de alguns proprietários de imóveis para tentar resgatar e/ou conservar a memória local e o sentido de cidadania nesse lugar.

Nem mesmo um Conselho de Defesa do Patrimônio existe. Nem tão pouco, um Conselho de Turismo. Assim, perde-se a possibilidade de discussão e formulação de proposições às estratégias de manutenção do Patrimônio Cultural de Cerquilha, tão importante para a educação das gerações presentes e futuras.

A reconstituição, preservação e/ou conservação do passado, que também serviria ao planejamento das ações e estratégias do futuro, parece se perder no tempo e no espaço desse lugar.

Dessa maneira, urge conhecer o lugar para reconhecer no seu Patrimônio Cultural a ser preservado e conservado as atitudes que podem levar às mais diversas manifestações sócio-culturais, que somadas às ações públicas possibilitariam condições de implantação de uma política para o turismo sustentável local e até regional.

Trata-se, além de tudo, de valorizar e construir a cidadania como ponto de apoio à preservação de qualquer bem cultural, inclusive para as gerações futuras.

Aqui, atenta-se para o perigo de perder a relação com o lugar de origem em função de outros, os ditos de “fora do lugar”.

Os usos e costumes relativos às diversas externalidades, muitas vezes, manifestadas nos novos padrões de comportamentos, interferem nas relações sócio-culturais de quem determina o que se expressa no lugar, principalmente nas histórias e costumes de vida dos seus cidadãos.

Ser membro de uma comunidade humana é situar-se em relação ao seu passado (ou da comunidade), ainda que apenas para rejeitá-lo. O passado é, portanto, uma dimensão permanente da consciência humana, um componente inevitável das instituições, valores e outros padrões da sociedade humana (HOBSBAWN, 1999: 22)

E reconhecer-se na localidade significa saber-se parte das transformações ali ocorridas, principalmente no conhecer-se pelos elementos que são comuns e tão diferentes em relação ao outro. Significa criar o senso de cidadania, de solidariedade e de respeito ao diferente no reconhecer e saber administrar as conquistas humanas.

Enquanto humano, saber-se parte de um todo, ou seja, produto da grande jornada da humanidade que em nada está por acaso, e sim construído pela coletividade ao longo das centenas e milhares de anos, se considerada a idade da Terra e de outros tantos povos, espalhados nesse chão.

Nesse processo de ir para ver, e ouvir para revelar, confirma-se a fundamental importância na educação para o Patrimônio Cultural cerquilhense com início na infância, até atingir todos os grupos etários de forma permanente, através de diferentes programas de sensibilização.

Sugere-se a continuidade das pesquisas, tanto na possibilidade de avançar em busca de soluções planejadas das atividades produtivas que respaldem o uso e ocupação dos solos urbano e rural, como no resgate, valorização, preservação e conservação do patrimônio cultural cerquilhense.

Além disso, não resta dúvida que a melhor metodologia a ser utilizada, nas pesquisas sobre o binômio “Patrimônio Paisagem” do lugar, seria essa, baseada em entrevistas qualitativas, cujas questões foram essencialmente testadas no sentido de entender como a comunidade, ou setor dela, interage com as questões da cultura local.

Dessa maneira, pode-se, e deve-se no sentido de motivar a participação do povo, continuar esse procedimento metodológico, que busca, através da entrevista qualitativa, interpretar os diversos setores da atividade produtiva cultural, social, econômica e política do lugar, tais como os agentes do turismo; os jornalistas e os profissionais liberais; os militares; os funcionários públicos e privados; os empresários; educadores e estudantes, entre tantos agentes sociais, residentes ou não, mas que tenha, em alguma parte das suas histórias de vidas, influenciado na produção dos saberes e dos fazeres dessa localidade.

No entanto, para alcançar o grau de confiabilidade, o pesquisador há que saber conduzir as perguntas de acordo com a cultura do lugar, sem esquecer a dos entrevistados.

As informações, muitas vezes, encontram-se nas entrelinhas ou no olhar e no sorriso, ou seja, na expressão do entrevistado. E cada um representa a sua geração, que se articula na paisagem, deixando seus rastros, positivos na concepção de alguns, ou negativos na, de outros.

Na relatividade das interpretações com relação à paisagem cultural, e do que preservar para as gerações futuras, fica claro que ao definidor social cabe a responsabilidade maior, sem esquecer que esse assunto também é relativo e sua concepção poderá mudar a qualquer momento e lugar, mas garante a origem, na memória e identidade da comunidade, como um todo.

Isto posto, essa pesquisa tenta cumprir o seu objetivo primeiro. Na atualidade do tema, visa conceituar o binômio “Patrimônio Paisagem”, para contribuir com o diagnóstico patrimônio histórico-cultural de Cerquillo, por hora, interpretado a luz da memória e identidade dos cinco entrevistados. E espera-se que essa representatividade esteja garantida, não somente devido aos cargos e funções, mas na importância da realidade do dia a dia de cada um deles, que acaba por influenciar na dinâmica urbana e rural, também, pelos saberes e fazeres culturais, nesse lugar.

Quiçá, esses convidados, que colaboram na gestão e/ou produção da cultura, conseqüentemente do patrimônio histórico-cultural como ordenador da paisagem cerquilhense, pudessem alterar a formação de opinião dos demais subseqüentes na

pesquisa. Ou ainda, no reconhecimento desse patrimônio, o prêmio da manutenção dos saberes e fazeres, dos usos e costumes, da memória e identidade desta *cultura caipira*, tão próxima da capital paulista; a 150 km, apenas.

No método de entrevista qualitativa, evidente a importância do desenvolvimento dessa proposta metodológica, cuja análise das relações homem-espço se encontra representada no patrimônio como ordenador da paisagem desse território. Por isso, destaca-se o interessante procedimento de gravação das conversas e o incentivo do resgate da memória de cada um dos entrevistados, verdadeiros pioneiros dessa análise, realizada nesse pedaço chão, em tão curto espaço de tempo.

Arrisca-se dizer que esses convidados apresentam-se pioneiros enquanto formadores da estrutura do pensamento social e cultural cerquilhense. No entendimento do Sr. Jorge Bercht, há que se constituir em paradigma.

Enfim, ao considerar a memória e a identidade do lugar, essa pesquisa apresenta-se bem mais complexa do que se imagina. E, relativa ou não, complexa ou não, termina-se essa análise na consciência de que sozinha, apenas mais uma a sonhar, mas se reunir os iguais, a força da junção manifestará na ação do resgate, valorização e preservação do Patrimônio e Paisagem Cultural, menos excludentes para a atualidade e menos agressivos ao futuro de Cerquillo e região de entorno.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho jamais teve a pretensão de esgotar todos os assuntos, referenciados até o momento. Sendo que, com tais resultados, se espera conseguir instigar pesquisas futuras, no sentido de tentar garantir o resgate, valorização, preservação e conservação da memória e identidade do lugar, representados no binômio “Patrimônio Paisagem”. E, por que não, até, colaborar com o inventário memorialístico do Patrimônio Cultural de Cerquilha, um dos menores Municípios do interior paulista?

Cerquilha e seus limítrofes, geograficamente acessíveis, demonstram a coexistência de atividades sócio-culturais interdependentes devido às peculiaridades de cada lugar. (GAIOTTO e ARGOLLO FERRÃO, 2008). Assim, ressalta-se a importância do planejamento das atividades de turismo, que valorizem os produtos específicos do lugar, hoje, representados na produção de cachaça, açúcar e álcool, sem esquecer os propósitos da “*Rota dos Tropeiros*”. Em todas as cidades da região do Baixo Sorocaba, no Médio Tietê, já, acontecem festividades ligadas ao tema, tais como festas do peão boiadeiro, entre outros folguedos sertanejos, atualmente, tão influenciados pela cultura dos faroestes americanos.

A área agricultável avança por terras férteis. No horizonte longínquo, além dos limítrofes de Cerquilha, alcança Boituva, Tietê, Jumirim, Tatuí, Laranjal Paulista e Cesário Lange, em contínua paisagem, representada principalmente pelos canaviais que entremeiam construções de todos os tipos (residenciais, comerciais, industriais, e outras instalações e equipamentos), que também podem servir ao futuro das atividades ligadas ao turismo.

Ainda, vale ressaltar o recente conceito de Paisagem Cultural, muitas vezes, confundido com paisagismo ou paisagem local, que se expressa na dificuldade da delimitação do limite da paisagem cultural cerquilhense. Embora os particulares interesses de cada localidade, essa paisagem permeia os limítrofes e, cedo ou tarde, interfere na constituição dos mesmos, pois define usos e costumes, a exemplo da ocupação de solos, muitas vezes, pressionando os recursos naturais do ambiente. E cita-se como exemplo as ocupações desordenadas em condomínios residenciais ao longo dos mananciais de água, já referenciados anteriormente.

Afinal, onde estaria a linha divisória dessa Paisagem? No limite do urbano? Na divisa do Município? No caso de Cerquilha, ora demarcada por cursos de água, a exemplo do seu limite com Tietê, no Córrego da “Estiva”, ou mesmo com Tatuí, Jumirim e Cesário Lange, no Rio Sorocaba?

O limite apresenta-se tênue, mas há que considerar algum importante gradiente, para a análise do binômio “Patrimônio Paisagem” no território. E, nesse caso, foi considerado a linha divisória do Município com os seus limítrofes, mas o limite físico *versus* as interferências, muitas vezes do “*core*” da pesquisadora, refletido na análise dos resultados das entrevistas. Ou quem sabe no meio ou no centro da cidade, ou mesmo em tantas variações deixadas para trás. Extrapola a legalidade do perímetro da Bacia do Baixo Rio Sorocaba, no Médio Tietê. Vai além. Atinge outras bacias hidrográficas, a exemplo de Piracicaba; ou mesmo tantas outras, talvez deixadas para trás no afã da interpretação do Patrimônio e Paisagem Cultural, tão somente cerquilhense.

Além disso, precoce ou não; visionária ou não; o que vale é a intenção dessa proposta, principalmente no sentido de tentar entender os condicionantes da produção e gestão da cultura cerquilhense, que também colaboram para ordenar o seu território urbano e rural, e identificam o seu Patrimônio e Paisagem Cultural, importantes no desenvolvimento das propostas planejadas, inclusive das atividades de turismo.

Quiçá, essa discussão paire no ar desse pedaço de chão e venham outros tecer os fios que ora se abreviam. E outros a serem entrevistados, e outros mais.

Na certeza dos inúmeros casos a serem lembrados ou ainda citados, para que se concretizem as propostas iniciais dessa pesquisa, há que se discutir o binômio “Patrimônio Paisagem” com a sociedade. E, bem citou uma das entrevistadas, há que envolver órgãos públicos privados, principalmente a Prefeitura e Câmara de Vereadores, entre tantos atores sociais e culturais da comunidade, sob pena de imparcialidades.

Perguntas tantas, que não querem calar, e respostas que flanam o pensamento diante do tempo disponível para expressar o quanto esse viver acadêmico gostaria satisfatórias. No entanto, permite-se chegar a um ponto que jamais quer ser final, mas há que se parar por aqui, sob pena de não se conseguir atingir o proposto, por conta do encerramento dessa especialidade, em ser professor de turismo, mais uma responsabilidade.

Até logo, até logo, companheiro,

*Guardo-te no meu peito e te asseguro:
O nosso afastamento passageiro
É sinal de um encontro futuro.*

*Adeus, amigo, sem mãos nem palavras.
Não facas um sobrolho pensativo.
Se morrer, nessa vida, não é novo,
Tampouco há novidade em estar vivo.*

1925

Sierguéi Iessiênin, apud SILVA (2000: 104)

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Regina e CHAGAS, Mário (orgs.). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- ANDERSON, Perry **As Origens da Pós-Modernidade**. Tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1999.
- ANDRADE, J. Vicente de. **Turismo: fundamentos e dimensões**. São Paulo: Ática, 1992.
- ARANTES, Antonio. *A Guerra dos Lugares: sobre fronteiras simbólicas e liminaridades no espaço urbano*. In: **Revista Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Rio de Janeiro, 1994. p. 191-203.
- BARCELLOS, Vicente Quintella. **Os Parques como Espaços Livres Públicos de Lazer: o caso de Brasília**. [Tese de Doutorado] São Paulo: FAU-USP, 1999.
- BARRETO, Margarita. **Turismo e Legado Cultural**. Campinas/SP: Papirus Ed., 2000.
- _____. **Manual de Iniciação ao Estudo do Turismo**. Campinas/SP: Papirus Ed., 1995.
- BARROS, Marcelo. *A intimidade com Deus na relação com a Terra*. In: **Anais de Resumos do Primeiro Encontro Internacional: A Carta da Terra na Perspectiva da Educação**. Org. Instituto Paulo Freire, São Paulo, 23 a 26/08 de 1999. Disponível em: <http://www.paulofreire.org/resumos.htm> - Acesso em 20/Out. de 2007.
- BLOCH, Marc. **Introdução a Historia**. Portugal: Europa América, 1997.
- BLOISE, Ana Silvia. **O que é Patrimônio Cultural?** [Apostila] *Workshop* da Secretaria Estadual de Cultura, Tatuí/SP: Casa da Memória Paulo Setúbal, Out. de 2007.
- BORTONE, Márcia Elizabeth. **Métodos de Pesquisa e Ensino**. [Apostila] Brasília: CET-UNB, 2008.
- BRASIL, Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República. *Cidade do Rio de Janeiro é lançada Patrimônio da Humanidade em Paisagem Cultural*. In: **Em Questão**, Boletim nº. 800, Brasília, 04/Maio de 2009. Disponível em: http://www.brasil.gov.br/noticias/em_questao/.questao/eq800b/ - Acesso em 5/Maio de 2009.
- BRASIL, Ministério do Turismo (M.Tur.). **Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil: Sustentabilidade Sociocultural**. Brasília, 2006. Disponível em: http://institucional.turismo.gov.br/regionalizacao/arqreg/doc_download/Sustentabilidade_Sociocultural_30012007.doc - Acesso em 18/01 de 2008.
- BRASIL. **Constituição Federal**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado S.A., 1988.
- BURLE MARX, Roberto. **Arte e Paisagem**. São Paulo: Nobel, 1987.
- CAMPOS, Francisco. **Casos Tatuianos**. 2006. Disponível em: http://casostti.blogspot.com/2006_10_15_archive.html - Acesso em 30/Nov. de 2007.
- CERQUILHO. **Localização e Dados: Aspectos Gerais da Cidade**. 2007. Disponível em: <http://www.cerquilha.sp.gov.br/produto.php?idProduto=62> – Acesso em 20/Abril de 2009.
- CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. Tradução de Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade, Editora UNESP, 2001.
- COELHO, Gustavo Neiva e VALVA, Milena D’Ayala. **Patrimônio Cultural Edificado**. Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 2001.

- COSTA, Cléria Botelho da. **Memória, Patrimônio e Turismo**. [Apostila] Brasília: CET-UNB, 2008.
- _____. **Responsabilidade Social, Turismo e Sustentabilidade Sociocultural**. [Apostila] Brasília: CET-UNB, 2007.
- CREA-SP, GT Patrimônio Histórico e Arquitetônico. **Patrimônio Histórico: como e porque preservar**. [Cartilha]. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2008.
- CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. *As Paisagens Artificiais Criadas pelo Turismo*. In: Eduardo Yázigi (org.). **Turismo e Paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002, p. 107-119.
- DIAS, Reinaldo e AGUIAR, Marina Rodrigues. **Fundamentos de Turismo: conceitos, normas e definições**. Campinas/SP: Alínea, 2002.
- FERRARA, Lucrecia D'Alessio. *Imagem da Cidade e Representação Urbana*. In: **SINOPSES**, Revista n. 16, São Paulo: FAU-USP, Dez. de 1991, p. 21-29.
- FUNARI, Pedro Paulo e PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. **Patrimônio Histórico e Cultural**. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2006.
- GAIOTTO, Maria Alice. (2006a) *Planejamento Territorial e Ambiental: uma proposta para o Município de Cerquillo e região de entrono - SP / Brasil*. In: **Anais do PLURIS/2006 – 2.o. Congresso Luso Brasileiro para o Planejamento Urbano, Regional, Integrado e Sustentável**, Braga [Portugal]: Universidade do Minho, 27 a 29/Set. de 2006.
- _____. (2006b) *Diagnóstico dos Impactos Sócio-Econômicos e Ambientais visando o Planejamento Territorial: uma proposta para a urbanização dispersa no Eixo da Rodovia Castelo Branco, na região do Baixo Rio Sorocaba e Médio Tietê-SP/Brasil*. In: **Anais do XII Congresso Ibero-americano de Urbanismo**, Salamanca [Espanha], 16 a 18/Out. de 2006.
- _____. *Aspectos sócio-ambientais dos resíduos na Bacia do Rio Sorocaba-SP: uma contribuição ao desenvolvimento regional do turismo ecológico*. In: **Anais do Congresso de Ciência e Tecnologia em Resíduos e Desenvolvimento Sustentável, ICTR'2004 - NISAM/USP, Florianópolis-SC**, 17 a 20/Out. de 2004.
- _____. **Água Viva: Contribuição ao diagnóstico das tendências Ambientais atuais ao Planejamento da preservação dos Recursos Hídricos da Sub-Bacia do Baixo Rio Sorocaba**. [Tese de Doutorado] São Paulo: FAU-USP, 2002.
- _____. **Relatório sobre o Município de Cerquillo**. [Apostila] Cerquillo: Assessoria de Planejamento da Prefeitura Municipal, 1997.
- _____. **O Espaço, o Homem e o Conforto Ambiental**. [Dissertação de Mestrado] Pontifícia Universidade Católica de Campinas/SP: Instituto de Filosofia, 1993.
- GAIOTTO, Maria Alice e ARGOLLO FERRÃO, André Munhoz de. *O Patrimônio Histórico-Cultural como ordenador da Paisagem na Bacia do Baixo Sorocaba, Região do Médio Tietê, em São Paulo*, In: **Anais do PLURIS/2008 – 3.o. Congresso Luso Brasileiro para o Planejamento Urbano, Regional, Integrado e Sustentável**, Santos/SP: 1 a 2 / Out. de 2008.
- GAMARRA, Yolanda. **La Cooperación Internacional en su Dimensión Cultural y el Progreso Del Derecho Internacional**. Madri [Espanha]: MAE Ed., 1998.
- GASTAL, Susana e CASTROGIOVANNI Antonio Carlos (orgs.). **Turismo na Pós-modernidade: (des) inquietações**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

- HEUSER, Donato M. D. e PATRICIO, Zuleica M. *Agroturismo no Contexto de Núcleos Familiares Receptores de Santa Rosa de Lima (SC): repercussões na qualidade de vida e caminhos para a sustentabilidade*. Capítulo 2. In: Anderson Pereira Portugal [et al.], **Turismo no Espaço Rural: Enfoques e Perspectivas**. São Paulo: Roca, 2006, p. 17-36.
- HOBSBAWN, Eric. **Sobre a História**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.
- ICOMOS, *Declaração do México*. In: **Conferência Mundial sobre as Políticas Culturais**, México, 1985. Disponível no Portal do IPHAN: <http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?jsessionid=C5F366D465A5C872BF50D0723DC23DC5?id=255> - Acesso em 18/Jan. de 2008.
- ICOMOS. *Carta de Turismo Cultural*. In: **Seminário Internacional de Turismo**, Bruxelas [Bélgica], 1976. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=248> - Acesso em 18/Jan. de 2008.
- INSTITUTO ESTRADA REAL – Disponível em <http://www.estradareal.org.br> - Acesso em 21/Jan. de 2008.
- IPHAN. **Cartas Patrimoniais** [Caderno de Documentos nº 3]. Brasília: IPHAN, 1995
- LARAIA, Roque de B. **Cultura, um Conceito Antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar Ed. 2001.
- LEENHARDT, Jacques. **Nos Jardins de Burle Marx**. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- LERNER, Dina. *Patrimônio Natural*, In: **INEPAC**, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <http://www.inepac.rj.gov.br/modules.php?name=Content&pa=showpage&pid=193> - Acesso em 07/Março de 2008.
- LYNCH, Kevin. **A Imagem da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- MACEDO, Sílvio Soares. *Paisagismo e Paisagem, Introduzindo Questões*, In: **Paisagem e Ambiente**. [Ensaio V], São Paulo: FAU-USP, 1994, p. 49-57.
- MARTINS, Ana Luiza. **Cerquilha, do Pouso de Tropas ao Parque Industrial – 1949 a 2004**. [Edição Comemorativa da Cidade de Cerquilha]. São Paulo: Prefeitura e Câmara Municipal de Cerquilha, 2004.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra. *A paisagem como fato cultural*. In: **Turismo e Paisagem**, São Paulo: Contexto, 2002. p. 29-64.
- MYANAKI, Jacqueline [et al.]. **Cultura e Turismo**. São Paulo: IPSIS, 2007.
- OLIVEIRA, Ana Gita. *Salvaguarda do Patrimônio Cultural: bases para constituição de direitos*, In: **Relação de Textos Especializados do IPHAN**, 2004. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/montarDetalheConteudo.do?> -Acesso em 25/Mar. de 2008
- OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer Pesquisa Qualitativa**. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2007.
- OTM. **Introdução ao Turismo**. São Paulo: Roca, 2001.
- ROTA DOS TROPEIROS. Disponível em <http://www.rotadostropeiros.net/> - Acesso em 21/01 de 2008.
- PEREIRA, Eduardo Carlos. **Núcleos Coloniais e Construções Rurais**. São Paulo: Atrativa Indústria Gráfica, 2006.

- PEREIRO, Xerardo. **Patrimonialização e Transformação das Identidades**. Disponível: http://home.utad.pt/~xperez/ficheiros/publicacoes/patrimonio_cultural/Patrimonio_Cultural_Identidades.pdf - Acesso em: 15/ Junho de 2008.
- PIRES Paulo dos Santos. *A Paisagem Rural como Recurso Turístico*, In: A. B. Rodrigues (org.) **Turismo Rural: práticas e perspectivas**. São Paulo: Contexto, 2001.
- PORTUGUEZ, Anderson Pereira. (Org.) *Aspectos Culturais do Turismo no Espaço Rural*. Parte I – In: **Turismo no Espaço Rural: Enfoques e Perspectivas**. São Paulo: Roca, 2006, p. 1-4.
- SANTOS, Cecília R. **Novas Fronteiras e Novos Pactos para o Patrimônio Cultural**. [São Paulo em Perspectiva] São Paulo, Abr./Jun. 2001.
- SANTOS, Milton. **A natureza do Espaço**; São Paulo: Hucitec, 1997.
- _____. **Metamorfose do Espaço Habitado**. São Paulo: Hucitec, 1994.
- _____. **Espaço e Método**. São Paulo: Nobel Ed., 1985.
- SANTOS, Vera Lucia dos, e MACHADO, Lucy M. C. Philadelpho. *Dimensões do Turismo no Espaço Rural: seus aspectos e a experiência da população local no Vale do Médio Tietê*. Capítulo 1. In: Anderson Pereira Portuguese [et al.], **Turismo no Espaço Rural: Enfoques e Perspectivas**. São Paulo: Roca, 2006, p. 5-16.
- SILVA, Paulo Celso da. **Do novelo de linha à Manchester Paulista: fabrica têxtil e o cotidiano no começo do século XX, em Sorocaba**. Sorocaba/SP: LINC, 2000.
- SILVEIRA, Maria Laura. **O Novo Mapa do Mundo: fim de século e globalização**. São Paulo: Hucitec, 1993.
- SLUSZZ, Thaisy. [et al.]. *Turismo e Lazer no Contexto da Multifuncionalidade Rural da Região Central do Rio Grande do Sul*. Capítulo 11. In: Anderson Pereira Portuguese [et al.], **Turismo no Espaço Rural: Enfoques e Perspectivas**. São Paulo: Roca, 2006, p. 145-157.
- TRIGO, Luiz Gonzaga Godoy. **Turismo e Qualidade: tendências contemporâneas**. Campinas/SP: Papirus, 1993.
- TUAN, Yi-Fu. *Corpo, Relações Pessoais e Valores Espaciais*. Capítulo 4. In: **Espaço e Lugar, a Perspectiva da Experiência**. Tradução Lívia de Oliveira, São Paulo: Difel Ed., 1983, p. 39-57.
- _____. *Meio Ambiente, Percepção e Visões de Mundo*. Capítulo 7. In: **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Tradução Lívia de Oliveira, São Paulo: Difel Ed., 1980, p. 86-105.
- UNESCO. Disponível em: <http://www://unesco.org.br> - Acesso em 07/Março de 2009.
- UNESCO. *Convenção sobre a salvaguarda do patrimônio mundial, cultural e natural*. 1972. In: **IPHAN: Cartas Patrimoniais**, Caderno de Documentos n° 3, Brasília: IPHAN, 1995.
- ZANIRATO, Sílvia Helena e RIBEIRO, Wagner Costa. *Patrimônio Cultural: a percepção da natureza como um bem não renovável*. In: **Revista Brasileira de História**, vol. 51, São Paulo Jan./Jun. de 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v26n51/12.pdf> - Acesso em 07/Março de 2008.
- SZMERECSEANYI, Maria Irene *Uma Pós-Modernidade Secular?* In: **Desígnio**, Revista n.º 01, São Paulo: FAU-USP e AnnaBlume – Março de 2004, p.23-32.

8. CRÉDITOS

FOTOGRAFIAS

Acervo Particular ¹ – **Hélio Massaiuky Tokuno**

Acervo Particular ² – **Antoninho Perri**

09/Nov. de 2005. Disponível em: <http://www.unicamp.br/unicamp/divulgacao/2005/11/09/pos-doutoranda-lanca-hoje-livro-de-poemas-trilinguee-> Acesso em 20/Abril de 2009

Acervo Particular ³ - **Fábio Barros**

Disponível em: www.panoramio.com – Acesso em 20/Junho de 2008.

Acervo Particular ⁴ – **José Geraldo Gaiotto**

Acervo Particular ⁵ – **Galeria de “cassifalcao”**

01/Dez. de 2007. Disponível em: <http://www.flickr.com/photos/cassifalcao> - Acesso em 20/Abril de 2009

Acervo Particular ⁶ – **Fábio Bellucci**